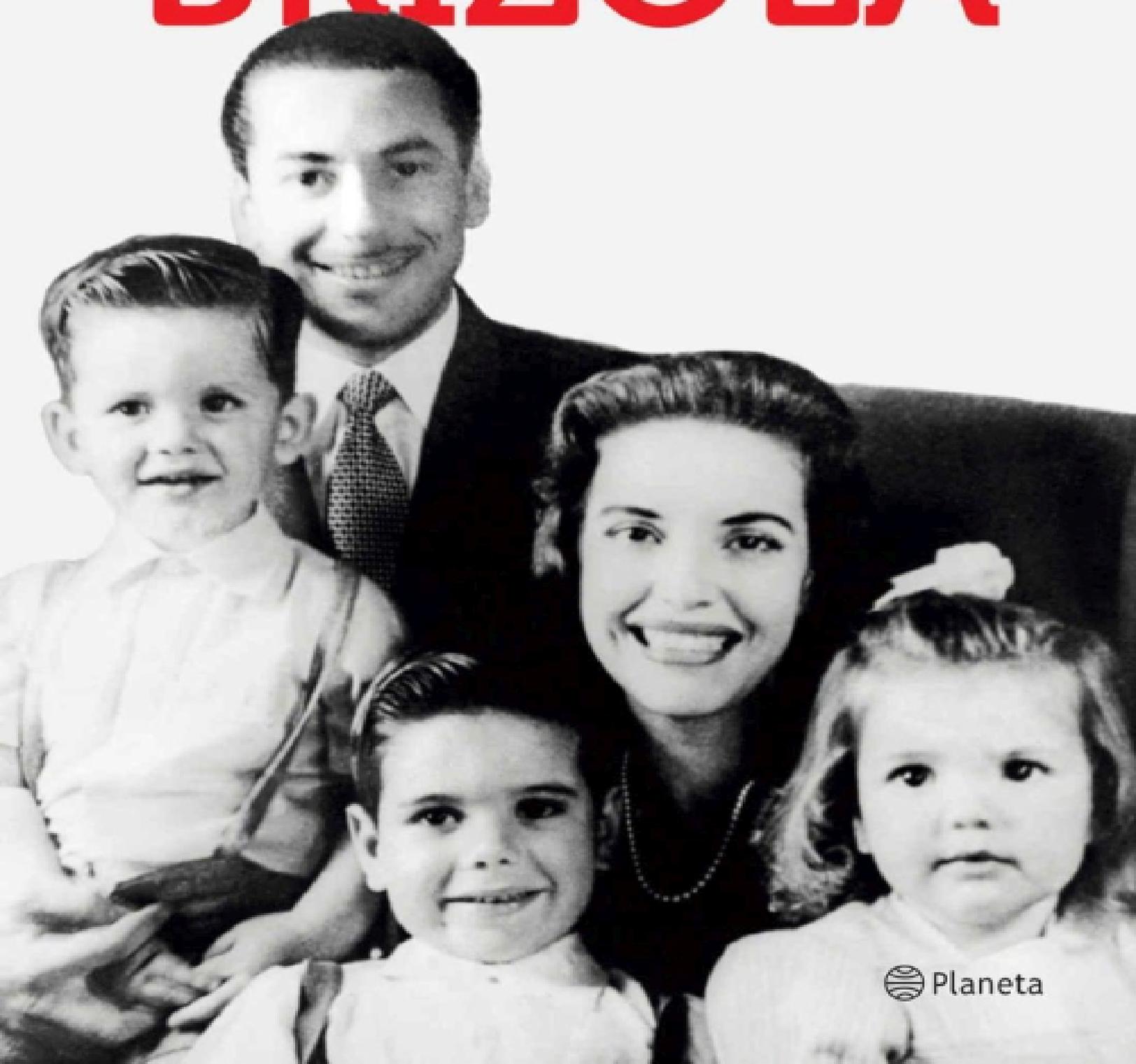


JOÃO BRIZOLA

MINHA VIDA COM MEU PAI,

LEONEL

BRIZOLA



DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe X Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

SOBRE A EQUIPE X LIVROS:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [X Livros](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais

lutando por dinheiro e poder,
então nossa sociedade poderá
enfim evoluir a um novo nível."

MINHA VIDA COM MEU PAI,
L E O N E L
BRIZOLA

JOÃO BRIZOLA

MINHA VIDA COM MEU PAI,

LEONEL

BRIZOLA

Copyright © João Brizola, 2016
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2016
Todos os direitos reservados.

Checagem de informações: Andressa Tobita

Preparação: Marina Vargas

Revisão: Elisa Martins e Maurício Katayama

Diagramação: Futura

Capa: Desenho Editorial

Imagem de capa: Arquivo pessoal

Adaptação para eBook: Hondana

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B879m

Brizola, João

Minha vida com meu pai, Leonel Brizola / João Brizola. - 1. ed. - São Paulo : Planeta, 2016.

ISBN 978-85-422-0629-6

1. Brizola, Leonel, 1922-2004. 2. Políticos - Brasil - Biografia. 3. Brasil - Política e governo. I. Título.

16-29981

CDD: 923.281

CDU: 929:32(81)

2016

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Padre João Manoel, 100 – 21º andar
Edifício Horsa II – Cerqueira César

01411-000 – São Paulo – SP
www.planetadelivros.com.br
atendimento@editoraplaneta.com.br

Este livro é dedicado aos milhões de crianças que vivem sem lar, sem destino, sem família, sem escola, sem perspectiva de vida futura, circulando anonimamente e ameaçados pela violência das grandes cidades brasileiras. Sem qualquer perspectiva de um futuro digno. Fica minha esperança que algum outro governante volte a preocupar-se em recriar uma escola digna e completa, o maior problema do Brasil. Sem resolver esta tragédia jamais seremos uma grande nação.

Ao João Eduardo, que me ensinou a ser pai.

SUMÁRIO

Agradecimentos

Prefácio

Introdução

Parte I — Antes do exílio

1. Sem retratos na parede
2. Origem nos pampas
3. Os Goulart perdem o patriarca
4. Os Brizola
5. Os opostos se atraem
6. O primeiro ninho
7. A casa no Moinhos de Vento
8. Infância protegida
9. O suicídio de Vargas
10. Carreira em ascensão
11. Despeito feminino
12. Os primeiros anos na escola
13. Morando em um palácio
14. Traquinices da infância
15. A fada madrinha
16. Meu tio, vice novamente

17. Viagem à Itália
18. Homens de temperamento
19. Praia e campo
20. Colisão de valores
21. O relacionamento com Jânio
22. A renúncia de Jânio e a Legalidade
23. A Varig e os acidentes de percurso
24. Um presidente na corda bamba
25. Entre beijos e faíscas
26. O Brasil mudava
27. O açoite militar
28. Prisão domiciliar

Parte II — O exílio

29. Família em fuga
30. Brizola escapa
31. O incendiário e o fazendeiro
32. A vida no exílio
33. Os planos revolucionários
34. O dinheiro de Cuba
35. Ações malsucedidas de guerrilha
36. Espionagem e paranoia
37. Entre o marido e o irmão
38. O confinamento em Atlântida
39. Uns tipos bizarros
40. Vivendo do meu jeito
41. De mentor de guerrilha a fazendeiro

42. A volta de dona Neusa
43. Na efervescência londrina dos anos 1960
44. Criador de gado
45. Desacatando o sistema
46. Em busca do tio
47. Tocando a própria vida
48. As garras do Condor
49. A morte de tio Jango
50. Fuga para a América
51. Vivendo no eixo Nova York—Lisboa
52. Colaboradores inesquecíveis

Parte III — A volta ao Brasil

53. Um retorno epopeico
54. A perda da sigla
55. O nascimento do PT
56. Brizola procura, Lula reage
57. O retorno ao Executivo
58. Fraude nas urnas
59. Governando o estado do Rio
60. Energias em desalinho
61. Relacionamento com a Globo
62. Brizola sempre incomodando
63. Tentando a presidência
64. Finalmente o encontro com Fidel Castro
65. O velho político e as novas lideranças
66. Revisitando o Palácio

67. Perdas importantes
68. Filhos: orgulhos e mágoas
69. O final da vida

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer as pessoas que ajudaram a mim e a minha família no exílio. São elas: João Carlos Guaragna, João Carlos Macedo (Cacaio), João Vicente Goulart (meu primo) e Luiz Macedo — com quem eu aprendi que o meu pai não era o dono da verdade, além de ter me dado cobertura por alguns anos. Existem muitos outros, não menos importantes, a quem deixo minha homenagem aqui.

PREFÁCIO

Em homenagem ao presidente Tancredo Neves no primeiro aniversário de sua morte, o deputado Ulysses Guimarães subiu à tribuna do Congresso Nacional e fez um memorável discurso.

Entre outras frases de efeito, em que contava a trajetória do homem que morreu logo depois de ser eleito presidente, Dr. Ulysses citava o filósofo alemão Friedrich Nietzsche: “Os políticos constroem as suas casas na beira do abismo”... O velho e experiente homem público mostrava com esta metáfora o quanto pode ser dramática a escolha daqueles que jogam toda a sua vida na política.

No dia seguinte, eu viajava com o governador Leonel Brizola para uma reunião nos Estados Unidos e, no avião, mostrei a ele uma cópia do discurso.

Depois de ler atentamente, Brizola, muito emocionado, o que era raro, me disse: “Esse ‘velho’”, assim ele se referia a Ulysses, “é um bruxo. Neste discurso ele resume a tragédia que é quando nos entregamos de corpo e alma na vida política”. E acrescentou: “Vou levar para a Neusa”. Quando Brizola “levava” alguma coisa para a dona Neusa, é porque tinha lhe tocado o coração.

Lendo o que João Otávio escreveu, eu me lembrei dessa passagem, e de muitas outras, nos anos em que colaborei e fui amigo do governador Leonel Brizola.

Este livro não conta apenas uma parte da saga vivida por Brizola, dona Neusa, e seus filhos. Conta também momentos e pensamentos do presidente João Goulart no seu exílio no Uruguai.

Retrata o sofrimento de uma família que, perseguida por motivos políticos, é obrigada a se exilar, deixar todos os seus bens, os seus amigos mais queridos, e recomeçar uma vida do zero e totalmente estranha.

O livro é ainda mais do que isso. É um grito de um filho que durante muito tempo “perdeu” o pai, que, ao contrário dos pais ditos “normais”, só pensava em planejar a sua volta para o Brasil e retomar o que de mais importante haviam lhe tirado: a vida pública, e a sua luta por um país mais justo. “Eu não vi os meus filhos crescerem”, me disse Brizola num dia em que me contava a sua dramática passagem pelo exílio e pela política.

“Perdi muitos e bons anos com minha família, afundado que estava na ideia fixa de voltar ao Brasil.”

Imagino o quanto João Otávio, que era o filho com quem Brizola tinha mais afinidade, sofreu para escrever as suas memórias, muitas delas de uma infância perdida, depois de tantos anos e tantas reflexões.

Em certas passagens, o autor faz um minucioso relato da intimidade de uma família cuja mãe era produto da aristocracia rural gaúcha, e o pai, filho de simples camponeses.

Desse choque de realidades tão distantes, nasceu um profundo amor, e mesmo quando João revela que seu pai teve momentos de pequenas “aventuras”, revela também que este nunca deixou de

amar e cuidar daquela mulher que entregou a vida ao homem que foi a sua grande e permanente paixão.

Pela convivência que eu tive com eles, pude ser testemunha desse amor absoluto. Nunca vi alguém ser tão carinhoso com uma mulher quanto Brizola foi com dona Neusa. E nunca vi uma mulher ser tão apaixonada por um homem quanto ela foi por ele.

A perseguição que ambos sofreram, a casa invadida e destruída, o exílio durante quinze longos anos, nada foi capaz de destruir a ligação visceral que eles tinham um com o outro. Ao contrário, as decepções, as tristezas e a distância da pátria, a depressão que ela sofreu durante anos só os uniu ainda mais.

Dona Neusa entregou praticamente todos os seus bens para ele, mesmo sabendo que grande parte deles seriam empregados na sua vida política, mas nem de longe essa foi a sua maior preocupação. A sua grande dor, que João Otavio bem relata, foi o distanciamento e a briga que envolveu o seu marido e o irmão que ela também amava.

Mais uma vez a política se imiscuía destrutivamente na vida familiar, e durante muitos e muitos anos Brizola e Jango se afastaram completamente, e só João Otavio, com o seu jeito contemporizador, pôde conviver com o ex-presidente, mesmo sob o olhar descontente do pai.

Dessa convivência próxima e amena com o tio, João Otavio mostra como os dois políticos tinham visão de vida e temperamentos diferentes, e quanto isso foi fundamental no golpe de 1964, quando Jango não via condições objetivas para resistir, e Brizola, com a sua "coragem inconsciente", como ele me disse certo dia, queria resistir a qualquer custo.

Escrevendo as suas memórias, João Otavio nos faz um relato franco do seu ponto de vista, de tudo o que sentiu e viveu. Como dizia José Aparecido de Oliveira, seu adversário muitas vezes, "Brizola foi o homem público com a melhor biografia na história da nossa República".

E eu acrescento que a sua coerência e a sua coragem serão sempre um exemplo edificante para as futuras gerações.

Roberto D'Avila

INTRODUÇÃO

“Seu pai queria combatê-los”, tio Jango me disse tempos depois. “Mas eu deixei claro que não o seguiria. Foi uma conversa muito áspera naquela noite, 1o de abril de 1964.”

Sempre imaginei como meu pai deve ter protestado naquele momento, gritando e provavelmente batendo na mesa com o punho e insistindo, como sempre fazia com os interlocutores: “Mas, Jango, o Terceiro Exército estará conosco. Podemos levantar um movimento popular de novo e repetir o que fizemos em 1961!”.

Ele seguia apostando no sonho, sempre querendo insuflar os ânimos, mas em 1964 as coisas estavam diferentes. Na época da Legalidade, todo mundo aderiu sem pestanejar. Já naquele momento, havia um titubeio, não mais a mesma unanimidade. Lá em casa, entre nós, anos depois, no entanto, ele muitas vezes repetiu, lembrando aquele momento crucial: “No fundo, eu sentia que não era mais a mesma coisa”.

“Eu disse a ele: ‘Não temos chance, Brizola. Nós não vamos conseguir. Isso só pode levar a um derramamento de sangue’. Esse foi o momento em que cada um de nós fez sua escolha e, a partir daí, seguimos caminhos separados. Você sabe, quando eu me encontrei com o presidente Kennedy, ele me disse que via seu pai

como 'um inimigo da América'. Eles nunca iriam permitir nossa permanência no poder, uma vez deflagrado o golpe."¹

Tenho certeza de que meu tio sabia por que não haveria chance. Mas isso ele nunca revelou a meu pai. Contudo, não fosse o espírito de luta do meu pai, Jango jamais teria se tornado presidente, e a história de nossa família — e talvez do Brasil — teria sido muito diferente.

Porém, se o pleno espírito da Legalidade tivesse chegado até Brasília, e meu tio tivesse assumido a presidência com a plenitude dos poderes que a Constituição lhe garantia — e havia no momento condições para isso —, a história talvez tivesse sido diferente também...

Existem muitas versões e muita deturpação de tudo o que já foi publicado sobre esse período tão importante da história brasileira. Pessoas ao meu redor, parentes e até amigos do meu pai me estimulavam a contar como foi esse período, pela minha visão, em um livro. Aos poucos fui me convencendo. O projeto de escrever este livro começou a germinar dentro de mim em 2010. Nessa época meus irmãos ainda eram vivos, mas eu sabia que eles não o fariam.

Meus primos, João Vicente e Denise, filhos de João Goulart, também acompanharam toda essa odisseia, mas certamente as imagens que têm e as experiências que viveram foram diferentes. Somente eu sou agora capaz de dizer o que foram aquelas três semanas de 1964 escondidos dentro da casa de minha tia, desde o golpe militar, em 31 de março, até o dia em que saímos do Brasil sem bagagem nem documentos, como fugitivos. E o que foram os

quinze anos de exílio, desde o momento em que chegamos a uma Montevideú cinza e chuvosa.

Como a única parte remanescente de tudo que a família Brizola viveu nessas décadas tão turbulentas, acho importante contar como foram aqueles tempos para nós. Não há como uma experiência de tal calibre não marcar a vida de uma pessoa. Este livro deve servir para que eu, testemunha viva desse capítulo da história brasileira, compartilhe o que foram aqueles dias intermináveis, não apenas para o meu pai, mas para todos nós.

Vou também falar do orgulho de ser filho do único político brasileiro a ser eleito governador por três vezes (uma pelo Rio Grande do Sul, e duas pelo Rio de Janeiro). Seus três mandatos foram exercidos com enorme eficiência e contas bem gerenciadas, sem dívidas, sem escândalos de corrupção e com altas taxas de crescimento. Ele sempre procurou fazer grandes investimentos na educação e melhorar as chances da população mais pobre, sempre em desacordo com a elite política, que preferia manter a mão de obra barata, a fim de proteger suas fortunas. Queria diminuir o abismo entre ricos e pobres — ainda hoje um dos maiores do mundo —, justamente o que os ricos mais temem.

Meu irmão José Vicente, embora afilhado de batismo, nunca foi muito próximo de tio Jango. Meus primos João Vicente e Denise conheceram meu pai, mas nunca tiveram uma convivência estreita com o tio. Por um capricho do destino, tive a chance de conviver com esses dois grandes homens.

Minha grande preocupação foi ser exato e não deturpar os fatos. Porque é muito fácil distorcer, manipular ou fantasiar uma situação,

ou lidar com a memória com base em ressentimentos ou apreços pessoais. Tentei ser o mais imparcial possível, relatando os fatos como realmente se deram, para não ser injusto com ninguém, muito menos quando se trata daqueles que não estão mais entre nós. Mas é claro que só posso contar pela única ótica possível: a minha, de filho, sobrinho, irmão, primo e neto.

Acho que este livro poderá servir igualmente de mensagem para os filhos de políticos, principalmente os de esquerda, que precisarão, assim como nós precisamos, aprender a lidar com todos os problemas, dificuldades e sequelas resultantes dessa condição. Muito embora hoje não existam mais os políticos idealistas dos anos 1960 e 1970, que queriam transformar o mundo. O objetivo das pessoas atualmente não é mudar o país para melhor, é cada um resolver sua vida.

As passagens que narro fazem parte de quem sou hoje. E tudo que espero é honrar a memória dos meus antepassados em suas trajetórias de luta.

Parte I — Antes do exílio



1. Sem retratos na parede

Nossa família era diferente das demais em muitos aspectos. Nas diversas casas em que moramos não havia porta-retratos ou fotos emolduradas que mostrassem a nossa história. Pelo fato de meu pai ser político, nenhum endereço era definitivo, estávamos sempre de passagem. Também nunca tivemos retratos de nossos antepassados. Eu e meus irmãos crescemos sem ver imagens de nossos pais quando jovens; tudo o que sabíamos era o que eles nos contavam.

Minha mãe faleceu em abril de 1993, mas foi apenas depois da morte de meu pai, em junho de 2004, ao visitar o apartamento que ele mantinha em Montevideú, no Uruguai, para fazer um inventário do que havia lá, que pude examinar com calma os guardados da família e os álbuns de casamento deles. Só então pude visualizar um pouco de sua história.

Eles se casaram em 1o de março de 1950, um ano depois de meu pai se formar engenheiro e meses antes de Getúlio Vargas ser eleito presidente. Leonel, um jovem e promissor político de 28 anos, e Neusa, que tinha a mesma idade, era extremamente bonita, inteligente, rica e dividia com o irmão João a administração dos bens da família Goulart. E como eram bonitos!

A cerimônia aconteceu na Fazenda Yguariaçá, a principal propriedade dos Goulart, em Itacurubi, então distrito de São Borja,

seiscentos quilômetros a oeste da capital Porto Alegre. Depois da festa, os noivos rumaram para a lua de mel em Montevideu, onde se hospedaram no hotel Cottage, e em seguida foram para Buenos Aires.

Reverendo os guardados tive consciência da importância daquele casamento. Uma verdadeira viagem no tempo! Ali estavam fotos inéditas e maravilhosas de meu pai, posando ao lado de meu tio João Goulart e de personalidades locais, e um bom volume de recortes de notas sobre o evento publicadas nas colunas sociais da região.

Naqueles álbuns, estavam as fotos da viagem de lua de mel, as etiquetas do hotel, tudo guardado com visível carinho pela minha mãe. Havia até a lista de presentes que o casal havia ganhado, com anotações feitas à mão por ela. Uma era especial: “Convidado de honra: Dr. Getúlio Vargas”. Sim, o são-borjense ilustre, prestes a assumir o segundo mandato como presidente — desta vez eleito pelo voto popular —, não deixaria de prestigiar o casamento do deputado estadual que já dava sinais de que iria agitar bastante a cena política brasileira.

Por 43 anos meus pais se apoiaram em uma união cheia de altos e baixos, mas muito apaixonada.

2. Origem nos pampas

Somos do Rio Grande do Sul, estado mais ou menos do tamanho da Grã-Bretanha, vizinho da Argentina e do Uruguai, antigas colônias espanholas. Nos primórdios, o Rio Grande era bem a “última fronteira” ao sul do país, sem mineração, sem ouro nem extração madeireira; lá havia apenas pastagens em uma região remota demais para interessar aos que colonizaram nosso país. O gado começou a se espalhar entre os pampas e a formar esse cenário, berço do povo gaúcho.

O Brasil é um dos maiores países do mundo, com muita diversidade étnica, culturas locais bem diferenciadas e uma população que hoje supera os 200 milhões de habitantes. Em seus primórdios, o país expandiu as fronteiras para o sul, ocupando territórios espanhóis ainda não povoados, dando conformidade ao Rio Grande, região que se tornou, tempos depois, muito importante estrategicamente.

O estado do Rio Grande pode ser dividido em três zonas. As terras altas foram colonizadas principalmente pelos milhares de alemães que imigraram para o Brasil a partir do final do século XIX, dando origem a cidades serranas como Gramado, Canela e São Francisco do Sul. As terras de altitude média foram o destino de um grupo pouco menor de italianos, que se instalaram em cidades como

Caxias do Sul. Já os portugueses se estabeleceram sobretudo nas planícies onduladas (coxilhas) e demais regiões. Essas três populações se misturaram ao longo do tempo e o povo gaúcho é o resultado de todas essas influências.

Muitos historiadores tentaram descobrir a origem exata da família Goulart.² Uma das versões mais difundidas é que eles vieram da Bélgica,³ via ilhas de Cabo Verde, fixando-se no sudoeste rio-grandense, região próxima às fronteiras com a Argentina e o Uruguai, onde foi fundada a cidade de São Borja, originalmente um dos Sete Povos das Missões dos jesuítas no Brasil, no século XVII. Há inclusive alguns registros, embora precários, desse nome de família a bordo de navios que chegaram da Bélgica por aquela época. Em São Borja, meu avô, Vicente Rodrigues Goulart, tornou-se um grande produtor rural. Suas fazendas de gado somavam mais de 50 mil hectares em uma gigantesca área pouco povoada.

Há uma segunda versão, contada por minha mãe, de que a família era de origem portuguesa e chegou ao Brasil via São Paulo e Rio de Janeiro, estabelecendo-se por fim no Sul do país. De acordo com essa versão, a família originalmente se chamava Colarte e, quando enriqueceram, resolveram "afrancesar" o nome para Goulart. Existe inclusive um lugar chamado Passo do Colarte, perto de São Borja, que minha avó garantia pertencer a familiares, o que poderia reforçar a tese. Mas não há registros de nada disso, tampouco sabemos quem foram os primeiros da família a chegar. Minha mãe às vezes se referia a sua "vozinha", mas não chegamos a conhecê-la, nem por retrato. Existe ainda uma terceira versão, segundo a qual nossos antepassados haviam chegado ao Brasil junto com outros

casais açorianos e teriam ajudado a fundar a cidade de Porto dos Casais, hoje Porto Alegre.

Quando meu tio se tornou presidente, muita gente correu atrás da árvore genealógica da família. Existem diversos trabalhos e várias suposições a esse respeito, mas digamos que essas três sejam as que têm mais fundamento. A verdade exata ainda está envolta em mistério, talvez para sempre.

Na sequência da Revolução de 1930, Getúlio Vargas assumiu a presidência do Brasil por quinze anos. Em 1945, fundou o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e assumiu a presidência novamente em 1950, dessa vez em eleições diretas, com 49% dos votos.

Vargas nasceu em São Borja, terra do meu avô, que era coronel de regimento da fronteira.⁴ Meu avô Vicente nunca ocupou cargos políticos, mas lutou ao lado de Getúlio, seu amigo e vizinho, na Revolução de 1930, o que provavelmente lhe facilitou fechar muitos negócios lucrativos. Minha mãe foi batizada pelo senhor Protásio Vargas, irmão de Getúlio, e por sua mulher, o que demonstra quanto as famílias eram ligadas. Meu avô Vicente ficou especialmente rico com a venda de charque (também chamado de carne-seca) durante a Segunda Guerra Mundial e sempre foi chamado de coronel, tanto por seu passado de lutas, como por ser essa a denominação dada aos grandes proprietários de terras.

Meu pai era um grande admirador de Vargas, em parte por causa das reformas que ele fez em favor dos pobres, mas também porque o próprio Vargas mudou radicalmente durante seu tempo no poder, movendo-se da direita para a esquerda. "Meu filho, você vai ver muitos políticos irem da esquerda para a direita, tentados pelo

dinheiro e pelo poder. Muito poucos têm a convicção necessária para se mover da direita para a esquerda”, costumava dizer.

3. Os Goulart perdem o patriarca

Minha mãe, Neusa, foi a sétima de oito filhos na família de fazendeiros ricos e poderosos formada por meu avô Vicente e por minha avó Vicentina Marques Goulart (vó Tinoca). Pela ordem, Eufrides (a Fida), Maria, Yolanda (a Landa), Jango (batizado João Belchior Marques Goulart), Tarsila (Sila), Rivadávia (falecido ainda menino), Neusa e Ivan.

Quando meu avô morreu, em 1943, aos sessenta anos, vítima de leucemia, minhas tias mais velhas, todas casadas, preferiram seguir cuidando das próprias vidas. Restou a Jango, aos 25 anos, administrar o imenso patrimônio da família e, antes de completar trinta, já era um dos estancieiros mais influentes da região. Minha mãe, aos 21 anos, dividia com o irmão a responsabilidade pela gestão financeira e, no processo, os dois se tornaram muito próximos.

Minha mãe estudou até o curso Normal, como era comum entre as moças solteiras de então. E meu tio formou-se em Direito ao mesmo tempo em que começava uma carreira na política, tornando-se ministro do Trabalho de Vargas, em 1953. Em sua gestão, Getúlio introduziu algumas mudanças muito necessárias para os trabalhadores oprimidos, que, entre outras coisas, passaram a poder viver do novo salário mínimo, o que enfureceu os ricos. Vargas era

visto por muitos da direita como perigosamente radical. E foi justamente essa direita que forçou Jango a deixar o Ministério do Trabalho.

Imaginem só ele, bonito, com grande ascendência política, e ela, linda, rica e inteligente: os irmãos provocavam inveja em muita gente, ao mesmo tempo que atraíam os tipos mais variados de pretendentes.

4. Os Brizola

Talvez os Brizola tenham uma origem mais definida. Em 1822, diversos membros da família italiana vieram da Sicília em um navio e, ao chegar em solo brasileiro, dividiram-se em duas ramificações: uma permaneceu no estado de São Paulo, mais precisamente na região de Sorocaba, e a outra seguiu para o Sul, para trabalhar no campo. Não existem, contudo, registros que comprovem essa versão. Certa vez, porém, viajando pela Itália, meu pai constatou que havia uma página e meia de pessoas com o sobrenome Brizola na lista telefônica de Reggio Calabria, importante cidade no sul do país, próxima da Sicília.

Venho dessa linhagem sulista que se estabeleceu na região de Carazinho, ao lado de Passo Fundo, no noroeste do Rio Grande do Sul. Meu avô, o lavrador José de Oliveira Brizola, foi um líder rebelde entre os fundadores da região. Morto por degola durante a Revolução Federalista de 1923, enquanto lutava nas tropas de Joaquim Francisco de Assis Brasil (maragatos), que combatiam os republicanos de Borges de Medeiros (chimangos), no poder havia vinte anos.⁵ Meu pai, nascido em 22 de janeiro de 1922, tinha pouco mais de um ano quando perdeu o pai. O fato de ser filho desse verdadeiro mito local colaborou bastante para ele construir a própria imagem, começando a ganhar notoriedade e poder.

Minha avó, Oniva de Moura Brizola, teve quatro filhos no primeiro casamento: os meninos Paraguaçu, Frutuoso (o Xito) e Itagiba (todos nomes indígenas), e minha tia Francisca (apelidada Quita). Batizado como Itagiba de Moura Brizola, quando precisou tirar os documentos para trabalhar, meu pai foi ao cartório e registrou-se com o mesmo nome de um líder maragato, Leonel Rocha.

Meu tio Paraguaçu era um típico camponês e morava em Passo Fundo. Já o tio Xito, não conheci muito. Lembro bem de tia Quita, a mais velha. Ela era uma senhora gordinha e autoritária. Botava o dedo na cara dos irmãos, inclusive meu pai, sem o menor constrangimento, na frente de quem quer que fosse.

Tia Quita não tinha limites em seu autoritarismo. Certa vez, no carnaval de 1984, o primeiro no novo Sambódromo, eram mais ou menos três da madrugada quando ela apareceu sem avisar, acompanhada de umas seis pessoas — todas com fantasias extravagantes demais para o camarote do governador e cheias de energia carnavalesca —, querendo entrar, obviamente sem nenhum convite. Como esperado, a segurança não permitiu. Ela então começou a reclamar alto, a gesticular e a dizer de forma intimidativa: “Vim lá do Rio Grande, há de nascer quem me impessa de entrar nesse camarote, sou Quita a irmã do governador”. Acabou armando uma tal cena que meu pai foi chamado e teve que ouvir dela: “Leonel, queremos entrar. Vire-se”, disse ela com seu habitual dedo em riste e sotaque sulista carregado. E, claro, ele teve de dar um jeito. Ela e seus convidados sambaram até o amanhecer, para horror de meus pais.

Vó Oniva foi uma mulher humilde, trabalhadora e bastante discreta. Descendente de portugueses, sempre deixou claro para os filhos que teve que se casar novamente para conseguir manter-se e a eles. O escolhido foi um colono vizinho chamado João Gregório Esteri, também viúvo e já pai de cinco filhos (não cheguei a conhecê-lo). Teve ainda mais um filho com o segundo marido, batizado com o nome de Jesus. Diga-se de passagem, dona Oniva era imbatível na escolha de nomes para os filhos...

Alfabetizado por minha avó, o pequeno Leonel (que nessa época ainda era Itagiba) cursou a escola primária em Passo Fundo. Em 1936, aos catorze anos, mudou-se sozinho para a área metropolitana da capital Porto Alegre, matriculando-se no Instituto Agrícola de Viamão, onde se formou técnico rural. Nessa época, trabalhou como graxeiro em uma refinaria em Gravataí.⁶

Fez o segundo ciclo no Colégio Júlio de Castilhos, em Porto Alegre. Durante parte da fase de estudos, morou em uma pensão de propriedade de um casal metodista que teve muita influência em sua vida. O homem chamava-se Isidoro e era pastor protestante. Enquanto estudava, Leonel fez de tudo um pouco para sobreviver e ainda ajudar financeiramente a família: foi contínuo, ascensorista, engraxate e funcionário dos Correios, entre outros trabalhos, até ingressar na Universidade do Rio Grande do Sul e formar-se engenheiro civil. Vez por outra, enviava cartas para a mãe com parte do dinheiro que conseguia economizar com muito esforço.

Na universidade, meu pai começou a se interessar por política, sendo muito influenciado por Osvaldo Aranha, que, alguns anos depois, voltaria a ser ministro da Fazenda do segundo governo de

Getúlio Vargas. Logo o jovem Leonel se tornaria líder estudantil. Elegeu-se deputado estadual pelo Rio Grande em 1947, após o fim do Estado Novo.

Suas ideias o levaram ao Partido Trabalhista Brasileiro, na época recém-fundado por Getúlio Vargas, o mesmo partido de meu tio Jango. E foi frequentando encontros políticos, já como deputado, que conheceu minha mãe, de pele alva, cabelos claros, olhos castanhos e porte altivo. Ele sempre contava que devia ter sido um amor à primeira vista ou algo assim. Não sabendo como se aproximar, pediu a todos os presentes naquela convenção do PTB em Porto Alegre, no final dos anos 1940, que deixassem nome e endereço. E logo constatou: "Ah, é a irmã do Janguinho". Era assim que os mais próximos o chamavam, inclusive nós, da família.

Com a atração, logo começaram a se encontrar. Mas o relacionamento se consolidou como namoro de fato quando, certa noite de inverno, meu pai, ainda dividindo um apartamento com amigos em Porto Alegre, ficou doente, com uma gripe muito forte, que o fazia arder em febre. Ele sempre contava que foi conquistado de vez ao vê-la irrompendo em seu quarto, extremamente bem vestida, destoando completamente do ambiente daquela república de jovens, em condições similares às de um acampamento. Sem pensar duas vezes e mostrando-se subitamente desprendida, jogou no chão a elegante estola de *vison* e se aninhou ao seu lado na cama até o dia amanhecer. A beleza da cena da chegada daquela mulher tão linda e segura de si o acompanhou por toda a vida. Foi quando, definitivamente, eles se apaixonaram.

Leonel e Neusa eram jovens, vigorosos e faziam um belo par com planos de se casar logo. Tenho para mim que minha mãe escolheu esse homem forte justamente para contrabalançar a influência do irmão, outro homem forte em sua vida. Acredito que buscava um companheiro que fosse capaz de cuidar dela e com quem pudesse formar uma família grande, tal como suas irmãs, que tiveram muitos filhos. Minha tia Landa, por exemplo, teve sete. Mas o destino não permitiu que minha mãe fosse além dos três primeiros, uma vez que sempre teve gestações difíceis. Certa vez quis comentar esse assunto com meus pais, mas eles logo cortaram a conversa, o que me levou a crer que eu estava certo.

Tio Jango também foi contra a vontade da avó Tinoca quando se casou, cerca de cinco anos depois, com a bela Maria Teresa Fontela. Apesar de muito criticada pela família, ela sempre esteve a seu lado, até o fim, apoiando-o em tudo. Nunca compactuei com a rejeição que a avó Tinoca, minha mãe e minhas tias lhe impuseram.

5. Os opostos se atraem

Mesmo tendo sido criada em um meio de poder e posses, e de ter sido cortejada por diversos pretendentes, muitos deles ilustres, minha mãe não resistiu ao conhecer o jovem e impetuoso engenheiro civil Leonel, apesar de sua origem modesta. Logo ele seria o mais bem cotado no páreo. O namoro foi curto e em pouco tempo se casaram.

Por seu lado, meu pai, como um homem profundamente carismático e altamente ambicioso, deve ter considerado que aquele seria o casamento perfeito, apesar do fato de se sentir desconfortável com a riqueza da família de minha mãe e com muitas das atitudes dos Goulart. Mas as vantagens foram muitas, sobretudo as conexões que a união propiciou. Como, por exemplo, ter tido o presidente Getúlio Vargas como padrinho de casamento, o que apenas explicita o quanto esse clã era poderoso.

Não se pode negar que a união dos meus pais tenha se dado muito em função de interesses políticos. No entanto, todos os que conviveram com eles puderam testemunhar o quanto sempre foram apaixonados, apesar das enormes diferenças. Dona Neusa, como era chamada, era ativa, caprichosa e reservada em público. Ele, temperamental, intenso e mais rude. Mesmo assim, sempre foram confidentes, cúmplices e amigos. Toda a vida meu pai a chamou de

“minha queridinha”. Era sempre ele a figura central, e ela, a elegância discreta que o acompanhava em algumas ocasiões. Era o casal perfeito para a época, um modelo para os demais.

6. O primeiro ninho

Ao voltar da lua de mel, o casal foi morar em um apartamento no edifício Dom Feliciano, localizado na praça de mesmo nome, número 56, bem no centro de Porto Alegre, capital que, na época, não devia ter mais que 400 ou 500 mil habitantes. Um ponto bastante valorizado. Ali nasceu, em abril de 1951, José Vicente, meu irmão mais velho. Como era costume na época, seu nome resultava da combinação dos nomes dos dois avôs.

No ano seguinte, compraram uma casa no bairro Moinhos de Vento, mais afastado do centro, mudando-se para lá com meu irmão ainda bebê. Todas as irmãs de minha mãe moravam nesse bairro, em um raio de trezentos metros. Em dezembro de 1952, nasci nessa casa e fui batizado João Otavio (em homenagem a um senhor de idade que ajudou a criar o meu pai em Carazinho depois que a sua mãe ficou viúva, e a quem ele foi muito afeiçoado). E quase dois anos depois, em novembro de 1954, nasceu minha irmã Neusa Maria — a Neusinha.

7. A casa no Moinhos de Vento

Nem preciso fazer muito esforço para lembrar como era a casa da rua Tobias da Silva, número 66, nos primeiros tempos, antes da reforma. Quando somos criança tudo parece maior do que é de fato. Agora, com o distanciamento da idade, recordo que era uma casa ampla de dois andares, rodeada por um grande pátio.

Do *hall* de entrada, no térreo, avistava-se a sala de visitas em estilo francês bastante sóbrio. Caminhando mais um pouco, havia a sala de jantar, com mesa para doze pessoas e cadeiras forradas de veludo bordô. O mobiliário era típico dos anos 1950, *art déco*, de madeira maciça e escura. Nos fundos ficavam a cozinha, a copa e a despensa, sempre cheia, sempre farta.

A escadaria que levava para o andar superior também era de madeira escura, com um corrimão trabalhado e forrada com um tapete árabe de cujos desenhos me lembro até hoje. Meus pais dormiam no quarto maior, nós em outro, e o terceiro inicialmente funcionava como escritório do meu pai. Tempos depois ele transferiu o escritório para o andar de baixo, deixando um quarto só para minha irmã. Em todos os lugares em que moramos, meu pai sempre fez questão de ter um gabinete espaçoso para trabalhar e receber as pessoas.

Nossa casa tinha uma biblioteca razoável, repleta de revistas do mundo todo, sobretudo de fotonovelas — gênero que fazia muito sucesso na época e que minha mãe adorava, acompanhava todas. Meu pai tinha pouco tempo disponível para leitura, embora sempre nos incentivasse a ler, comprando-nos diferentes coleções sobre os assuntos de que gostava. Nossas favoritas, no entanto, para seu desgosto, eram as conhecidas revistas em quadrinhos norte-americanas, traduzidas para o português. Em um determinado momento, ainda governador do Rio Grande do Sul, ele decidiu editar duas HQs bem gaúchas para contrabalançar as importadas. Chamavam-se *Piazito* e *Lupinha*. Não lembro quem as escreveu, só lembro que não agradaram. Aliás, as únicas HQs brasileiras da época que agradavam eram as do Ziraldo, que inteligentemente utilizava a mesma editora das HQs norte-americanas.

Meu pai apreciava tanto as histórias em quadrinhos que ficaria feliz em saber que, em 2012, durante as comemorações de um ano do Memorial da Legalidade, foi lançada uma revista que conta, por meio de desenhos, como foi a Campanha da Legalidade (que explicarei mais adiante), uma forma de fazer os jovens compreenderem aquele importante episódio da história política brasileira.

Voltando àquela época no Moinhos de Vento, havia dois motoristas. Seu Oscar era escalado especialmente para atender as crianças em todas as saídas, levando-nos a todos os lugares em seu Chevrolet Bel Air 1957, modelo estilo “rabo de peixe”, bem norte-americano. Ele era negro, alto e bem magro, e adorava contar as tragédias de sua família, para irritação máxima de minha mãe, que

não tinha nenhuma paciência para esse tipo de conversa. Seu Homero atendia meus pais e era mais discreto quando eles estavam presentes.

Duas babás se revezavam para cuidar de nós três e tiveram grande influência na nossa formação, para o bem e para o mal. Eram meio que “filhas de criação”: moravam conosco, meus pais pagavam pelos seus estudos, lhes davam roupas, alimento e um teto, mas não eram tratadas como se fossem nossas irmãs.

Na verdade, estavam lá em casa a serviço 24 horas por dia. Esse era um costume muito comum na época, mas com o tempo as coisas mudaram, e a legislação passou a garantir cada vez mais direitos trabalhistas aos empregados domésticos. Esse tipo de relação ambígua e injusta, contudo, ainda existe em várias regiões mais remotas do país, embora seja mais raro.

Ambas vinham de famílias humildes e eram bastante diferentes entre si. Terezinha — a Teca — era de São Borja e desde pequena foi chamada de “filha de criação” por minha mãe. Inês era de Carazinho, terra do meu pai, e foi “adotada” por eles aos dez anos. Terezinha era séria, sonhava em constituir família, ter filhos, e era quem supervisionava nossos estudos, uma espécie de “preceptora”, digamos assim. Era mais quieta, discreta, e chamava minha mãe de “madrinha Neusa”. Já Inês queria mesmo era sair para a rua, se divertir e frequentar festas. Era “da boemia”, como diziam os gaúchos na época. Dormiam ambas no mesmo quarto, próximo à cozinha, ou seja, na área reservada aos empregados. Eventualmente podiam dormir com a minha irmã.

Havia outros empregados servindo a casa, e, nesse primeiro período em que vivemos ali, quem administrava tudo era minha mãe com a ajuda das duas babás. Havia sempre duas cozinheiras às voltas com o fogão a lenha para atender as muitas visitas. Era uma casa movimentada! Várias cozinheiras passaram por ali e, de todas, a de que mais me recordo é dona Elzira, odiada pelos motoristas por causa de seus questionáveis hábitos de higiene. Lembro que ela fumava o tempo todo sobre as panelas e a comida. Na época isso era considerado normal, assim como também era normal o uso de banha de porco, que vinha em pacotes verdes, no preparo das refeições.

Em nossa rua havia toda uma comunidade de bairro: o verdureiro, que passava todos os dias em sua carroça; o engraxate, seu Kiko, sapateiro que morava e trabalhava em uma pequena garagem bem ao lado da nossa casa. Do outro lado, morava o doutor Germano Petersen, médico, casado com dona Otilde (a "vovó Otilde"), que lutava contra a calvície. Em frente, dona Catarina fazia doces; sua especialidade era a cuca com uvas, disputadíssima por todos. Dona Catarina tinha uma filha, a exuberante Dolores, que rebolava de forma provocativa ao andar, o que chamava a atenção do meu pai e, claro, incomodava sobremaneira minha mãe. Já Jorge, o outro filho de dona Catarina, foi contratado como uma espécie de assistente do meu pai, administrando os telefonemas quando o gabinete foi transferido para o andar térreo da casa, assim que meu pai ganhou a eleição para governador, em 1958. Na esquina, ficava o armazém do seu Manuel (que existe até hoje como um mercadinho), com seus enormes baleiros de vidro sobre o balcão, onde

abastecíamos a nossa gula, “pendurando a despesa”, anotada cuidadosamente em um caderninho.

Não existiam edifícios no entorno, e quando começaram a erguer o primeiro, de três andares, foi um choque. A maioria reclamava, mas alguns argumentavam que não tinha jeito, era o progresso chegando e atropelando os pacatos anos 1950. Esse primeiro prédio cor-de-rosa está lá até hoje na esquina da rua dr. Timóteo.

Moinhos de Vento era um bairro elegante e arborizado, com calçamento de pedras irregular. Anos depois, quando meu pai se tornou prefeito, foi necessário asfaltar não apenas aquela rua, como várias outras do bairro.

8. Infância protegida

Como meu pai estava o tempo todo trabalhando e recebendo visitas, eu e meus irmãos éramos incentivados a brincar no quintal ou na pracinha (praça Mauricio Cardoso, hoje ainda bem conservada e com o mesmo *design* original; só faltam os “leões de concreto” nos quais brincávamos), uma quadra acima, para onde ia a molecada da vizinhança. Nós não nos sentíamos livres pois sempre estávamos acompanhados por seu Oscar ou uma das babás. Meus pais se preocupavam com nossa segurança e nosso bem-estar, uma questão prioritária, razão por que não íamos sozinhos a lugar nenhum.

Quando eu já estava um pouco maior, começamos a frequentar o clube Grêmio Náutico União, a duas quadras de casa, para aulas de natação ou então para brincar nas piscinas de recreação.

Tivemos vários cachorros nesses nossos primeiros anos de infância, porém não me lembro de muitos detalhes, nem dos nomes e raças, exceto pela vira-lata Fru-Fru, que gostava de mim e abanava o rabinho quando me via. Meus irmãos sempre se envolveram mais com os animais da casa, brincavam muito com eles, se apegavam, enquanto eu passava horas construindo cidades com jogos de madeira ou brincando de botânico.

Em 1958, meu tio Ivan, o caçula dos Goulart, faleceu — vítima de leucemia, assim como o meu avô Vicente —, deixando tia Regina e

cinco filhos. Vó Tinoca assumiu os custos de todo esse núcleo, incluindo a educação dos netos, e minha mãe, para poder lhes dar mais assistência, encontrou para eles uma casa no nosso quarteirão. Esses cinco primos, por estarem mais próximos, sempre foram mais presentes em nossas brincadeiras, mesmo com a mãe rígida demais. Nós a apelidamos de "Regina, o coronel", porque ela estava sempre zangada e não dava muita liberdade aos filhos.

Depois que ficou viúva, tia Regina engordou a olhos vistos e passou a usar apenas roupas pretas, como símbolo de uma viuvez permanente.

9. O suicídio de Vargas

Getúlio Vargas suicidou-se em 1954, para evitar ser derrubado, e os militares foram impedidos pelo povo de assumir. Uma enorme manifestação popular nas ruas manteve viva a democracia no Brasil por mais dez anos. Na coligação que se seguiu, Juscelino Kubitschek tornou-se presidente da República — e meu tio Jango, o vice —, inaugurando um período de grande desenvolvimento e industrialização no Brasil.

Em 1960, foi inaugurada Brasília, a famosa cidade modernista totalmente planejada para ser a nova capital do país. Foi projetada por Oscar Niemeyer, arquiteto que sempre assumiu seu apreço pelo Partido Comunista, o “partidão”. Logo depois da inauguração, meu pai me levou até lá em uma viagem de um dia, com direito a *tour* pelo Palácio Presidencial, e ainda me lembro do impacto que senti ao ver a parede de azulejos dourados retratando Kubitschek como um grande visionário. Havia no país um grande sentimento de otimismo em relação ao futuro, mas meu pai nunca acreditou que Brasília fosse dar certo. Para ele, não passava de um monstro burocrático, fruto de um enorme desperdício de dinheiro que deveria ter sido investido em educação e saúde. Ele não gostava da ideia de um país tão grande como o Brasil ter o poder centralizado em local tão isolado. Seus receios mais do que provaram ter fundamento.

Foi um período de progresso positivo, durante o qual meu tio foi se tornando um nome popular. Ele e meu pai sempre viam a si mesmos como os protetores do legado Vargas no que dizia respeito a trabalhar em prol de uma sociedade mais justa para todos; por isso se empenhavam em dar suporte aos sindicatos, proteger o salário mínimo e aumentar os direitos das mulheres e minorias. A desigualdade de riqueza era óbvia para todos, mas os ricos e poderosos não estavam dispostos a promover as mudanças necessárias.

10. Carreira em ascensão

Meu pai era um político muito popular entre as pessoas comuns, em virtude de sua paixão e de seu compromisso de tornar o Brasil um país mais justo, com melhor padrão de vida para os pobres. Progrediu rapidamente da Assembleia do estado à Câmara Federal, até que se elegeu prefeito de Porto Alegre. Em 1958, aos 36 anos, foi eleito governador do Rio Grande do Sul, tornando-se o mais jovem governador da história brasileira até então. Ele, sua bela mulher e os três filhos deveriam lembrar uma versão sul-americana de Camelot.

Na verdade, meu pai sempre acreditou em seus sonhos, sobretudo naqueles mais ambiciosos, que o levavam a se ver como o homem capaz de mudar o país, mas é óbvio que ele procurava não deixar que essas ambições transparecessem. Conseguia conter o ímpeto publicamente, mas como lidar com a espontaneidade dos filhos? Há uma passagem que demonstra essa dificuldade.

Mesmo com a apuração dos votos ainda não totalmente concluída, as parciais já o davam como governador eleito. Para atender os jornalistas de todo o país, que não paravam de chegar, meu pai resolveu improvisar uma coletiva de imprensa na sala de nossa casa, no Moinhos de Vento. Eu, com cinco anos, estava apreciando toda a movimentação sentado no terceiro degrau da

escada de madeira que subia para os quartos. A certo momento, um repórter perguntou-lhe: "O senhor está prestes a assumir um cargo proeminente como governador. Tem planos de subir ainda mais na carreira?". E meu pai respondeu: "Não, tudo o que desejo é governar o meu estado da maneira mais eficiente que puder, executando os planos de prosperidade que prometi durante a campanha". E eu então, ingenuamente, perguntei: "Mas, pai, e aquilo que o senhor falou sobre virar presidente?". Não me lembro de meu pai ter me repreendido pela fala, mas sempre lembrou essa passagem e o silêncio sepulcral que se seguiu depois.

Ele era um excelente comunicador. Seu meio principal, então, era o rádio. Dava uma palestra de várias horas de duração na rádio Farroupilha de Porto Alegre todas as sextas-feiras às 18h30, religiosamente. E como era ouvido!

Durante todo o mandato do marido como governador do Rio Grande, minha mãe sempre foi ativa com relação aos trabalhos de caridade, tendo modelado o seu estilo pessoal com base em Jacqueline Kennedy, como muitas mulheres jovens naqueles tempos: os mesmos terninhos, os óculos escuros e o penteado característico. Juntos os dois formavam uma imagem que meu pai explorava politicamente, embora no âmbito privado sempre tenha desprezado tais superficialidades.

Meu pai tinha muitos ciúmes de minha mãe e vigiava seus passos de forma até um pouco paranoica. Logo depois do casamento, proibiu-a de dirigir, insistindo que ela sempre tivesse um motorista. Ele deve ter aprendido que isso era o certo lá em Carazinho. Minha mãe parecia feliz com essa condição, apesar de, quando solteira, ter

se divertido guiando seu carro com a capota abaixada por todos os lugares. Só teve sua alforria ao completar 41 anos, pouco antes do exílio, quando meu pai lhe deu um fusca verde-abacate. Antes da ceia de Natal, ela abriu uma caixinha bonita e dentro havia um chaveiro com a foto dele, que lhe disse: "O resto do presente está na garagem, vai lá ver". Mas já era tarde: ela tinha esquecido como dirigir e perdera o interesse em tentar.

11. Despeito feminino

Em 1955, meu tio Jango se casou com a belíssima Maria Teresa, que era dezessete anos mais nova que ele e que se tornou a primeira-dama do Brasil aos 25. Minha mãe e suas irmãs nunca suportaram que aquela mulher mais jovem e mais bonita atraísse todos os holofotes para si. Achavam que ela vinha de uma família muito diferente dos Goulart e chegaram a insistir com meu tio para que ele fizesse um contrato pré-nupcial, a fim de separar os bens de cada um.

Não havia comparação possível. Maria Teresa chegou a ser apontada como uma das dez mulheres mais belas do mundo. Sempre circulou com roupas caras e de grifes famosas da época, como Dener, enquanto dona Neusa, mais contida, continuava mandando fazer suas roupas na Mary Chapéus, tradicional loja de Porto Alegre. Acho que minha mãe tinha ciúmes da beleza, da juventude e do charme dela, e a coisa só piorou quando meu pai também se deixou encantar por Maria Teresa, como a maioria dos homens.

As rivalidades ficaram ainda mais aguçadas quando estávamos todos vivendo no exílio. Depois de uma briga particularmente feia com meu tio, Maria Teresa perguntou se poderia ficar conosco, mesmo sendo óbvio que minha mãe não queria. Depois de muita

discussão entre meus pais, a vontade dele acabou prevalecendo, e Maria Teresa ficou hospedada em nossa casa por vinte dias, durante os quais aprendi a apreciar e respeitar essa mulher autêntica, com quem mantenho boas relações até hoje. Em seguida, ela foi a primeira de nossa família a deixar o exílio e se aventurar de volta ao Rio.

O curioso é que, mesmo casado com essa mulher gentil, companheira, bonita e elegante, meu tio Jango sempre teve seus casos. Com meu pai foi semelhante. E, apesar de minha mãe não gostar muito da cunhada, não aprovava o comportamento mulherengo do irmão. Cerca de um ano depois de chegarmos a Montevideú, minha madrinha Mila foi nos visitar e fomos jantar em um restaurante. Tínhamos acabado de nos sentar quando minha mãe viu Jango em outra mesa, derramando-se em atenções a uma jovem que definitivamente não era sua mulher.

“Crianças, vão indo embora com a Mila. Não olhem para o lado”, disse ela enquanto se dirigia para a tal mesa. Mas é claro que eu imediatamente olhei, e vi o rosto envergonhado do meu tio ao tomar uma bronca da irmã em público. Para um menino pequeno que tentava descobrir os caminhos do mundo adulto ao seu redor, foi divertido e intrigante.

12. Os primeiros anos na escola

Meu pai já era prefeito de Porto Alegre quando completei quatro anos, época de começar a frequentar o jardim de infância, o que aconteceu em duas escolas diferentes.

A primeira, Instituto Piratini, ficava a poucos quarteirões de casa, mas mesmo assim íamos de carro com seu Oscar. O Piratini era onde minhas primas — filhas de minha tia Landa (Yolanda), com quem tínhamos grande proximidade — haviam estudado. Depois fui transferido para outro colégio, o José Montauri, da prefeitura, um pouco mais longe, onde minha mãe havia conseguido empregar como professora uma das nossas babás, Terezinha. Teca, que mal tinha concluído o curso primário, funcionava mais, na verdade, como uma monitora. Como meu pai era prefeito e o colégio pertencia à prefeitura, era muito fácil conseguir emprego para quem quer que fosse. Era normal naquela época. Hoje pode parecer um abuso de poder, embora essa prática ainda continue firme. Também não havia concursos públicos.

Não tenho recordações muito nítidas dessa primeira fase escolar; lembro apenas que fazia pequenos trabalhos manuais, muito desenho, pintura, essas coisas da pré-escola. Em 1958, fui transferido para o prédio da frente do terreno, que tinha uma grande

sala no segundo andar, destinada aos alunos mais velhos, que cursavam o pré-primário.

A partir do primeiro ano primário fui matriculado no Colégio Farroupilha, no centro da cidade. Fundado em 1886 pela Associação Beneficente Alemã, o Farroupilha tinha por meta formar os descendentes dos imigrantes alemães que tinham prosperado atuando no comércio, na indústria e na lavoura, todos com sobrenomes conhecidos da grande colônia alemã de Porto Alegre, como Bloomberg e Krahe (das lojas Krahe), assim como os filhos dos benfeitores da escola através do tempo, como os Tannhauser (donos de uma grande camisaria em Porto Alegre), os Mucke, entre muitos outros.

O colégio tinha origem na *Knabenschule des Deutschen Hilfsverein* (Escola de Meninos da Associação Beneficente Alemã). Por causa da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial e do movimento antinazista que começou por aqui em 1944, seguido da proibição do uso da língua alemã, a associação achou melhor adotar para o colégio um nome mais abrigado e bem gaúcho. Quando comecei a estudar lá, ficava na avenida Alberto Bins, no centro de Porto Alegre, onde hoje fica o hotel Plaza San Rafael, bem em frente à Igreja de São José. Três anos depois, em 1962, o Farroupilha se mudou para um grande *campus* no bairro Três Figueiras, em meio a um descampado, e eu segui junto. Essa escola existe até hoje e é uma das melhores do Brasil.

Quando a escola se mudou para o bairro Três Figueiras, eu estava cursando a quarta série. Um estranho acontecimento marcou esse início. Nossa professora era dona Yela, muito simpática,

sorridente e grande, de quadris largos. Eu e a classe toda estávamos gostando dela. Cinco dias depois ela desapareceu. Notávamos as demais professoras tensas e nervosas. Até que a diretora, dona Wilma — gorda, alta, de pele vermelha, bem prussiana —, veio até nós e comunicou: “Crianças, dona Yela não virá por uns dias. O marido dela morreu”. Ficamos estáticos. Algum tempo depois, ela voltou pálida, com ar de sofrimento e vestindo preto. Diziam que o marido tinha sido assassinado e esquartejado no Paraná, mas nunca se soube de fato o que aconteceu, nada foi noticiado na imprensa. Tudo cercado de um grande mistério. E ela nunca mais sorriu como antes.

A escolha do Farroupilha se deu porque, nessa época, meu pai viajava muito para a Alemanha e admirava o espírito de luta daquele povo e a forma como o país se recuperava em tão pouco tempo dos estragos provocados pela Segunda Guerra Mundial. Isso influenciou não só a carreira política dele, como até a instrução dos filhos, pois passou a fazer questão de que nos educássemos naquela cultura.

No Colégio Farroupilha não se ensinava alemão, o que foi uma pena; gostaria ter aprendido o idioma ainda criança. Em compensação, a escola respeitava a orientação de cada família, dividindo os alunos em salas diferentes nas aulas de religião. Quem me alfabetizou foi a roliça professora Lia, com a *Cartilha de Vivi e Vavá*, de Célia Rabello. Meu pai sempre se descreveu como agnóstico (embora tivesse alguma formação metodista), mas minha mãe seguia o catolicismo, embora seus atos muitas vezes demonstrassem que era um catolicismo apenas de fachada. Por isso

frequentávamos as aulas de catecismo com dona Jacinta, de cuja voz, bem grave, me lembro até hoje.

Na escola, porém, havia uma prática muito estranha da qual nunca vou esquecer. A direção do colégio incentivava muito os alunos a poupar, sob a alegação de que, dessa forma, no futuro, todos teríamos uma boa quantia para usufruir. Todos os sábados pela manhã, uma senhora muito simpática, chamada dona Jane, passava em todas as salas, cobrando das crianças dinheiro para ser depositado em uma caderneta de poupança que a escola tinha aberto em nosso nome no Banco Agrícola Mercantil. Passaram-se os anos, veio a ditadura, vieram os planos Collor, Bresser e outros confiscos entre o governo e os bancos brasileiros. Resumindo, desapareceu o dinheiro, desapareceu a dona Jane, o Agrícola Mercantil foi absorvido pelo Unibanco, e este, posteriormente, pelo Itaú. Na época, só eu tinha lá 50 mil cruzeiros (o equivalente a quase 2 mil dólares então). Nunca mais soube do dinheiro nem encontrei rastro dele. Em 1994, meu pai calculava que, por baixo, 1 milhão de reais tinha sido surrupiado dessa forma sorradeira. Imagino o tamanho do confisco em todo o Brasil.

13. Morando em um palácio

Eleito governador do estado do Rio Grande do Sul, meu pai tomou posse em 31 de janeiro de 1959, mas não fomos imediatamente morar no Palácio Piratini, sede do Executivo gaúcho. Antes, minha mãe resolveu providenciar uma grande reforma na ala residencial do Palácio, que havia sido bastante negligenciada pelo antecessor de meu pai no cargo, Ildo Meneghetti (que, curiosamente, foi também seu sucessor, “herdando” a moradia oficial com melhorias). A mulher do senhor Meneghetti, dona Judite, era o alvo preferido dos comentários azedos de minha mãe, devido ao fato de usar com frequência um chapéu com rede preta que cobria parcialmente seu rosto. “Talvez para esconder a feiura”, ironizava dona Neusa.

Construído no início do século XX em estilo neoclássico francês, com esculturas de Paul Landowski (escultor do Cristo Redentor do Rio de Janeiro) e murais pintados pelo italiano Aldo Locatelli, o Piratini começou a ser erguido em 1909, mas as obras foram interrompidas por diversas vezes e somente vários anos depois a ala residencial foi concluída, a fim de servir de moradia para o governador e sua família.

Toda a concepção do Piratini tinha por objetivo demonstrar a força do poder Executivo. Meu pai não gostava de opulência, mas sabia usufruir plenamente do poder quando era ele que o exercia. O

pé-direito era altíssimo e decorado com obras de arte que se espalhavam por todos os quartos. Minha mãe contratou *designers* do Rio de Janeiro, restaurou o mobiliário e as peças de decoração, e terminou por remodelar completamente todo o Palácio com muito bom gosto, assim como Jackie Kennedy fez quando chegou à Casa Branca.

A obra, tão necessária para terminar de construir e preservar aquele edifício histórico e importante para a história do Rio Grande, se estendeu por um ano. E minhas primeiras lembranças são de nós encaixotando todas as nossas coisas para a mudança, animados com a ideia de entrar em um mundo novo e excitante. Mudamo-nos para o Palácio somente em abril de 1960, exatamente dez dias antes da inauguração de Brasília e, a partir daí, nossa vida se transformou. Se antes alguns poucos empregados davam conta das necessidades da família na casa da Tobias da Silva, agora havia dezenas deles para dar conta de todo o cerimonial que envolve viver em um palácio de governo. Teca, Inês e o seu Oscar, porém, continuaram a cuidar dos filhos do governador.

Assim que nos mudamos para a residência oficial, minha mãe, como primeira-dama, começou a fazer trabalhos sociais e filantrópicos, chefiando uma equipe de mulheres de políticos bastante laboriosa. A assistência aos desafortunados de então se dava por meio do assistencialismo mais primário. Quando ficavam sabendo de alguém mais necessitado, providenciavam o que os gaúchos chamam de "rancho", o que equivaleria a uma espécie de cesta básica de hoje, acrescido de roupas. Ela foi bastante atuante enquanto meu pai foi governador do Rio Grande. Já quando ele se

elegeu governador do Rio de Janeiro, estava mais velha e não tinha mais tanta energia. Minha mãe nunca conseguiu se entender com as nossas babás, e às vezes ficava tão irritada com seu comportamento que chegava ao extremo. Nos dias de hoje, estaria sujeita a um processo trabalhista, ou mesmo civil, por agir assim.

Buscando uma educação mais refinada, nossos pais decidiram contratar uma babá de origem alemã. A mulher veio com referências de locais ilustres, como a Embaixada Brasileira em Washington, e estava ansiosa para mostrar que podia nos controlar. Nós a odiávamos igualmente, e essa foi uma das poucas ocasiões em que meu irmão, minha irmã e eu nos unimos para qualquer coisa em toda a nossa vida. As estratégias eram de guerra: colocávamos insetos, aranhas-caranguejeiras e pó de mico em sua cama, escondíamos suas roupas, buscávamos mesmo aterrorizá-la, até que ela desistiu e se foi.

Tivemos três dessas babás, e nenhuma delas durou mais de um mês. Uma chegou a fugir no meio da noite, colocando um manequim em sua cama para ter tempo de escapar antes que alguém percebesse. O resultado era que acabávamos sempre ficando com as babás de sempre, as "filhas de criação" de minha mãe, de quem sempre gostamos mais.

Não tínhamos o hábito de fazer as refeições com meus pais no dia a dia. Éramos servidos em separado, em outra sala, em outros horários. Somente em ocasiões muito especiais éramos chamados a jantar com eles.

14. Traquinices da infância

O Palácio tinha um *chef* de cozinha que estava no cargo havia muitos anos. Chamava-se senhor Pantaleão. Um dia, eu o ouvi comentando sobre um túnel que ligava o Palácio a uma garagem para carros oficiais, a dois quarteirões, em uma rua chamada Riachuelo, em frente à praça da Matriz. Esse túnel saía do subterrâneo do Palácio, próximo de onde fica hoje o Memorial da Legalidade, e passava por baixo da praça. Diziam que havia sido construído como uma rota de fuga potencial.

Decidi que queria vê-lo. O *chef* e um dos motoristas do Palácio concordaram em me levar para conhecer. A passagem tinha uns dois metros de largura, era muito escura e, para atravessá-la, tínhamos que abrir caminho através de espessas cortinas de teias de aranha, mas não conseguimos ir até o final, porque o último trecho estava bloqueado, então voltamos. Uma verdadeira aventura para um menino pequeno!

Quando meu pai descobriu, ficou furioso com o *chef* por me levar e ordenou que eu fosse vê-lo. Eu tremia nas pernas. E fiquei surpreso ao ver que ele parecia estar orgulhoso de mim, comentando sobre meu feito com seus assistentes na minha frente, aparentemente impressionado com minha coragem e meu espírito

de aventura. Fiquei aliviado por ter escapado de broncas e punições, mas intrigado, mais uma vez: afinal, o que esperavam de mim?

Muitos anos depois, meus pais admitiram que a coisa que mais os preocupou no episódio foi o fato de eu estar explorando demais o Palácio, o que consideravam um mau comportamento.

Crescemos acreditando que era normal ter um exército de funcionários em nossa retaguarda à nossa completa disposição, mas cientes também de que não devíamos fazer nada que pudesse ser visto como elitista ou arrogante. Por exemplo, havia dois times de futebol em Porto Alegre: o Internacional — seguido pelas massas — e o Grêmio — mais tradicional —, e os Goulart eram todos gremistas históricos. Nosso pai foi inflexível: devíamos torcer para o Internacional porque era o time das pessoas comuns. Ele sempre viu o Grêmio como elitista. Quando era prefeito de Porto Alegre, aterrou um trecho da praia de Belas para criar vias de circulação para a cidade e a prefeitura doou para o Internacional um pedaço do terreno. Anos depois, o clube construiu ali o Beira-Rio, um dos maiores estádios do país.

Seguindo sua orientação política, antes de ser governador, meu pai também não permitiu que nos associássemos, como todos os nossos amigos e primos, ao clube desportivo Leopoldina Juvenil, que ficava a uma quadra de casa, por considerá-lo muito elitista. A alternativa era frequentar o Grêmio Náutico União, mais popular e barato. Quando nos mudamos para o Palácio foi pior ainda: ele nos fez ficar sócios do Grêmio Náutico Gaúcho, bem mais simples e cujas piscinas não eram muito limpas. Mas até que era divertido. Ali passei por algumas situações bizarras, injustas e constrangedoras. Certa

vez, participando de uma competição de natação, o garoto que estava ganhando literalmente parou no meio da raia a fim de me deixar ultrapassá-lo. Provavelmente fora instruído a fazer isso por alguém que queria agradar nossa família. Minha mãe ficou muito irritada com aquilo, e para nossa alegria não voltamos mais ao clube.

Ela sabia que nenhum governante fica para sempre no Palácio e que, cedo ou tarde, voltaríamos para a nossa velha casa. Por isso, meu pai ainda estava no meio do mandato quando ela começou a reformá-la. E, simpática ao nosso anseio de ter uma piscina, incluiu esse item nos planos da reforma.

Apesar da enormidade do Palácio, meu irmão Vicente e eu precisávamos compartilhar um quarto, o que não era bom para mim, uma vez que nunca nos demos bem. Ele era dois anos mais velho, sempre queria impor sua vontade e nós mais brigávamos do que brincávamos. Na família de minha mãe, o primogênito era alvo de muita pressão e expectativa, mas, em contrapartida, a ele eram concedidas todas as regalias. Lá em casa, Vicente tinha todos os privilégios, e meus pais tendiam a sempre dar-lhe razão. Se começávamos a discutir, nossos pais nem sequer queriam ouvir do que se tratava, imediatamente assumindo que ele estava certo e eu estava errado, porque ele era mais velho.

Meu pai nunca soube promover a concórdia, muito pelo contrário. Lembro-me de um certo dia em que eu e José Vicente discutíamos por alguma coisa, minha mãe tentava intervir, então meu pai deu a ordem: "Deixe que briguem até se cansarem". E foi o que fizemos, resultando em uma cena horrível, com minha mãe horrorizada

gritando pela casa. Tempos depois, meu pai reconheceu que jamais deveria ter feito isso, o que fez com que as coisas terminassem mal, distanciando ainda mais os irmãos.

Já Neusinha era a caçula, sempre vestida com elegância, como uma imitação de minha mãe, a queridinha do papai, que nunca mediu esforços para agradá-la, afinal, era mulher. Vicente fazia *bullying* ora comigo, ora com Neusinha, conforme lhe conviesse, sempre chamando o terceiro para apoiá-lo, e assim manipulava a todos e sempre se dava bem. Ao apoiar indiscriminadamente meu irmão, meus pais acabaram incentivando divisões entre os filhos. Eu não parecia ter um lugar muito importante nessa dinâmica.

Eu era um aluno dedicado e sempre estive entre os três primeiros da turma durante o primário. Já Vicente, mesmo não sendo muito dado aos estudos, também costumava ser elogiado na escola, talvez por ser filho do governador. Quando veio meu primeiro boletim com notas altas, meu irmão ficou furioso. Avançou sobre mim, começou a me bater — e eu a me defender —, e a situação chegou a tal ponto que seu Oscar precisou apartar a briga. Meus pais souberam do sucedido e nem o repreenderam no jantar especial à noite, para o qual excepcionalmente fomos convidados em função da presença de visitantes ilustres. Eu me senti injustiçado.

15. A fada madrinha

Minha madrinha, Mila Cauduro (Zulmira Guimarães Cauduro), era uma amiga aristocrática de meus pais e teve importância enorme na minha formação durante os anos em que eles estavam ocupados demais para passar muito tempo conosco. Se a vida mais tarde foi melhor para mim do que para meus irmãos, certamente foi por causa do papel que ela desempenhou na minha infância.

Era uma mulher sofisticada e culta — muito mais do que qualquer um de meus pais —, com vários livros publicados, membro da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul. Nos anos 1990, foi secretária de Cultura do Rio Grande do Sul no governo de Alceu Collares e uma das fundadoras do PDT.

Sem muito ambiente em casa, eu costumava passar as tardes com a minha madrinha. Ela então me ensinava a jogar cartas, me dava noções de etiqueta, me orientando sobre como comer da forma correta, receber e servir as pessoas. Conversava comigo sobre literatura, música e viagens, temas que meu pai considerava demasiado frívolos para pessoas como nós. Ele tinha um certo trauma em relação às “coisas mundanas”, porque quando jovem chegou a se envolver com jogos de azar. Assim como o alcoólatra tem que se afastar da bebida para sempre, ele precisou abandonar o jogo definitivamente, fugindo de programas noturnos e de todas as

tentações. Mesmo assim, imagino que meus pais tenham sido muito gratos a Mila por tudo que ela fez por mim, embora não aprovassem toda a sua sofisticação. “Você está fazendo as coisas à moda Cauduro e fingindo ser algo que não é”, costumavam dizer, meio que debochando das minhas atitudes. Com isso, acabei tendo uma formação completamente diferente da de meus irmãos.

O marido de Mila, Raul, foi um dos professores de meu pai na faculdade de engenharia. Encontravam-se vez por outra e davam-se bem. Quando nasci e meu pai foi providenciar meu registro, por acaso cruzou com Raul na rua. Como era preciso uma testemunha para esse procedimento, ele pediu ao antigo mestre que o acompanhasse até o cartório. O professor ficou sensibilizado com o convite e, a partir daí, começaram a desenvolver uma amizade familiar. Quando eu tinha cerca de quatro anos — e meu pai já era prefeito de Porto Alegre —, ele e a mulher foram convidados para serem meus padrinhos de crisma, vindo a desempenhar um papel importante em nossas vidas. Fui crismado pelo cardeal dom Vicente Scherer, arcebispo de Porto Alegre, que mantinha com meu pai uma relação bastante azeda. Minha mãe, com aquele catolicismo que costumo definir como “só para inglês ver”, o chamava de “padreco” quando estávamos a sós, porque, afinal, publicamente era preciso bajular essas autoridades todas. Muitos anos depois, dom Vicente apoiou os militares, declarando-se a favor da introdução da pena de morte para atos de “terrorismo”. E então meu pai viu que estava certo em suas suspeitas.

Raul era filho de imigrantes italianos de classe média. Já Mila vinha de uma família aristocrática e rica no passado, mas que aos

poucos foi perdendo tudo, tornando-se, por fim, nobres falidos. Sua casa era apinhada de móveis no melhor estilo dom João V, retratos de seus antepassados, pratarias portuguesas, e tudo era servido nas mais finas porcelanas e cristais. Mila era seis anos mais velha que minha mãe, e ele tinha cerca de doze anos a mais. Devo a ela todo o traquejo social que meus pais não tinham tempo, e até mesmo pouco interesse, de nos transmitir.

Minha madrinha sempre esteve muito presente em todas as etapas de minha vida, inclusive nos anos em que vivemos no exílio. Tornou-se grande amiga de minha mãe, sendo uma espécie de mentora que a ensinou a se portar como uma primeira-dama.

Quando se tornou governador, meu pai nomeou meu padrinho para o cargo de conselheiro do Tribunal de Contas do Rio Grande do Sul. Raul desempenhou muito bem essa função, só se desligando do cargo ao se aposentar. Mas meu pai ficou ressentido com ele, por ter feito de tudo para se manter no cargo depois de 1964. Naturalmente, meu pai achava que o compadre tinha que renunciar e se unir à causa. Essa divergência manteve afastados esses dois homens importantes da minha vida nos nossos primeiros anos de exílio, quando Mila ia nos visitar sozinha. Eles só foram reatar muitos anos depois, mas o relacionamento nunca mais foi o mesmo. Meu pai era homem de guardar mágoas.

16. Meu tio, vice novamente

Em 1960 ocorreu a última eleição direta antes do Golpe Militar de 1964, que instaurou uma ditadura no país. A próxima ocorreria apenas 29 anos depois. O direito ao voto foi estendido a todos os brasileiros com mais de dezoito anos de ambos os sexos, mas os analfabetos eram proibidos de votar.

A constituição de 1946 estabelecia que a eleição para presidente e vice-presidente ocorreria de forma separada. Como resultado, meu tio Jango foi consagrado nas urnas como vice novamente, mas, dessa vez, com um presidente de direita, Jânio Quadros. Fazendo mais votos que o próprio presidente. A vice-presidência é uma posição muito confortável, com pouca responsabilidade e acesso a tudo. Poucos meses depois, Jânio renunciou inesperadamente e o cargo de presidente ficou vago. Por lei, quem deveria assumir era o vice, mas as forças da direita não queriam que alguém tão radical quanto Jango assumisse o poder e tentaram intervir. Foi quando meu pai, Leonel Brizola, entrou em cena e começou uma verdadeira revolução.

Guardei duas imagens desse 25 de agosto de 1961, e não consigo lembrar em que sequência se deram. Na primeira, eu estava sentado em um grande sofá azul quando dona Nilza, a exuberante costureira do Palácio (que tinha uma bela cabeleira loira, crespa e

armada, que os gaúchos pejorativamente chamavam de “pelo de arame”), chegou para trabalhar toda afogueada, dizendo: “Vocês não sabem o que aconteceu, Jânio renunciou!”, em um tom dramático que não compreendi. A segunda cena foi quando meu pai, então governador do Rio Grande, me levou com ele para assistir a uma parada militar em frente ao Parque da Redenção. Era comum políticos levarem os filhos a eventos como esse, como que para exibir a prole. Estávamos no palanque ao lado do general Machado Lopes, comandante do Terceiro Exército, quando lhe entregaram um papel. O general fechou a cara. E meu pai ficou sem saber o que era. Até que o militar o chamou de lado, dizendo: “Governador, vamos terminar logo isso porque temos um problema muito sério”. A parada foi encerrada antes da hora e nos retiramos rapidamente. Lembro também, depois, de meus pais conversando em casa sobre a renúncia. O ar era de tensão.

17. Viagem à Itália

Em julho de 1961, enquanto meu pai era governador e pouco antes da Campanha da Legalidade e de Jango tornar-se presidente, minha mãe me levou para a Itália. Fomos em alto estilo, em um avião DC-8 recém-inaugurado da Panair do Brasil, com toda a primeira classe fechada apenas para nosso grupo de seis. Soube depois que, por nossa causa, alguns passageiros foram transferidos para a econômica por decisão da Varig. O que, convenhamos, era muita ostentação de poder.

A desculpa era consultar um médico, um tal de doutor Scaglietti — um desses curandeiros famosos de eficácia duvidosa —, a respeito de um problema de nascença em meu quadril que foi agravado por um acidente de carro. Conosco foram meus padrinhos, Mila e Raul, a irmã dele, Hilda, e seu marido Sandro, um médico italiano que veio para o Brasil fugindo da guerra. Como nossos convidados tinham todos sangue italiano, a intenção era agradá-los. E os Brizola não mediram esforços para impressionar.

Olhando para trás agora, não tenho certeza de quão sério era meu problema ortopédico. Pode ter sido uma desculpa conveniente para os adultos da família, que queriam fazer uma viagem dos sonhos na qual fomos recepcionados na chegada por Hugo Gouthier e sua mulher Laís, ele o embaixador brasileiro conhecido

principalmente por ter sido o responsável pela negociação para aquisição do Palazzo Pamphili, em Roma, até hoje sede da Embaixada brasileira na Itália, onde ficamos brevemente hospedados.⁷

Nenhuma despesa foi poupada naquela viagem: limusines à nossa disposição em tempo integral, encontro com o papa João XXIII no Vaticano para nosso grupo inteiro. Passeamos por Florença, onde ficamos quinze dias fazendo compras e visitando galerias de arte, com direito a um desfile exclusivo de uma das grandes marcas italianas em seu palácio. Depois seguimos para um *tour* de três dias por Veneza, e voltamos para Roma, onde fomos recebidos por Gina Lollobrigida — uma das maiores estrelas de cinema do mundo na época — em sua *villa* na famosa Via Apia Antica para um *happy hour*. Ela deu fotos autografadas para todos nós. Minha madrinha pendurou a dela, em uma fina moldura de prata, sobre a lareira, lugar de destaque na sala de sua casa, e aquilo foi assunto por muito tempo nos jornais locais. Entre nós, meu pai debochava muito disso: era tudo o que ele não queria nem apreciava.

Guardo até hoje recordação daquela viagem nababesca, durante a qual ficamos hospedados nas melhores suítes dos melhores hotéis, com a maior parte das despesas pagas pelo marido de Hilda, que secretamente fazia *lobby* para uma empreiteira italiana interessada no acesso a meu pai. (Não me lembro o que eles visavam, provavelmente algo como a construção de uma represa ou uma hidroelétrica.) Sempre que saíamos às compras, “Sandrino” me dava dinheiro para eu comprar o que quisesse. Imagine o que era isso

para um garotinho cuja única vontade era brincar e dar de comer aos pombos na praça!

Talvez o que mais tenha valido para mim nessa experiência na Itália tenham sido as lições que meus padrinhos me deram durante os passeios. Mila e Raul não mediram esforços para me falar da importância de toda a cultura que havia ali: Michelangelo, os monumentos, o Renascimento, o Império Romano. Aos oito anos aprendi muito mais do que qualquer criança da minha idade.

A viagem durou um mês. Minha mãe ficou um pouco chocada com tanta prodigalidade, mas fomos arrastados pela situação. Ela se incomodava sobretudo com Hilda, de personalidade excêntrica e exagerada, capaz de gritar na rua escandalosamente e sem motivo, fazendo questão de chamar atenção por onde quer que passássemos. Dona Neusa não gostava de toda essa exuberância. Em meio a tantos excessos, minha consulta médica acabou sendo apenas um detalhe. E o tal médico não foi além de me prescrever a prática de esportes.

Uma vez de volta ao Brasil, a emoção pela Campanha da Legalidade e pela posse de meu tio Jango como presidente enterrou as lembranças dessa viagem no fundo de nossas mentes. Anos mais tarde, quando já morávamos fora do Brasil como eLivross, meus pais receberam uma carta de Hilda, já viúva, pedindo reembolso das despesas da viagem. Não viram graça nenhuma no pedido. Era apenas mais uma evidência de como as pessoas se voltam contra quem não é mais útil para elas.

18. Homens de temperamento

Moramos no Palácio Piratini de 1960 a 1963 e continuamos a frequentar o Colégio Farroupilha, com meu irmão insistentemente tentando se impor pela superioridade física; afinal, eu era dois anos mais novo. Neusinha também era complicada, sempre exigindo que as coisas fossem feitas de seu jeito ou de jeito nenhum, sem acordos possíveis. E havia ainda mais de vinte primos a nossa volta, todos altamente competitivos, assim como a maioria de seus pais.

Para escapar tanto de meu irmão como de meu pai, e ficar longe das imprevisíveis explosões de minha mãe, criei meu próprio mundo dentro do palácio. Gostava de passar o tempo sozinho inventando coisas interessantes para fazer, como manter minha própria horta, cuidando do nascimento e crescimento das plantas, uma de cada vez.

Para mostrar todo o seu catolicismo, minha mãe nos educou para ir à missa aos domingos na Catedral de Porto Alegre, anexa ao palácio, e ouvir atentamente o sermão do arcebispo dom Vicente, embora não fôssemos obrigados, pois ela não era fanática. Sua crença fundamental era que as pessoas precisavam assumir responsabilidade por sua vida, suas ações e escolhas, devendo pagar pelos pecados ou crimes que por acaso cometessem. Sua filosofia era que todos têm o dever de lutar pelo que querem.

Não foi fácil para nenhum de nós, irmãos ou primos, viver entre Brizola e Jango, dois típicos machos gaúchos. Meu pai era um homem de muitas opiniões, sempre expressas com força máxima, e elas incluíam alguns preconceitos. Tanto meu pai como tio Janguinho eram capazes de nos aniquilar em suas conversas sem pensar duas vezes, destruindo nossos argumentos, fazendo-nos parecer tolos, e por isso muitas vezes preferíamos ficar em silêncio. Toda a nossa geração dos Goulart sofreu com a baixa autoestima.

19. Praia e campo

Estudar era bom, mas viajar nas férias era sagrado, e sempre rumo à praia. No verão, íamos para Capão da Canoa, a 132 quilômetros de Porto Alegre, e ficávamos no casarão todo de madeira entalhada construído por minha avó Tinoca e pelos irmãos Goulart. A casa ficava no meio de um terreno de cerca de mil metros quadrados e ocupava quatro lotes de terra. Tinha nove quartos e era assentada sobre pequenas palafitas, como as demais moradias da região, uma prevenção contra a umidade marítima. Capão da Canoa era um balneário de classe média. Os ricos iam para Torres.

Era ali que a família Goulart toda se reunia nos meses mais quentes do ano. Esses verões sempre me pareceram longos e idílicos; naquele paraíso eu podia pegar minha bicicleta, rodar para onde quisesse, e me sentia livre. Para nos conduzir nos passeios mais longos — assim como para nos proteger —, era sempre escalado seu Homero, que, longe de meus pais, nos ensinava todos os palavrões possíveis. Seu Oscar não funcionava bem ali, pois não sabia pescar, e a pescaria estava entre as nossas maiores diversões.

Meu pai tinha um avião monomotor e um piloto contratado — o senhor Eggers — responsável por voos rasantes que nos encantavam. Era possível ir até Capão da Canoa de avião, mas no nosso caso não dava, porque levávamos bagagem para muito tempo

e sempre convidávamos amigos. Então íamos de carro, e as viagens eram uma odisséia que chegava a durar quatro horas: várias estradas, lagoas, dunas, mais a balsa que nos levava até o balneário. Tínhamos nossas paradas tradicionais: um lugar chamado Santo Antonio, onde comíamos sonhos. Saindo de Santo Antonio, a estrada (antiga RS-1) subia uma pequena serra de onde se avistava o começo do litoral gaúcho, antes de chegarmos à lagoa dos Quadros e antes de Osório. Meu pai chamava aquela região de “baixada dos holandeses”. Tentou trazer um grupo da Holanda para introduzir técnicas de irrigação ali, e esse talvez tenha sido um dos poucos projetos de seu governo que ficaram no papel. Mas era a menina de seus olhos...

Ele gostava de dirigir, sobretudo carros potentes, e, em função de suas constantes viagens à Alemanha, resolveu comprar um Mercedes, último tipo, 1960, um dos raros luxos que se permitiu — e que também tinha o objetivo de agradar minha mãe. Como forma de pressionar os motoristas a não ultrapassar o limite de velocidade nas estradas, o governo gaúcho usava a seguinte estratégia: ao chegar no primeiro posto da polícia rodoviária, o motorista era informado por meio de um cartão qual era o horário certo para atingir o posto seguinte. Meu pai às vezes se excedia um pouco na aceleração e, para não ser multado ao chegar antes da hora estipulada no próximo pedágio — e querendo bancar o cidadão comum —, parava o carro na beira da rodovia para comermos melancia. Adorávamos quando isso acontecia! Desde então adquiri o hábito de sempre parar na estrada para saborear essa fruta, comprada direto dos

produtores. Às vezes, contudo, ele simplesmente dizia ao guarda que não lhe desse cartão.

Em uma dessas vezes, paramos na altura da Tinguera, um bairro que antecedia Capão da Canoa e que era paupérrimo. Escolhemos uma melancia bem grande e comemos os pedaços sob o olhar faminto dos moradores, ingenuamente tudo sem a menor culpa. Nesse dia em especial, meu pai estava com pressa e nos instou a entrar de volta no carro. Sem muito pensar, deixou o que restava da fruta e as pessoas que estavam observando avançaram sofregamente para comê-la. Aquilo chamou a atenção de meus pais, que reagiram de formas diferentes. Minha mãe disse algo, referindo-se com desdém àquelas pessoas como “coitadas”, algo de que nunca me esqueci. Meu pai ficou pensativo e em seguida disse apenas que teria muito o que fazer ali. Tempos depois, providenciou uma série de melhorias para Tinguera, como água potável, expansão da rede elétrica e a construção de dois grandes colégios que estão lá até hoje.

Era ali, em meio àquela barafunda de gente e crianças correndo por todo o lado, que o matriarcado dos Goulart mais se expressava. Conheci minha avó Tinoca já totalmente grisalha, gorducha e invariavelmente vestida de negro, parecendo uma carpideira, sempre com um ar triste, como se sofrer fosse sua sina, mas ao mesmo tempo com um ar superior que tornava difícil o acesso a ela. Lembro que vivia dando ordens. E todo mundo “piava fino”, como se diz no Rio Grande do Sul. Tia Quita (Francisca), irmã de meu pai, também viúva àquela altura e com seus conhecidos hábitos estranhos, ocasionalmente fazia parte desse universo, metendo-se em tudo,

assim como as outras tias, cada qual com suas idiossincrasias. Mas no final tudo dava certo e, quando arrumávamos as malas para ir embora, sabíamos que tudo seria exatamente igual no ano seguinte: idílico e tenso.

Já nas férias de julho, o destino era o Rio de Janeiro. Em uma dessas ocasiões, ainda muito pequeno, houve um acontecimento que me fez compreender o que significava ser filho do governador. Com o semestre chegando ao final, por algum motivo a família resolveu antecipar a saída para o Rio. Quando a diretora dona Wilma soube que a nossa família planejava viajar, ela resolveu antecipar as férias de toda a escola.

No início, ficávamos no anexo do hotel Copacabana Palace, um espaço recém-construído que, justamente por ser novidade, era disputadíssimo pelos turistas do Brasil inteiro. Lembro até hoje: para ter acesso ao anexo do Copa, entrava-se pela avenida Nossa Senhora de Copacabana, número 313. Ficávamos sempre no último andar, durante o mês de julho inteiro.

Alguns invernos depois, passamos a ficar em um apartamento no Leblon. No andar de baixo morava minha tia Sila, irmã de minha mãe, e sua presença constante no nosso espaço acabava gerando desentendimentos entre as duas. Elas eram opostas em tudo.

Nosso motorista nas férias cariocas era seu Jacinto. Magro e de raciocínio lento, ele nos conduzia para passeios por toda a cidade, sobretudo para o sítio de meu tio Jango, em Jacarepaguá, distante cerca de uma hora e meia do Leblon e onde costumávamos passar o dia todo, só voltando para o jantar. No trajeto, percorríamos a avenida Niemeyer, a praia de São Conrado e depois a estrada do

Joá. Do alto dava para avistar a lagoa ao lado do Rio das Pedras, então com as águas limpíssimas. Em quarenta anos isso mudou radicalmente, uma pena. Gostávamos de seu Jacinto especialmente por uma "qualidade": longe dos meus pais, ele tinha o pé pesado e com frequência atravessava os semáforos no vermelho, de forma que logo o apelidamos de "O Engole Tomates".

Havia outra bela casa na qual gostávamos de ficar, sobretudo nas férias de inverno e durante o mandato de meu pai no Rio Grande: o Palácio das Hortênsias, residência oficial do governo em Canela, na serra gaúcha, destinado ao lazer da família do governador. Fomos até lá muitas vezes e adorávamos o frio da região, onde eventualmente chegava a nevar, o que se constituía em uma enorme aventura para nós crianças. Meus pais amavam o lugar, e meu pai muitas vezes realizava reuniões políticas lá.

Com o passar do tempo e as pressões políticas aumentando, ficou mais difícil para toda a família ficar longe da cidade durante longos períodos. Nossas viagens de férias foram diminuindo, até que se tornaram impossíveis.

20. Colisão de valores

A família era repleta de personagens que afligiam meus pais de uma forma ou de outra. Tia Sila, dois anos mais velha do que minha mãe, sempre foi tão frágil que nem chegou a concluir os estudos, ficando para trás em relação aos irmãos. De personalidade fraca, casou-se com João Luiz Moura Valle, um *bonvivant* pouco chegado ao trabalho. Ambos viviam da herança dos Goulart, da qual ela foi se desfazendo aos poucos — invariavelmente vendendo suas posses para tio Janguinho —, mas, mesmo assim, Moura Valle gostava de ostentar poder e riqueza.

Um exemplo de como ele se comportava foi o “Caso Rondinella”, do qual fui testemunha. Eu tinha cerca de oito anos quando, certa noite, fui jantar com meus tios no restaurante Rondinella, de frente para o mar de Copacabana. Meu tio bebeu além da conta e, descontente com o serviço, acabou se desentendendo com o gerente. A certa altura, não teve dúvida e lascou um: “Você não sabe com quem está falando. Se eu quiser, compro este restaurante com um cheque”. Dito isso, preencheu o cheque e “comprou” o estabelecimento de um perturbado gerente. Obviamente, não me lembro dos detalhes da “transação”. Na maior ingenuidade, antes de dormir, contei para minha mãe o sucedido. Quando meu pai ficou sabendo, telefonou para o cunhado gritando: “Moura Valle, vá curar

teu porre!”. Na sequência, mandou um emissário até o restaurante para se desculpar em seu nome, recolher o cheque e desmanchar o “negócio” do cunhado trapalhão e arrogante. Mas já era tarde, o escândalo havia estourado na mídia. Era exatamente o tipo de comportamento que meu pai detestava.

Ele nunca aprovou os excessos cometidos pelos membros da família Goulart. Um outro episódio que ilustra bem quanto essas diferenças pesavam ocorreu quando eu tinha mais ou menos oito anos e ganhei uma pequena moto de tio Jango, apenas para dar umas voltas em torno do jardim do Palácio. Convenhamos que foi um presente caro para uma criança, mas foi emocionante demais, para mim, recebê-lo. Meu pai ficou possesso com aquele “brinquedo tão elitista” e mostrava-se incomodado toda vez que andávamos nela. Mesmo assim, brinquei bastante com essa moto.

Em outra ocasião, um piloto da Varig nos deu dois pares de calças Lee — então no auge da moda —, um para mim, outro para José Vicente. Ultrajado, meu pai nos proibiu de usar aquele símbolo do capitalismo norte-americano. “Seu nome é João, não Lee!”, disse ele entre dentes ao ver as etiquetas de couro tão famosas. Nossa mãe, que usava maquiagem e cremes faciais norte-americanos, compreendia nossa vontade, e nos ajudou a arrancar as etiquetas dos jeans, de modo a não irritar meu pai. Era decepcionante ter aquelas coisas e não poder usá-las livremente.

Meu pai queria que crescêssemos como ele, mas como fazer isso quando se está vivendo em um palácio e seu tio é o presidente de um dos maiores países do mundo? Era impossível entender o que se esperava de nós.

21. O relacionamento com Jânio

Durante o mandato como governador do Rio Grande do Sul, meu pai sempre se entendeu bem com o presidente Jânio Quadros. Embora seu candidato nas eleições de 1960 tivesse sido o marechal Henrique Batista Duffles Teixeira Lott, apoiado pela coligação governista PTB/PSD, que elegera JK em 1955, ele aceitou muito bem o estilo de Jânio, que fez a história da União Democrática Nacional (UDN) com o *slogan* “Varre, varre, vassourinha...”.

Eles eram parecidos quanto à rigidez e à seriedade. Mas diferiam em outros aspectos importantes: Jânio gostava de beber e era mais arrojado; meu pai era sóbrio e pouco dado ao álcool (de vez em quando bebia uma ou duas taças de vinho durante as refeições). Uma vez, quando estávamos vivendo no exílio no Uruguai, Jânio e dona Eloá, que viajavam muito, estavam ancorados, na companhia de uma amiga, em um navio de carga chileno chamado *Arauco*. Jânio amava viajar em cargueiros. Eu e minha mãe fomos visitá-los. Eles estavam tranquilos, bebendo e jogando carteadado, interrompido assim que pisamos na embarcação. Para mim foi meio maçante, porque não havia muito o que fazer por ali. Mas parece que eles se divertiram. Minha mãe também apreciava tomar uísque, e eles ficaram bebendo e conversando até altas horas da noite. Nesse dia,

conheci a figura de perto. A imagem que ficou foi a de um senhor gentil e fino.

Mesmo depois que meu pai voltou do exílio e até quando, nos anos 1980, concorrendo com Fernando Henrique Cardoso, Jânio se elegeu prefeito de São Paulo, os dois mantiveram boas relações. Meu pai, no entanto, jamais entendeu por que Jânio renunciou à presidência; nunca encontrou uma explicação lógica para isso. Acho que ninguém encontrou.

22. A renúncia de Jânio e a Legalidade

Durante seu curto período na presidência, Jânio adotou uma política econômica e externa que não agradou aos que o apoiavam, inclusive setores das Forças Armadas e alguns segmentos sociais. Renunciou em 25 de agosto de 1961. Meu tio Jango, como seu vice, deveria assumir o posto de presidente naturalmente, conforme mandava a Constituição. Mas não foi o que aconteceu.

A renúncia de Jânio Quadros deu início a uma crise política. A posse de Jango, vice-presidente eleito pelo PTB, não teve a aceitação dos ministros militares, dos grupos políticos conservadores e das classes dominantes.

Segundo eles, mesmo legítima, a posse de Jango — cuja aparente simpatia pelos países comunistas o fazia parecer um radical perigoso — colocaria em risco a segurança nacional, pois sua figura representava a ameaça de instalação do regime comunista no Brasil.

No momento da renúncia, meu tio, então vice-presidente, estava em uma visita oficial ao presidente Mao, na China continental. Naquela época, a China comunista era vista como uma das maiores ameaças ao Ocidente. Para se fortalecer diante do potencial perigo asiático, os Estados Unidos a cada dia aumentavam sua presença no

Vietnã. Mas tanto o meu tio como meu pai seguiam com atenção a política da China de Mao e o que ele estava fazendo pelo país.

Os militares queriam assumir o controle a todo custo. Meu pai estava determinado a impedi-los, a fim de dar a Jango tempo de voltar ao Brasil. Foi então que iniciou um movimento de resistência chamado Campanha da Legalidade, que defendia a manutenção da ordem jurídica com a posse de meu tio. Criou uma espécie de rede de comunicação por meio da qual, de dentro de um estúdio montado no Palácio Piratini, comunicava-se via Rádio Guaíba, mobilizando os gaúchos. Em pouco tempo, seus discursos alcançaram o estado de Santa Catarina, através da Rádio Clube Blumenau, e o estado de Goiás, por meio da Rádio Brasil Central, instalada no Palácio das Esmeraldas, em Goiânia. Logo a Rede da Legalidade alcançava dezenas de emissoras em todo o país, irritando ainda mais as Forças Armadas.

Meu pai sabia incitar! Duzentasmilpessoas foram à rua em frente ao palácio em Porto Alegre gritando "Protejam a Constituição!", contrariadas com o fato de o Exército estar tentando assumir o poder quando meu tio, como vice-presidente, era quem deveria assumir o posto automaticamente. O povo estava pronto para iniciar uma rebelião. A revolta que meu pai liderou naquele momento exigia apenas que a Constituição fosse respeitada, e por isso foi chamada de "Legalidade".

Com as escolas fechadas e os serviços públicos suspensos, o Rio Grande do Sul estava parado. O clima se tornava a cada dia mais tenso, e a certa altura o Ministério da Guerra ordenou que a unidade do Exército localizada na cidade de Canoas bombardeasse o Palácio

Piratini. Naquele momento, a recomendação era que mantivéssemos as luzes apagadas no Palácio, porque os militares ameaçavam jogar bombas para calar meu pai.

Para nos proteger, minha mãe saiu conosco em segredo por uma outra saída secreta do Palácio. Foi preciso descer quatro níveis do terreno. Com cada um carregando uma pequena sacola com poucas roupas e material escolar, contornamos por trás o imenso guapuruvu cujas folhas chegavam quase ao terraço lateral da área residencial, acessamos as quadras de tênis, descemos mais um nível para atravessar a plantação de figos e o galinheiro, depois ainda uma escada que dava para um portão que se abria para a rua Fernando Machado, de onde seguimos até a casa de minha madrinha.

Foram treze dias de incertezas e de silêncio; ninguém nos dizia o que estava acontecendo. Tudo o que conseguíamos era ouvir meu pai, o herói revolucionário, fazendo grandes discursos no rádio.

Os militares falavam em bombardear o Palácio Piratini. Meu pai aproveitou esse momento para emitir um comunicado dizendo: "Se quiserem tomar o poder, terão que matar a todos nós. Eu lutarei até meu último pingo de energia". Felizmente, houve insubordinação: ao ver o enorme contingente de civis que cercava o Palácio, os militares do Terceiro Exército, comandados pelo general Machado Lopes, se opuseram à ordem, devido às graves consequências que a manobra acarretaria. Com essa atitude, Machado Lopes e outros comandantes militares manifestaram apoio aos legalistas e ingressaram na campanha. Depois de doze dias de resistência e tensão, meu pai conseguiu seu intento. E a Brigada Militar — subordinada ao Executivo estadual, porém sem o poder do Terceiro Exército —, que

estava entrincheirada na frente e dentro do Palácio Piratini para defendê-lo, pôde respirar aliviada.

Começaram então as negociações com Rio e Brasília, enquanto meu tio seguia sua programação, passando por Singapura, Paris e Montevideú. Tancredo Neves foi ao encontro de Jango antes do reencontro com meu pai (bem ao estilo da política mineira) para negociar um parlamentarismo. Aqui fica minha dúvida: será que meu tio negociou o parlamentarismo por temor do poder que meu pai eventualmente teria em um governo de plenos poderes presidenciais?

No início de setembro de 1961, foi aprovada a Emenda Constitucional no 4, que alterou o regime de governo do Brasil para o parlamentarismo, impedindo Jango de ter plenos poderes. Ele poderia assumir, mas como chefe de Estado, e não de governo. Só assim os militares aceitaram que meu tio tomasse posse.

Tio Jango retornou da viagem ironicamente vindo de Montevideú, sem saber que era para lá que teria que voltar pouco mais de dois anos depois, como eLivros. Graças ao esforço de meu pai, foi empossado presidente em 7 de setembro de 1961, embora com poderes restritos, trabalhando ao lado de um primeiro-ministro. A manobra toda serviu para que meu pai provasse o tamanho de seu poder como líder e comunicador, mas ele certamente não ficou feliz com o resultado. Acreditava que o meu tio deveria assumir com plenos poderes.

Meu pai nunca foi perdoado pelas forças da direita por ter conseguido dividir o Exército, fazendo com que os militares adiassem por três anos o golpe que pretendiam dar naquele momento. E ele

próprio nunca perdoou meu tio por ter feito acordos a sua revelia. Esse episódio serviu para promover a primeira grande divisão entre Jango e Brizola — e não seria a última. Meu pai era um revolucionário autêntico. Já meu tio era mais um parlamentar, sempre disposto a negociar com a oposição em vez de encher as ruas, armando o povo.

23. A Varig e os acidentes de percurso

Ser um político atuante envolve viajar a todo momento e, assim, ficar sujeito a contratempos ameaçadores. Recentemente, um ex-gerente da Varig que foi muito amigo de meu pai me relatou, por escrito, sua versão de um fato que meu pai muitas vezes comentou em casa, fantasiando como só ele sabia fazer e assustando a todos nós. Eis o relato desse profissional, que prefere permanecer anônimo:

O anoitecer de 27 de setembro de 1961 registrava uma movimentação incomum no acanhado terminal provisório do Aeroporto Internacional de Brasília. Mesmo com poucos desembarques previstos, jornalistas e centenas de admiradores de Leonel Brizola, governador do Rio Grande do Sul, aglomeravam-se no local à sua espera. A bordo do Caravelle PP-VJD da Varig, que fazia o voo 592-J, os passageiros foram avisados pelo comandante que a aterrissagem ocorreria em breve. Até então todos estavam tranquilos. Porém, às 18h32, assim que a aeronave encostou numa quina da pista ainda não totalmente concluída do

aeroporto, os 63 passageiros e os nove tripulantes sentiram um impacto brutal. Depois de uma forte pancada e um estrondo, o aparelho perdeu o trem de pouso e deslizou de barriga na pista. Quando finalmente parou, a aeronave já começava a pegar fogo. A cabine ficou totalmente às escuras e as poltronas se soltaram. Alguns passageiros em pânico esmurravam e chutavam, inutilmente, as janelas. Gritando para pedir calma, os mais controlados ajudaram os tripulantes a evacuar a aeronave pelas portas dianteiras e de emergência. Leonel Brizola saiu pela cabine de comando totalmente ileso. Jecy Sarmiento — que foi seu secretário por mais de quarenta anos — teve partes de sua roupa queimadas, juntamente com algumas notas de dinheiro que estavam em seu bolso. Apenas uma aeromoça saiu ferida. Em seguida, tripulantes e passageiros, assustados, viram o avião ser destruído pelo fogo. Esse foi o primeiro acidente aéreo da história da nova capital. E em perdas materiais, o maior da aviação comercial brasileira até então. Disseram que o acidente foi em decorrência de uma falha humana.

Esse episódio aconteceu semanas depois de terminada a Campanha da Legalidade, e imagino que havia muita gente furiosa com meu pai em Brasília... Tenho certeza de que muitos teriam gostado que ele não tivesse saído vivo do avião.

Falando em voos, em toda a nossa vida sempre tivemos um passe livre para voar na Varig porque meu pai e meu tio eram grandes defensores da companhia. Conseguiram obter fundos para

essa empresa gaúcha e totalmente nacional e colaboraram para que ela conquistasse as rotas mais rentáveis para a Argentina e os Estados Unidos, tornando-se uma das companhias aéreas mais admiradas do mundo.

Lembro-me do primeiro jato comercial a pousar em Porto Alegre, quando eu tinha cinco ou seis anos. Era um Caravelle francês. Nossa família foi convidada para embarcar em um voo, assistido por multidões de curiosos no aeroporto. A Varig era tão grata a meu pai por tudo o que ele havia feito, que deu a ele um passe livre *life time*, que logo após 1964 seria cancelado.

A Varig foi fundada em 1927 por alguns alemães no Rio Grande do Sul e foi defendida pela primeira vez pelo presidente Vargas e, depois, tanto por meu pai como por tio Jango. Era controlada por uma fundação gaúcha administrada pelos próprios funcionários e provou ser um modelo de negócio muito bem-sucedido. Era tão eficiente que chegou a dominar cerca de setenta por cento do tráfego aéreo entre Brasil e Estados Unidos, para raiva das grandes empresas norte-americanas, que, obviamente muito maiores e em condições de adquirir aeronaves com planos muito mais acessíveis, atacavam sistematicamente, visando tirar-lhe o monopólio.

O responsável pela queda da Varig foi o então presidente Collor, que, no início dos anos 1990, desregulamentou o tráfego aéreo no Brasil, dando licença para que empresas brasileiras como a Vasp e a Transbrasil também pudessem voar para os Estados Unidos, sem que tivessem a menor condição para isso. As companhias norte-americanas começaram a baixar os preços das passagens, em uma concorrência desleal, praticando o que se chama de *dumping*. Em

poucos anos as companhias brasileiras menores quebraram, e testemunhamos o triste espetáculo dos aviões sendo canibalizados no aeroporto de Guarulhos, para desespero das empresas de *leasing*.

Outra razão da falência da Varig foi também a má gestão diante da nova situação. Não souberam apertar o cinto quando as condições de mercado mudaram. Lembro que, em uma viagem a Paris, pude constatar que o gerente-geral da Varig — que morava em um luxuoso apartamento — manipulava a seu bel-prazer os *upgrades* e as reservas, parecendo o próprio embaixador brasileiro nesse quesito, assediado por todo mundo, sendo convidado para jantares e eventos. O mesmo acontecia em outros destinos importantes. O segundo motivo da queda da Varig, enfim, foi porque “o charuto entortou a boca”, como meu pai costumava dizer.

Mas a história é cíclica e infelizmente tende a se repetir. Hoje, ao observar as investigações da Operação Lava-Jato sobre os desmandos na Petrobras, não consigo deixar de relacioná-la com o que aconteceu com a Varig. Isso tudo me traz um amargo sabor de *déjà vu*. Quem sabe por trás de tudo não estejam empreiteiras estrangeiras querendo tomar conta do mercado brasileiro e com aliados poderosos aqui dentro?

24. Um presidente na corda bamba

Era óbvio que a presidência de Jango seria complicada, uma vez que vinha enfraquecida pela perda de poder causada pelos acordos que ele teve que fazer. O Brasil ainda era um país majoritariamente agrícola, embora a indústria estivesse começando a se desenvolver, principalmente em São Paulo. Era nítido que havia um enorme potencial de crescimento, e as pessoas estavam investindo pesado. Havia muita pressão para manter o crescimento. Como meu tio e meu pai eram simpáticos ao socialismo, porém, havia a influência de líderes comunistas, como Mao e Fidel Castro, o que mantinha os Estados Unidos e outras potências ocidentais em estado de tensão. Havia um medo real, fortemente manipulado pela mídia, de que Jango, incentivado por meu pai, pudesse levar o Brasil para o caminho do comunismo.

Embora meu pai nunca tenha se intitulado comunista — o que seria um suicídio político —, ele era um esquerdista dedicado, especialmente quando se tratava de promover a reforma agrária, no que certamente foi apoiado por outros regimes comunistas. Durante seu governo no Rio Grande, como mantinha um bom relacionamento com Jânio Quadros —, declaradamente de direita —, a pedido do

presidente, meu pai chefiou a delegação brasileira na Organização dos Estados Americanos (OEA) em uma reunião com os norte-americanos em Punta del Este, considerado o “*resort* de luxo” do Uruguai.

Na oportunidade ele conheceu Che Guevara, na época surfando na onda do sucesso após a Revolução Cubana, que havia colocado Fidel Castro no poder. Foi uma conversa de seis horas que teve um enorme impacto sobre meu pai, tornando-o ainda mais radical e de esquerda. Minha mãe foi com ele nessa viagem e ambos ficaram de tal forma impressionados que me lembro deles conversando sobre isso durante muitos anos. Foi o momento em que perceberam que o Brasil corria o risco de ser tomado pelos militares.

Em seu mandato como governador, meu pai acirrou ainda mais o estado de espírito dos norte-americanos quando expropriou multinacionais como a ITT (da área de telefonia) e a Bond & Share (da área energética), nacionalizando-as sem uma compensação, porque as empresas não concordavam com os planos de investimento do governo. Na verdade, ele desapropriou pagando um valor simbólico, um cruzeiro na época, dizendo que “assim estava mais do que pago”. Bem retórica dos anos 1960 à Che Guevara.

Ocorre que com isso meu pai criou uma crise entre Brasil e Estados Unidos. Tio Jango, sempre muito conciliador, decidiu, depois de algumas manobras, indenizar os norte-americanos de forma favorável para eles, concedendo-lhes ainda um empréstimo a juros baixos via Banco do Brasil.⁸ Ao tomar conhecimento do acordo, meu pai ficou revoltado e, no dia seguinte, foi à TV denunciar o caráter lesivo aos interesses nacionais, gerando uma crise no governo de tal

proporção que meu tio acabou suspendendo a negociação. Uma das primeiras medidas da ditadura, porém, foi restabelecer esse acordo, pagando ainda mais, 10 milhões de dólares, pelo atraso. Esse foi um dos capítulos mais quentes da rixa Brizola *versus* Goulart.

25. Entre beijos e faíscas

As crenças de meu pai eram completamente opostas às de minha mãe. Ela era uma mulher que cresceu em um meio de grande riqueza, sentindo-se absolutamente confortável em ter empregados a seu dispor em tempo integral. E isso a vida toda, em todas as residências em que moramos. Na fazenda de meus avós, havia famílias que trabalhavam em esquema de semiescravidão, em troca apenas de alimento e moradia. Ou seja, o contrário dos valores nos quais meu pai acreditava de forma tão apaixonada. Mas era a triste realidade da época.

Como crianças, recebemos sinais muito confusos de nossos pais. Se ele nos ouvia pedindo a um empregado um copo d'água, ficava irritado e dizia para nós mesmos irmos pegar. Ao mesmo tempo, víamos nossa mãe se comportando como se fosse seu direito divino ser mimada por outros. Tinha um séquito de empregados domésticos, todos uniformizados, enquanto ele se orgulhava de se virar sozinho. Meu pai era orgulhoso e vaidoso. Acreditava que tudo na vida deve ser obtido com grande esforço e sacrifício, ao passo que, para minha mãe, as coisas sempre vinham fácil e naturalmente. Muitas vezes eles se enfrentavam e discutiam alto na nossa presença.

Há uma passagem bem emblemática. Minha mãe tinha uma grande propriedade perto do litoral sul gaúcho (chamava-se Fazenda Pangaré), e meu pai doou 2 mil hectares dessas terras para a reforma agrária, divididos em cinquenta pequenas propriedades com moradias. Inconformada, minha mãe reclamou disso até o fim de seus dias, referindo-se à iniciativa como um "programa de louco". Ocorre que, imediatamente depois da saída de meu pai do Brasil por causa do golpe militar, o programa foi cancelado e a terra, comprada por tostões por um mafioso local que, sem escrúpulos, expulsou os camponeses. No final, ela provou que estava absolutamente certa.

Ao mesmo tempo, apesar das brigas e de toda a gritaria, podíamos ver que eles eram apaixonados: os beijos espontâneos felizmente eram mais frequentes do que as linhas de fogo. Sempre soubemos também que meu pai teve aventuras com outras mulheres, o que engrossava nossa lista de contradições a desvendar. Os episódios de infidelidade eram motivo de brigas, e eles não se importavam se estivéssemos por perto para ouvir. A sensação era de viver em um barril de pólvora, sujeito a soltar faíscas a qualquer momento.

Lembro-me de uma vez em que eu e minha irmã ficamos presos um tempão no banco de trás do carro, com nossos pais discutindo aos berros na frente enquanto seguíamos por uma estrada. No final, ela o obrigou a parar o carro para que pudesse sair.

"Queremos ir com você, mamãe", pedimos.

"Não", gritou ela. "Vocês não vêm comigo."

"Sentem-se e fiquem quietos", nosso pai ordenou e seguiu caminho, deixando-a no acostamento. Minutos depois, com a cabeça

mais fria, ele voltou para apanhá-la.

Meu pai podia, por vezes, ser um pouco violento com a gente, nos dando uns tapas ou nos chacoalhando caso fizéssemos algo que o desagradasse. Uma vez, revoltado por estar sendo tratado desse jeito, perdi a paciência e mordi seu braço com força. Ele ficou chocado e ergueu a mão para me bater.

— Você não me toque — eu disse, tremendo com uma mistura de raiva e medo. — Nunca!

Sua mão ficou no ar por um momento enquanto pensava nas minhas palavras e, em seguida, ele a deixou cair. Deve ter percebido que era hora de mudar seu comportamento e não usou violência física contra mim, nunca mais. Eu tinha doze anos, e essa primeira vitória me ensinou muito.

26. O Brasil mudava

A situação foi se tornando cada vez mais instável sob a presidência de meu tio. As revoltas foram fermentando e, no começo de 1963, o mandato de meu pai como governador do Rio Grande terminou. Enquanto isso a direita — via Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD), organização anticomunista fundada em 1959 —, com a ajuda da CIA, havia sido bem-sucedida em colocar direitistas em todos os estados cruciais, como São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, onde o governador anterior, àquela altura já um conservador idoso, foi trazido de volta.

Mesmo com toda essa instabilidade, não tínhamos a menor ideia do que estava por vir. Tanto que, quando começaram as Marchas da Família com Deus pela Liberdade,⁹ inspiradas no movimento autorizado pela Igreja católica que visava unir as famílias em torno da oração difundido pelo padre irlandês Patrick Peyton¹⁰ — também chamado de “o pároco de Hollywood” —, minha mãe mandou colar no para-brisa do carro aquele adesivo amarelo que ela achava lindo! Esse ato, que para ela era apenas mais uma forma de exibir seu catolicismo, serve hoje para nos mostrar toda sua ingenuidade a respeito de tudo o que estava por trás desses movimentos.

Nem bem voltamos para nossa casa recém-reformada no Moinhos de Vento, meu pai mudou-se para o Rio de Janeiro, onde

foi eleito deputado federal pelo então estado da Guanabara para o período de 1963-1967, com um terço dos votos válidos. Uma demonstração de que a maioria da população era a favor de mudanças. Ele se instalou em um apartamento no Leblon, de frente para o mar, e minha mãe ficou se revezando entre Porto Alegre e Rio, organizando tudo para nossa mudança definitiva no ano seguinte. A cada dia aumentava nossa expectativa de viver em uma cidade grande e excitante como aquela.

Passamos muito tempo com Mila e Raul nesse ano de 1963, enquanto nossos pais, no Rio, preparavam tudo para nossa chegada. Como meus padrinhos não tinham filhos, acharam mais seguro se instalar em nossa casa, mas às vezes íamos para a casa deles, a um quilômetro de distância. Eles continuaram a ser uma espécie de extensão de nossa família. Mesmo agradecido por tanta dedicação, meu pai tinha dificuldade em aceitar esse tipo de favor. Esperava que todos pudessem permanecer fiéis a ele, não importando as circunstâncias pessoais, mas achava excessiva toda aquela disponibilidade.

No verão de 1964, só conseguimos ficar umas poucas semanas na casa da praia em Capão da Canoa, por causa das crescentes tensões políticas no interior do país. Nossa última viagem de volta talvez tenha sido um presságio do que nos esperava. Dias antes da data de voltar, minha mãe ficou muito doente, não sei do quê, e nós cinco retornamos às pressas durante a madrugada, com meu pai no volante, sem seguranças. Chegando a Porto Alegre, fomos direto para o hospital. Felizmente foi apenas um susto. Nunca mais voltamos a Capão.

Jango e meu pai lideravam comícios que atraíam grandes multidões, embora os dois já não estivessem conseguindo comparecer a todos eles. Um ato público no qual Jango assinou medidas voltadas para a reforma agrária atraiu uma massa de 150 mil pessoas. Aconteceu bem em frente ao quartel-general militar no Rio e foi isso, provavelmente, o que fez com que as Forças Armadas decidissem assumir o controle. Era como se eles tivessem indo deliberadamente até a jaula do leão a fim de provocá-lo. Foi o famoso comício da Central do Brasil.

Assim que chegamos de volta, no início do ano letivo, em março de 1964, o país estava em convulsão. Conservadores de vários estados protestavam contra as medidas tomadas por meu tio em favor dos mais necessitados, o que incluía dar permissão para que os militares de menor patente disputassem cargos legislativos. Em 25 de março, os marinheiros fizeram um motim, declarando-se em assembleia permanente e recusando-se a voltar a suas unidades.

No dia 30 de março, seria realizada uma reunião dos sargentos das três forças, mais os da Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros, na sede do Automóvel Clube da Guanabara. Para boicotar o encontro, o comando do Primeiro Exército mandou que suas unidades retivessem os militares dentro dos quartéis, o que impediu a presença de sargentos do Exército na reunião. Meu tio Jango fez então um discurso, ressaltando a importância do sargento como ligação entre as Forças Armadas e o povo. Fez referências a seu governo, à campanha de difamação que era movida contra ele por seus inimigos e aos embaraços que estes causavam a seu governo.

Ele não sabia, mas seu governo seria posto em xeque no dia seguinte.

Semanas antes meus pais haviam ido a uma reunião política em Belo Horizonte, que era controlada pela direita. A polícia invadiu o local com extrema violência e minha mãe foi atingida com um bastão no ombro, voltando para casa com uma séria contusão. Embora estivesse ciente de tudo o que estava acontecendo na vida de meus pais, eu não tinha noção das consequências que seus atos poderiam acarretar. Na verdade, acho que nenhum dos adultos da família percebeu muito bem como nossas vidas estavam prestes a mudar radicalmente.

Nunca chegamos a morar de fato no Rio quando crianças, nem mesmo chegamos a ser matriculados em escolas, porque fomos atropelados pelos acontecimentos.

27. O açoite militar

No dia 1o de abril de 1964, quatro meses depois de Kennedy ter sido assassinado no Texas, Jango foi deposto do poder por um golpe de Estado e o rumo de nossa família mudou para sempre. Os militares chamaram esse ato de "revolução", visando legitimar o que fizeram, mas ele não tinha nada a ver com o que os brasileiros desejavam e muito menos o apoio popular, como aconteceu com a Revolução Francesa, a Revolução Russa ou a revolução no Irã, quando o povo, por sua vontade e força, derrubou governos. Nada disso aconteceu em 1964. Muito pelo contrário. Os militares sabiam que nas próximas eleições a esquerda (trabalhismo) ganharia de lavada, com larga vantagem. Por isso resolveram se antecipar com o golpe.

Desde então, o termo "revolução" foi banalizado no Brasil, adquirindo diversos significados, mas nenhum deles incluía a principal característica de uma verdadeira revolução, que é a de exprimir a vontade das massas. O que aconteceu no Brasil foi um golpe de Estado dos mais banais, que os direitistas chamaram de revolução para, com grande apoio da mídia, justificar as atrocidades que cometiam. E o fato de sermos uma das famílias mais poderosas do Brasil nos colocava diante do perigo muito real de perdermos nossas vidas.

Fizeram o mesmo mais adiante, já nos anos 1980, quando começaram a chamar meu pai de caudilho, deturpando também o sentido da palavra. Caudilho é um líder popular capaz de aglutinar as massas, mas sempre tentaram impregnar esse termo de uma conotação pejorativa, depreciando-o.

Com a inflação alta e a situação política piorando havia algum tempo, o governo foi perdendo suas forças. Meu pai exigia reformas, os direitistas se fortaleciam com o apoio da CIA, e o cenário foi se tornando extremamente polarizado. Os Estados Unidos tinham tanto receio de que o Brasil aderisse ao comunismo que enviaram, na surdina, uma grande frota para nossa costa, pronta para intervir caso necessário. Representados no Brasil por seu embaixador, Lincoln Gordon, os norte-americanos estavam completamente determinados a pôr fim mesmo ao menor movimento para a esquerda na América Latina.

Esse fato só foi confirmado nos anos 1980, quando as fitas e os papéis da Casa Branca foram liberados, mas acho que meu tio tinha conhecimento dessa frota. Só isso para explicar por que ele não tinha esperança de manter-se no poder e por que cedeu tão facilmente, o que enfureceu meu pai, que não sabia de nada. Uma vez dado o golpe, Lincoln Gordon chamou-o de "a vitória isolada mais decisiva para a liberdade em meados do século XX".

No dia do golpe, tio Jango estava no Rio de Janeiro. Ele tentou chegar a Brasília, mas os militares ameaçaram prendê-lo, então ele voou para o sul, no sentido de Porto Alegre, onde meu pai estava traçando seus planos para a resistência. Eles se reuniram na casa do general Ladário Telles, o comandante legalista do Terceiro Exército,

e, como sempre, meu pai mostrava-se disposto a lutar, como havia feito em 1961, mas meu tio não era tão apegado ao poder, nem estava disposto a começar uma guerra que não poderia vencer. Ele sabia que seu tempo havia acabado e que o melhor a fazer era dar um passo atrás e voltar para sua vida de fazendeiro rico. Meu pai, por sua vez, ainda não estava pronto para desistir de nada. Cada um foi categórico em sua decisão. E no dia 2 de abril, apenas dois dias depois do golpe, Jango já estava em Montevideu com a família, sem saber que só voltaria ao Brasil depois de morto.

Aquele fim de terça-feira, 31 de março, transcorreu normalmente, com minha mãe como sempre me perguntando se havia feito o dever de casa antes de me dar boa-noite. Descobri que algo de estranho estava acontecendo quando, às 21h30, logo depois de nós, as crianças, termos ido para a cama, ela veio nos acordar. “Vistam-se! Peguem apenas as escovas de dentes, temos que deixar a casa imediatamente.” Havia um carro esperando para nos levar para a casa de minha madrinha com nossas mochilas feitas de qualquer jeito. Minha mãe estava muito nervosa quando ordenou a seu Homero — então nosso motorista do período noturno — que mudasse o itinerário para evitar as ruas principais. “Estamos sendo seguidos, Homero!”, disse ela, observando cada carro que passava. “Vamos despistá-los.”

Finalmente chegamos ao apartamento dos Cauduro, e eles nos colocaram de volta na cama. Minha mãe se despediu dizendo que ia voltar para ficar com meu pai. Quando o despertador tocou, às 7h da manhã seguinte, eu me levantei e me preparei para a escola,

como de costume. “Você não vai para a escola hoje”, disse minha madrinha.

Fomos tirados de lá na hora certa, porque, na manhã seguinte, o Exército invadiu nossa casa na Tobias da Silva, saqueando e depredando todos os quartos, inclusive os dos empregados, sob o comando de um major, em uma ação absolutamente inescrupulosa bastante comentada (e criticada) entre o povo gaúcho.

Logo depois a televisão veiculou algumas dessas imagens, mostrando a piscina e alguns dos quartos maiores, fazendo com que tudo parecesse muito mais opulento e luxuoso do que era. Tentavam com isso fazer de meu pai um hipócrita que se dizia esquerdista com sua esposa rica. Em comparação com o Palácio Piratini, nossa casa não nos parecia nada de especial.

Tia Landa foi autorizada a visitar a casa uns quatro ou cinco meses depois da invasão, e resumiu: “Parecia um cenário de guerra”. Nunca mais voltamos para aquela casa, nunca mais vi nenhum dos meus amigos da escola, tampouco tive de volta minhas coisas. Muitos anos depois, algumas de nossas roupas foram devolvidas, e quase nada mais. Nunca mais tive acesso a fotos, brinquedos, cadernos e às coisas que me eram tão caras na infância. Era como se tivessem me roubado as lembranças e toda a minha vida anterior tivesse sido dizimada durante a noite, embora na época eu não tivesse noção do que estava acontecendo.

Não houve escola no outro dia, nem no dia depois, e nós, as crianças, logo arrumamos com o que brincar e nos distrair, enquanto os adultos à nossa volta mostravam um ar de preocupação, cochichando o tempo todo. Lembro que nos pediram para não olhar

para a casa do vizinho, talvez porque ele não fosse "confiável". Meus pais não estavam por perto até o terceiro dia, quando meu pai magicamente reapareceu. Mas a atmosfera era estranha. Ele parecia estar dizendo adeus, como se aquela fosse a última vez que iríamos vê-lo por um bom tempo.

"Sua mãe está esperando por vocês na casa de sua tia Landa", ele explicou. "Vocês vão ficar lá por enquanto." Ainda dormimos mais uma noite na casa de Mila e Raul.

28. Prisão domiciliar

Quando chegamos à casa de nossa tia, minha mãe já estava lá. Ela, que sempre fazia questão de estar bem-arrumada, maquiada e penteada, estava de cara lavada e não conseguia parar de chorar. Abraçava-nos e ficava repetindo: "Acabou o governo, acabou a democracia! O que será de nós agora?". Eu nunca a vira tão devastada.

Fomos avisados de que não deveríamos ir para os cômodos da frente, porque a polícia vigiava, de fora, nossos passos, e não estávamos autorizados a sair de casa por medo de sequestro. Ficamos ali por três longas semanas. Certo dia, querendo provar coragem para mim mesmo, saí da casa sem que ninguém percebesse e fui tomar um refrigerante em um bar ali perto. Nada me aconteceu, talvez nem tenham me reconhecido.

Embora o imóvel fosse grande, os sete filhos de minha tia tentavam estudar naquele caos, e tudo isso aumentava a tensão. Em um dado momento, lembro que umas oitenta pessoas se amontoavam no *hall* de entrada da casa, uma multidão tão turbulenta que alguns dos quadros pendurados nas paredes foram derrubados e os vidros das molduras se quebraram na confusão. Não sei quem eram, talvez correligionários de meu pai querendo demonstrar apoio.

Em várias ocasiões, a polícia nos intimidava da porta, brandindo armas e ameaçando tomar a mim, meu irmão e minha irmã como reféns para forçar nosso pai a se entregar. Em um dos momentos mais tensos, minha mãe ordenou: "Vão para o banheiro e tranquem-se lá dentro". Nossos primos mais velhos se apressaram em nos levar para o tal banheiro onde ficaríamos mais seguros. Para complicar, meu irmão, por ser mais velho, não parava de tentar nos dar ordens sem sentido. Felizmente para nós, organismos internacionais enviaram para lá alguns de seus representantes, a fim de verificar o que estava acontecendo. Eles intervieram para impedir que os militares nos levassem, o que durou umas três horas, e só então pudemos sair do banheiro. Em outra ocasião, nossa mãe nos escondeu em um armário por duas horas, enquanto a polícia e representantes dessas organizações internacionais discutiam se eles iriam ou não nos levar.

Aquela movimentação toda tirou a paz daquela rua pacata e cheia de direitistas, que talvez estivessem contentes pelo fato de estarmos acuados. A situação somente se agravava, com mais tensão e mais preocupação. Veículos da polícia continuavam estacionados no final da rua, com o caminhão de um desses organismos internacionais (não tenho certeza, mas acho que era a Cruz Vermelha) no outro extremo e os carros da imprensa no meio. Com a casa cercada por câmeras e repórteres, representantes desses organismos ameaçavam os militares em nossa defesa: "Se alguma coisa acontecer com as crianças, a imprensa internacional será imediatamente informada".

Ninguém sabia onde meu pai estava escondido, exceto minha mãe, que uma única vez foi se encontrar com ele de forma clandestina, deitada atrás do banco de um carro. Eles precisavam combinar como seria a fuga dele e como toda a família sairia do Brasil. Meu pai sempre disse que fugiu do Rio Grande do Sul vestindo um uniforme de soldado, "passando bem debaixo do nariz dos militares".

Um grande número de ministros e altos funcionários do governo estava em Brasília no momento do golpe. Na época, havia apenas duas embaixadas na nova capital federal, a dos Estados Unidos e a da Iugoslávia. Todas as demais ainda ficavam no Rio. Então, dezenas de pessoas que, com o golpe, passaram a ser perseguidos políticos correram para a Embaixada da Iugoslávia, querendo sair do país o mais rápido possível, a fim de salvar a própria vida e a vida dos familiares.

Tenho quase certeza de que, se as Forças Armadas tivessem conseguido prender meu pai nos primeiros dias do golpe, o teriam matado. Só mais tarde descobrimos que, durante aquelas três semanas tétricas, ele estava sendo escondido por simpatizantes em um edifício a apenas cinquenta metros do Palácio, bem debaixo do nariz dos militares. De lá lutava para reunir as tropas e os civis, da mesma forma que havia feito em 1961, mas foi tudo em vão. Até que ele desistiu. "Eu estava bem debaixo do nariz deles, ficava espiando da janela toda a movimentação dos militares. Mas na hora certa achei melhor sair de lá disfarçado, vestindo o uniforme de um soldado do exército, e eles nunca descobriram", vangloriava-se mais tarde.

Com os direitos políticos cassados pelo golpe militar, meu pai se viu transformado em um perseguido político e, para proteger a própria vida, precisou se esconder enquanto pensava para onde fugir com toda a família. E escolheu o Uruguai, o mesmo país escolhido pelo meu tio Jango para o exílio.

Eu tinha onze anos. Foi quando a minha infância acabou.

Parte II — O exílio



29. Família em fuga

Minha mãe pediu autorização para deixar o país com os filhos, mas os militares se recusaram a nos dar passaportes, a menos que nosso pai se entregasse. Todos os nossos documentos haviam sido deixados em nossa casa, agora tomada e saqueada pelo Exército. Depois de três semanas de tortura psicológica, no dia 22 de abril, uma quarta-feira, eles acabaram cedendo e nos deram uma autorização para deixar o país válida por quinze dias, e somente para o Uruguai e a Argentina. Estávamos fugindo de nosso país para o exílio. Naquele momento, nem desconfiávamos que viveríamos como apátridas por quinze anos.

Um amigo de meu pai, Wilson Vargas, político do PTB, nos levou ao aeroporto e viajou conosco até Montevideo. Foi um alívio sair do caos barulhento em que havia se transformado a casa de tia Landa, mas no Aeroporto Internacional Salgado Filho as coisas foram ainda piores. Os militares estavam em todos os lugares e as pessoas que circulavam por lá choravam ao perceber nossa situação constrangedora.

Funcionários da Varig nos reconheceram, vulneráveis, no saguão, e nos conduziram para uma sala privada para nossa proteção, prometendo nos levar até o Convair 990, chamado popularmente de Coronado, somente quando ele estivesse pronto para decolar. Já

estávamos a bordo, com a aeronave prestes a levantar voo, quando os militares entraram, olharam para nós e nos mandaram sair, porque precisávamos assinar alguns papéis. Só depois disso o avião teria permissão para decolar. Quando retornamos à sala de embarque, um capitão de turno, chamado Milton, rosnou para minha mãe: "Seus privilégios agora acabaram". Ao que ela respondeu com desdém: "E eu suponho que os seus começaram". "Sim", ele sussurrou com ar de superioridade. "Posso ir agora?", ela perguntou, tentando manter o fio de orgulho que ainda lhe restava. "Pode", retrucou ele, seco.

Deixamos Porto Alegre com sol e calor e chegamos uma hora e meia depois a uma Montevidéu cinzenta e chuvosa, cortada por um vento frio, clima de final de outono. Antes de aterrissar, o comandante informou que a temperatura local era de onze graus. Eram cerca de duas horas da tarde quando descemos na pista e caminhamos um longo trecho até a sala de desembarque (não havia ainda os *fingers*) com uma única mala para nós quatro. Minha mãe tinha um olhar muito triste, o que tornou aquele momento extremamente dramático, marcante e inesquecível.

Assim que os funcionários da imigração ouviram o nome Brizola, a notícia se espalhou e repórteres começaram a chegar. Na manhã seguinte, estávamos estampados em todos os jornais, mostrando que nossa presença lá era a prova do quanto o Uruguai era um país livre. Nas fotos parecíamos uns flagelados, com nossas roupas insuficientes para o frio que estava fazendo. O Uruguai, então conhecido como a "Suíça da América Latina", esbanjava liberdade e democracia. Sua economia já vinha lutando para sobreviver às novas

regras do pós-guerra impostas pelos Estados Unidos no Tratado de Bretton Woods e a agitação política começava a crescer. Anos depois, eles também seriam esmagados pelo poder da direita, apoiada pelos militares.

Meu tio Jango havia partido do Brasil logo depois do golpe, a partir de Porto Alegre, e já estava no país havia quase três semanas. Havia outras pessoas lá também, pessoas que caíram em desgraça por estarem do lado do governo deposto. De início ele ficou hospedado em uma casa de praia do senhor Juan Mintegui, um ex-diplomata metade uruguaio, metade brasileiro, que depois demonstrou ter um caráter bastante discutível. Ele era na época o único elo da família Goulart com o Uruguai. Foi esse senhor quem cuidou de circular com meu tio nos primeiros dias, até que se sentisse seguro para dar entrada com a família no hotel Columbia, onde ficaram por cerca de um mês.

Quem nos recebeu no Aeroporto Internacional de Carrasco foi também esse senhor Mintegui, careca, sempre de chapéu e com um bigode à Sarney, acompanhado da mulher, dona Nélide. O que primeiro me chamou a atenção nessa mulher foi seu rosto peludo. Ainda não sabíamos, mas o casal seria quase onipresente em nossos primeiros anos no Uruguai.

O ex-diplomata sugeriu que também ficássemos no Columbia, mas minha mãe, preocupada com o pouco dinheiro que trazia consigo, não querendo recorrer ao irmão e assim enfurecer o marido, preferiu nos hospedar em um três estrelas no centro de Montevideú, bem mais modesto. Ocupamos dois pequenos apartamentos contíguos e minúsculos no sexto andar do hotel

Lancaster, apartamentos 601 e 602. Lembro que havia uma empresa de ônibus ali perto que produzia um barulho infernal. Tio Jango foi nos visitar na nossa primeira noite ali e ficou conversando com a minha mãe até às três da manhã. Não faço ideia sobre o que falaram.

Eu já havia estado com minha mãe no Uruguai umas duas ou três vezes antes, mas foram sempre viagens curtas, sem vínculo com pessoas ou lugares. Daquela vez tudo era diferente e sombrio à nossa volta. Era óbvio que todos os adultos em torno de nós estavam paranoicos e vulneráveis, temendo por suas vidas e incertos em relação ao futuro. Estavam agindo de modo diferente de como sempre agiram no Brasil.

Dona Neusa, que jamais precisara se preocupar com dinheiro, agora não sabia como ia pagar as contas do dia a dia, e elas começaram rapidamente a se acumular. O cinza insistente daqueles dias também não colaborava para melhorar seu estado de espírito. Nenhum de nós sabia se iríamos ver meu pai de novo, ou se teríamos nossos bens confiscados. Era como se tivéssemos perdido tudo do dia para a noite.

Nesses mais de vinte dias desde o golpe, a ditadura já estava se consolidando no Brasil e ninguém sabia onde meu pai estava escondido. "Temos de rezar", ela nos instruía a todo momento, "um rosário inteiro". Lembro que levei comigo três bolinhas de gude e ficava rodando aquelas esferas de vidro colorido dentro do bolso para me distrair enquanto ela ia desfiando o terço.

30. Brizola escapa

A imprensa internacional rapidamente descobriu nosso paradeiro e os jornalistas montaram acampamento permanente em todas as entradas do hotel, seguindo todos os nossos movimentos, esperando por uma pista de onde meu pai poderia estar escondido.

Já estávamos ali havia cerca de dez dias quando meu tio nos levou para almoçar fora. Havia um clima de tensão durante a refeição e nós, as crianças, nem imaginávamos o motivo. De repente, Maneco — o fiel piloto Manuel Leães, que trabalhava para tio Jango — apareceu no restaurante dizendo, animado: “Tudo certo, meu comandante!”. E então todos relaxaram e nos levaram para a saída, dizendo disfarçadamente, para que ninguém no estabelecimento pudesse ouvir, que logo iríamos encontrar nosso pai. Foi então que soubemos de toda a história. Meu tio Jango havia bolado um plano para levar meu pai a salvo de Porto Alegre até o Uruguai. Maneco voaria sempre baixo, sobre o mar, para não ser detectado pelos radares, e desceria na praia próxima à pequena cidade de Mostardas, no litoral gaúcho, a mais ou menos 45 minutos de voo da fronteira. O litoral sul do Rio Grande, entre a lagoa dos Patos e o mar, é ainda hoje uma das regiões mais agrestes e selvagens do Brasil. São centenas de quilômetros de uma enorme praia deserta.

Outra pessoa de confiança foi incumbida de levar meu pai de carro de Porto Alegre até o avião, em uma viagem de cerca de 150 quilômetros. Houve alguns pequenos contratemplos no trecho terrestre — eram três carros e dois enguiçaram —, mas a fuga foi bem-sucedida. Uma vez fora do espaço aéreo brasileiro, Maneco aterrissou no aeroporto Sarandi del Yi, próximo a Durazno, a pouco mais de cem quilômetros de Montevideu, onde não havia nenhum controle de alfândega. Lá os esperava o sempre solícito senhor Mintegui, que primeiro deixou meu pai em uma casa de sua propriedade (a mesma na qual tio Janguinho havia ficado) na praia de Solymar, onde ele precisou ficar ainda por uns três dias para não comprometer Maneco, hoje já falecido. Na sequência, Mintegui levou o piloto até o restaurante no qual estávamos, passando a conta dos gastos depois, obviamente.

Precisamos ser hábeis para despistar a imprensa, mas foi uma alegria reencontrar nosso pai, com a barba crescida e vestindo uma farda de policial militar gaúcho. Só então soubemos que ele tinha estado escondido no apartamento de Ajadil de Lemos, até então vice-prefeito de Porto Alegre, que morava em um edifício ao lado do Palácio Piratini, de onde meu pai pôde observar toda a movimentação dos militares à sua procura. Ajadil havia sido casado com Lara de Lemos, famosa jornalista e poetisa gaúcha, que compôs o Hino da Legalidade.

Minha mãe parecia aliviada e sua vontade era ficar ali com o marido. Tivemos, contudo, que voltar ao Lancaster para dormir, a fim de não chamar a atenção dos jornalistas. Visitamos novamente meu pai no dia seguinte e, quando voltamos, a imprensa começou a

desconfiar de algo. Fomos instruídos a não falar nada. Um repórter chegou a me perguntar: "Vocês ficavam o tempo todo no hotel e agora chegam às onze da noite. De onde estão vindo?". Eu só respondia: "Não sei, não sei". Mas, quando fizeram a pergunta para Neusinha, ela, ingênua, entregou: "Fomos ver meu pai". Foi sem querer, claro, mas a essa altura já haviam se passado dois dias e não houve tanto problema.

No terceiro dia, meu pai apresentou-se para as autoridades uruguaias e pediu asilo político. Assim que o visto foi concedido, ele foi se juntar a nós no hotel. Mesmo amontoados naqueles dois quartos, minha mãe demonstrava estar feliz por ter a família reunida de novo, apesar de sua preocupação com nossa situação financeira. "Sempre pensei que era uma mulher rica, até vir para o Uruguai", lamentou-se ela em determinado momento. "Não se preocupem com dinheiro", ele nos assegurou, rindo muito e, para provar o que dizia, puxou um maço grosso de notas — mil dólares —, e acenou com ele alegremente no ar: "Olhem!".

Foi um alívio para minha mãe saber que não iríamos ser jogados em uma prisão por causa das dívidas. Ela nem perguntou de onde aquelas notas tinham vindo. Mesmo depois, quando o dinheiro continuou entrando, nunca quis saber aonde meu pai ia para obter mais sempre que precisava. Nós certamente não vivíamos no luxo, mas sempre havia dinheiro para comprar comida e roupas, quando necessário.

E, verdade seja dita, embora minha mãe não tivesse mais acesso às conveniências a que estava acostumada no Brasil, sempre houve

fundos suficientes para que vivêssemos com algum conforto, mesmo no exílio.

31. O incendiário e o fazendeiro

“Vamos continuar a luta e venceremos, porque não será fácil para eles consolidar esse regime”, meu pai insistia. Já meu tio Jango não queria saber de nada disso. Ele havia se resignado em ser um ex-presidente. Enquanto meu pai era uma pessoa cheia de ideais que nunca conseguiu grande sucesso empresarial, Jango era um homem de negócios que sempre soube multiplicar seu patrimônio.

O que quer que Jango soubesse sobre o envolvimento dos norte-americanos no golpe militar brasileiro, não compartilhou com meu pai, talvez temendo com isso apenas enfurecê-lo e criar ainda mais problemas. Ele sentiu que era hora de voltar atrás e viver uma vida mais calma em uma estância, voltando-se para atividades que conhecia melhor, como a compra e a venda de gado.

“Os generais que lideraram o golpe contra mim eram todos homens que eu escolhi e nomeei. Nunca imaginei que um dia fossem me trair”, tio Jango disse-me um dia. Ele era um homem leal e honesto. E, perplexo, só conseguia se perguntar como alguém era capaz de agir de uma forma tão desleal. Ao contrário do cunhado, no entanto, não estava disposto a lutar contra os traidores. Preferiu ir embora e tocar sua vida, enquanto meu pai continuou escrevendo o enredo que naquele momento envolvia revolta, mágoa e ressentimento.

Enquanto os militares seguiam perseguindo furiosamente todos os que haviam participado do governo anterior, novos refugiados desciam rumo à fronteira e buscavam abrigo no Uruguai. Eram senadores, líderes sindicais, operários, cientistas políticos etc. Em pouco tempo, havia cerca de três centenas deles na capital uruguaia, mas meu pai continuava sendo a pessoa que as autoridades mais temiam, como comprovamos em documentos oficiais da época, recentemente liberados. Ele era e continuou sendo seu alvo número um.

Quando ocorre uma grande mudança de poder, há sempre um alto número de pessoas desencantadas que perderam suas posições e querem reconquistá-las. A maioria dos ricos que havia fugido de Fidel Castro em Cuba tinha se mudado para Miami. “A burguesia brasileira não cabe em Miami”, meu pai fazia piada.

O curioso é que, embora ele tenha sido considerado por muitos “o incendiário”, fui eu que quase provoquei um incêndio de verdade. Esse episódio tem ligação com uma pessoa que esteve muito presente em todo o período inicial do exílio de meu pai: Enrique Erro, deputado uruguaio de esquerda que sempre se mostrou muito amigo desde a nossa chegada. Certa vez, ainda nos primeiros meses em Montevideú, Erro convidou meu pai para um churrasco no balneário El Pinar. A intenção era apresentá-lo aos líderes do Movimiento de Liberación Nacional-Tupamaros, organização guerrilheira comunista que lutava contra o governo do Uruguai, que então estava bem no início, ainda se consolidando.

Fui com meu pai e, como era a única criança ali, logo me aborreci e resolvi passear pelo bosque de pinheiros que havia no terreno ao

lado. Inventei de fazer uma fogueirinha com alguns gravetos, o fogo se alastrou e as chamas atingiram a garagem da casa. A situação ficou fora de controle e foi preciso chamar os bombeiros. Eu não sabia, mas a casa era um aparelho. Em minutos estavam todos correndo muito nervosos, inclusive o cabeça do movimento, Raúl Sendic.

Não levei bronca pelo acidente e, passado o susto, todos acabaram rindo. O episódio até acabou virando piada em nossa casa. Meus pais sempre brincavam depois disso dizendo que os líderes tupamaros saíram correndo para não despertar a atenção dos vizinhos. Tempos depois, Enrique Erro acabou se transformando no estopim da implantação da ditadura uruguaia, quando o Congresso negou autorização para processá-lo, e a reação dos militares foi fechar o parlamento, colocando fim a mais de quarenta anos de democracia no país vizinho. Ele acabou precisando deixar o Uruguai e morreu no exílio em Paris, em 1984.

32. A vida no exílio

No início, meu pai não se mostrava tão abalado, porque achava que aquela situação era provisória e que em breve estaríamos de volta ao Brasil, retomando nossa vida normal. A parte mais humilhante era não ter passaportes ou documentos oficiais de identificação. Para uma família acostumada a viajar livremente pelo mundo, foi um choque descobrir que agora seria impossível ir a qualquer lugar. Em um dia éramos a família governante de um dos maiores países do mundo e vivíamos uma vida fácil de poder, no outro, estávamos confinados em um hotel três estrelas na capital uruguaia como bandidos fugindo da Lei.

Cerca de dez dias depois de chegar, meu pai pediu ao senhor Mintegui que procurasse um lugar para morarmos em Montevideú. Meu tio e sua família já estavam instalados em um edifício de frente para uma praça em um bairro mais tranquilo. Meu pai preferia ficar no centro da capital, perto dos demais e Livross.

O senhor Mintegui conseguiu com uma amiga um apartamento no décimo andar de um edifício com fachada de granito, o Martinez Reina, construído havia apenas cinco anos. Ficava na Plaza Independencia, número 808, cinco andares acima do apartamento em que ele próprio morava, para sua óbvia conveniência, e certamente havia dinheiro envolvido, porque, afinal, não tínhamos

documentos. Lembro de ouvir meu pai reclamar que o aluguel era extorsivo: duzentos dólares por mês, em valores de 1964. Era um imóvel grande, ensolarado e bonito, que encantou minha mãe à primeira vista. Tinha quatro quartos e dois banheiros, mas havia um porém: estava vazio e não tínhamos mobília. Tudo que era nosso estava em nossa casa de Porto Alegre, saqueada e ocupada pelo Terceiro Exército.

Acreditando que tudo aquilo seria passageiro, meu pai não estava disposto a comprar móveis. Para contornar a situação, a dona do imóvel começou a mobiliar o apartamento e foi colocando lá peças de gosto bastante duvidoso. E então começaram os problemas; minha mãe reclamando daquilo tudo e meu pai sempre achando tudo uma beleza, o que a contrariava ainda mais. Acabamos morando por sete anos ali — praticamente toda a minha adolescência.

A falta de documentos oficiais também dificultava ingressarmos em uma boa escola de Montevideu. Meu tio Jango conseguiu matricular João Vicente e Denise em um colégio norte-americano, o que foi muito criticado pelo meu pai. Minha mãe gostaria que frequentássemos a mesma escola que os primos, mas meu pai recusou veementemente a ideia, e a última palavra era sempre dele. Um mês depois, Neusinha começou a frequentar um discutível colégio de freiras, e eu e meu irmão, uma desagradável escola católica para meninos que era ligada por uma passagem interna a uma igreja. Era a mesma onde estudava o filho do senhor Mintegui. “Calma, crianças, é provisório. Logo conseguiremos novos

documentos para vocês e então fazemos a transferência”, nos diziam.

Tentando nos animar, meu pai fez questão de nos levar até o colégio nos primeiros dias de aula, acompanhado de três seguranças. Mas de nada adiantou esse incentivo. O estabelecimento era dirigido por sacerdotes vindos de Bayonne, na França, que empregavam uma estranha combinação de disciplina rígida e abraços. Suas batinas grosseiras cheiravam como se nunca tivessem sido lavadas. Além disso, na escola era considerado normal os alunos roubarem pertences uns dos outros. E, como tinha muito mais posses do que as demais crianças, eu era o mais roubado. Quando reclamei sobre isso com os professores, eles apenas deram de ombros, recomendando que cuidasse mais de minhas coisas. As mães de meus colegas de escola admitiam que elas próprias ensinavam os filhos a subtrair as coisas alheias, justificando-se assim: “Quem é rico tem mais é que dar aos pobres”. Fiquei chocado com o fato de aquilo parecer normal para eles.

No entanto, os métodos educacionais da escola até que funcionavam bem. Eu cursava as aulas normais pela manhã e voltava à tarde para as aulas de espanhol. Em dois meses já falava e escrevia o suficiente naquela língua, tirando excelentes notas em redação e leitura. Já os níveis de honestidade, higiene e cuidados foram um choque para quem, como eu, havia estudado em uma escola alemã bem administrada e bem frequentada em Porto Alegre. Era um lugar miserável, que adicionava mais tristeza ao anonimato de nossa nova vida. Eu sentia estar vivendo em um mundo estranho e hostil.

Nosso apartamento ficava próximo à Casa do Governo e a apenas sete quarteirões de distância da escola. No início, éramos conduzidos por um motorista, por razões de segurança. Conforme as coisas foram se acalmando, pudemos nos comportar mais como cidadãos normais e, por vezes, íamos caminhando com nossa mãe na ida, ou então ela nos buscava na parte da tarde.

Éramos sempre seguidos pelos fotógrafos das revistas, buscando alguma novidade. Mas éramos acompanhados de perto sobretudo por espiões da Embaixada brasileira, cujo titular era o embaixador Manoel Pio Corrêa, de ultradireita, então recém-nomeado pelo presidente Castello Branco. Esse homem entrou para a história de nossa família como o terrível e cruel algoz de meu pai. Sua principal função era neutralizar qualquer articulação de combate à ditadura, o que incluía monitorar as ações de brasileiros no exterior, entre eles João Goulart, Leonel Brizola e Miguel Arraes. Dizem que a atuação dele no Uruguai acabou servindo de experiência-piloto para a criação do Centro de Informações do Exterior (Ciex), do Itamaraty, arquitetada por ele e que consistia em uma rede de contatos que incluía políticos, militares, juízes, delegados de polícia, fazendeiros e comerciantes.

Em uma dessas caminhadas, vi um amigo da minha antiga escola no Brasil vindo com a mãe em nossa direção pela calçada do outro lado da rua. “Mamãe, olha lá o Pedro!”, gritei, animado. “É mesmo? Então vamos lá cumprimentá-lo”, disse ela.

Pedro levantou a mão para acenar, mas assim que a mãe dele nos viu — nunca vou esquecer o olhar de horror que atravessou seu rosto —, pegou no braço do menino e os dois fugiram o mais rápido

que puderam. Parecia que tínhamos uma doença contagiosa. Minha mãe ainda tentou chamá-los, e então eu os vi apertar o passo. A mulher nem sequer tentou disfarçar o pavor de ser associada a nós. Eu não entendia o que estava acontecendo, mas a minha mãe compreendeu perfeitamente. Naqueles dias, qualquer brasileiro que tivesse algum tipo de ligação com Leonel Brizola estava arriscando-se à prisão ou a uma sentença de morte, na melhor das hipóteses uma morte social. “Vamos para casa”, disse ela depois de me abraçar. E eu vi que estava chorando.

“Leonel”, ela gritou logo que entramos em casa, “você não vai acreditar no que aconteceu...”. E derramou toda a história. Ao ouvi-la, comecei a entender um pouco melhor o que ela estava passando.

Fui para o quarto enquanto meu pai tentava acalmá-la. Depois de um tempo ele veio, sentou-se a meu lado na cama e, passando o braço em volta dos meus ombros, disse: “Você precisa entender, João, que essas coisas são tão precisas como um cálculo estrutural. Quando você está no poder, atrai as pessoas. Elas vão bajulá-lo e encontrar maneiras de se associar a você. Mas, quando você está eLivros, todas fogem de você e veem apenas os seus defeitos. Isso é matemático, acontece exatamente da mesma maneira todas as vezes. Em sua vida, você vai descobrir que, quando está no poder, todo mundo é seu amigo e tudo é lindo, mas, quando está fora do poder, todos procuram razões para evitar que você os aborde. São como abutres circulando no céu, observando e esperando que você tropece e caia, para então atacar e se alimentar de seu cadáver”. Certamente comprovei isso muitas vezes anos depois. Como

engenheiro, ele sempre se sentia mais confortável em nos explicar as coisas em termos precisos.

Demorou mais de um ano até que o Colégio Farroupilha, de Porto Alegre, entregasse nosso histórico escolar; mesmo assim ainda estudei quase quatro anos naquela escola de padres.

Houve um episódio que talvez possa representar o que o exílio significou para mim: os padres costumavam promover excursões aos domingos; eram visitas a parques, represas etc., e eu adorava ir. Uma delas foi uma visita ao Chuí, fronteira com o Brasil. Tudo correu bem no trajeto e, quando chegamos lá, o ônibus estacionou no lado uruguaio. Assim que a porta foi aberta, a criançada toda correu para o lado brasileiro, certamente interessada nas lojinhas que vendiam coisas que não havia no Uruguai. Fui o único a quem pediram que não atravessasse a rua que divide os dois países. É óbvio que não obedeci. E, assim que cheguei do lado de lá, vi uma bandeira do Rio Grande do Sul tremulando ao vento sobre uma casa. Criado em um Palácio, tive contato com todas as bandeiras e elas sempre me fascinaram. Mas, naquela manhã, ao ver aquele retângulo de pano com as listas diagonais em verde, vermelho e amarelo, fui tomado por um sentimento que jamais esqueci, tampouco soube identificar no momento. Hoje tento definir como um misto de saudade, melancolia e raiva.

33. Os planos revolucionários

Enquanto meu pai escolheu alugar um apartamento no centro de Montevideu, próximo dos outros refugiados brasileiros de esquerda, para começar a planejar seu retorno ao poder, Jango, mais conformado com a situação, se dedicava a cuidar de seus negócios agrícolas e ainda arrumava tempo para se divertir com correligionários.

Logo ao chegar, os refugiados brasileiros se dividiam: havia a turma do Jango e a turma do Brizola. Entre os eLivross que escolheram ficar ao lado de meu pai havia de tudo, de ex-secretários de Estado a policiais, e muitos deles passaram a atuar como seus seguranças. Ele circulava sempre acompanhado de dois deles, no mínimo. Algumas dessas pessoas tinham um caráter bastante duvidoso. A maioria chegou sem dinheiro, com a família, e em situação de completa penúria, realmente precisando de ajuda. Alguns, no entanto, eram sem dúvida espões enviados pelo governo brasileiro — ou sabe-se lá mais quem — para descobrir o que Brizola andava fazendo. Todos se reuniam em torno de meu pai falando, discutindo e... tramando.

Meu pai ajudou muita gente, mas talvez meu tio Jango tenha ajudado muito mais.

E os eLivross não paravam de chegar. Houve uma época em que eram mais de trezentos. Então meu pai começou a oferecer uma refeição à noite para quem quisesse em nosso apartamento. Naquele primeiro ano, minha mãe chegou a servir até cinquenta pratos de sopa por dia, justo ela que nunca havia frequentado nenhuma cozinha. Sempre havia quem a ajudasse, mas em um dos primeiros dias, ainda sem prática, ao tentar fazer uma sopa sozinha, ela colocou uma galinha inteira na panela, sem saber que era preciso limpá-la primeiro. Felizmente, duas velhinhas amigas correram até a panela, corrigindo aquele preparo equivocado e ensinando a ela como fazer da forma correta. Com o tempo minha mãe foi pegando jeito, até quase se tornar uma especialista no “sopão dos eLivross”, que basicamente significava jogar dentro da panela tudo o que havia na geladeira, juntar algum tempero e ferver.

Morei nesse lugar dos onze aos dezessete anos, praticamente todo o tempo de meu exílio no Uruguai, só saindo de lá para ir estudar, inicialmente em Porto Alegre, depois no Rio — e foi então que eles se mudaram para outro apartamento.

34. O dinheiro de Cuba

Nos primeiros três ou quatro meses, meu pai e meu tio estavam bem próximos, indo sempre juntos aos lugares. Até que as divergências começaram a separá-los, e cada um foi formando sua turma bem distinta. Mesmo com tio Jango tirando da cabeça qualquer pensamento que pudesse levá-lo de volta ao governo, meu pai nunca iria parar de lutar. Seu carisma e sua energia atraíam cada eLivros que chegava, alguns partilhando dos mesmos ideais, mas a maioria vendo uma oportunidade para a aventura ou para fazer algum dinheiro.

Imediatamente após o golpe de Estado, emissários foram a Cuba negociar e buscar dinheiro para a organização de dois grandes projetos de guerrilha que envolviam meu pai arrendar um pequeno rancho que servisse de campo de treinamento para os guerrilheiros. Ele nunca nos disse quem foram esses emissários. Grande parte do dinheiro chegou em caixotes cheios de moedas de ouro. Meu pai deu uma delas para minha coleção, e guardei-a como lembrança por muitos anos.

Nenhum de nós sabia exatamente o que se tramava entre eles, mas eram ações variadas: desde planos de ataques contra alvos do governo até invasões em larga escala.

O tal campo de treinamento ficava em Pando, a 32 quilômetros de Montevideú. Fui algumas vezes com o meu pai até lá e ficava impressionado com a organização. Em uma dessas ocasiões, seguimos em seu carro, o mesmo Mercedes-Benz que tinha no Brasil, sem que ele me dissesse para onde estávamos indo ou por quê. Notei que o carro estava se comportando quase como uma lancha, com a parte dianteira apontando para cima e o bagageiro quase tocando a estrada. “Qual é o problema com o carro?”, perguntei inocentemente. “Não se preocupe com isso”, ele desconversou, e eu sabia que não devia perguntar mais nada. Mais tarde descobri que estávamos transportando uma nova leva de metralhadoras e munição, resgatada devido à dissidência de um de seus homens.

Esse Mercedes foi o único veículo no qual os militares não conseguiram meter a mão logo após o golpe. Foi retirado na mesma noite da garagem de nossa casa e escondido, não sei onde. Recebeu uma pintura cinza (era azul) para disfarçar. Um segurança de meu pai, do Rio, disfarçado de playboy milionário, conseguiu levá-lo até o Uruguai. Foi seu automóvel durante todo o exílio; durou mais de vinte anos.

Eu não teria me preocupado mesmo se soubesse, pois gostava de estar na companhia de meu pai e não tinha ideia do que estávamos fazendo, porque ele sempre fazia tudo parecer sob controle, tamanha era sua confiança de que logo ia encontrar um caminho para voltar ao Brasil. Nesse período, meu pai me ensinou a atirar, e eu ficava treinando a mira e tentando abater qualquer coisa que se mexesse no ar. Mas logo me desinteressei daquilo.

Meu irmão e eu nunca sabíamos quando ele, de repente, decidiria levar um ou outro de nós em uma missão, sempre nos pedindo que guardássemos segredo. Nunca nos levou juntos e eu nunca soube que aventuras Vicente pode ter vivido com nosso pai. Hoje vejo que muitas das vezes ele nos chamava só para despistar. Afinal, quem desconfiaria de um pai andando de carro com o filho?

Assim que escureceu em uma certa noite de inverno, meu pai me convidou para sair de carro. Rodamos até uma praia deserta, com três de seus seguranças nos seguindo em outro veículo. Como de costume, ele se recusou a responder às minhas perguntas. Estacionamos na areia e esperamos em silêncio sob a lua cheia, até que uma luz brilhou no mar. Meu pai respondeu ao sinal piscando os faróis algumas vezes. Mais algumas piscadas de luz vindas do mar adiante e em poucos minutos uma lancha de cerca de trinta pés de comprimento veio em nossa direção, encalhando na areia. Saímos do carro, meu pai cumprimentou o homem que pulou do barco e, imediatamente, começou a descarregar na areia cerca de quinze caixas de madeira.

Reparei que meu pai estava carregando um martelo. Ele começou a andar em torno dos engradados e, de repente, usou o martelo como alavanca para abrir a tampa de um deles. Sob a luz da lanterna vi brilhar lá dentro revólveres e caixas de munição. Satisfeito, assim que a última caixa foi depositada na areia, meu pai acenou para seus homens de segurança, um dos quais entregou ao barqueiro uma mochila barata. Quando ele puxou o zíper, consegui ver muitos maços de notas de cem dólares. Todos se apertaram as mãos, o homem jogou a mochila dentro da lancha e começou a

empurrá-la de volta para a água. Enquanto isso, meu pai e seus homens rapidamente carregaram os engradados para os carros. E em poucos minutos a praia enluarada estava deserta de novo.

Fomos até a fazenda, descarregamos as caixas e, na volta, meu pai me advertiu: "Não comente uma palavra sobre isso com ninguém". Eu me senti orgulhoso por sua confiança e meio como se fizesse parte de sua revolução. Muitos anos depois ele me confidenciou: "Olha, meu filho, a coisa mais fácil naquela época era conseguir armas e munição, bastava ter algo acima de 100 mil dólares e encomendar, que 'eles' providenciavam uma entrega rápida". Nesse dia comentei sobre aquela noite na praia e ele respondeu: "Ah, aquilo foi pequeno".

O governo uruguaio destacava policiais para proteger meu pai, mas a tarefa paralela desses militares era informar sobre os movimentos dele. Meu pai, no entanto, sabia despistá-los para que não vissem nada que não pudessem ver.

35. Ações malsucedidas de guerrilha

Nos primeiros anos de exílio, meu pai atuou em dois movimentos de guerrilha: um em Minas Gerais e o outro na fronteira entre o Paraná e a Argentina.

Próxima da divisa com o Espírito Santo, a serra do Caparaó integra a Zona da Mata mineira e foi planejada como espaço ideal para lançar uma ação de guerrilha. A Guerrilha do Caparaó foi a primeira ação armada contra o regime militar liderada por militares insurgentes e teve início em meados de junho de 1966, com a chegada dos guerrilheiros em pequenos grupos. Eles se instalaram em um sítio da família de um sargento aliado e, para disfarçar, simularam uma criação de cabras.

A ideia da guerrilha era promover ações que servissem de exemplo e estímulo à criação de outros grupos. Eles acreditavam que assim, em pouco tempo, os militares teriam de ceder ao clamor da nação por liberdade. Esses homens tentaram cooptar alguns moradores da região, mas aquela gente simples desconhecia o que o regime militar estava fazendo no resto do país. Os moradores se mostraram resignados com suas difíceis condições de vida e mais preocupados com a própria sobrevivência. Sem tomar as devidas

precauções, em vez de criar simpatia, a movimentação dos guerrilheiros gerou desconfiança entre os habitantes do local. Quando começou a faltar o dinheiro de Cuba, a fome, o cansaço e as divergências internas foram abatendo o grupo, assolado também pela peste bubônica, transmitida pelos ratos da serra que invadiam os depósitos de comida e urinavam, criando focos de contaminação.

Em vista de tantas dificuldades, parte dos guerrilheiros desistiu, retornando a suas cidades de origem, mas o subcomandante da operação continuava a crer que, se conseguissem acender um pequeno fogo capaz de despertar a nação, a missão já teria cumprido seu objetivo. Em março de 1967 só havia dez integrantes, localizados e presos pela polícia mineira, que foi informada de sua presença pelos próprios moradores da localidade. Mais tarde, os dez guerrilheiros foram torturados.

O outro movimento de que me lembro deveria acontecer próximo às Cataratas do Iguazu e seria executado pelo tenente-coronel revoltoso Jefferson Cardim, liderando cerca de vinte homens. Cardim havia sido nomeado por Jango como diretor técnico do Lloyd Brasileiro em Montevideú até 1964, quando teve seus direitos cassados. Em março de 1965, quando ainda estavam se preparando para a missão, o tal coronel decidiu partir de uma hora para outra por conta própria, sem autorização, levando todas as armas que encontrou, crente que se transformaria em um herói revolucionário. Meu pai ficou bufando de raiva. Dois dias depois, o pequeno grupo foi preso e silenciado.

Nenhuma das ações guerrilheiras projetadas por meu pai e seu grupo foi bem-sucedida. Atribuo esse insucesso ao despreparo da

maior parte dos homens recrutados, assim como à falta de conhecimentos militares de meu pai. Eram operários, professores e gente de todo tipo de profissão, que chegavam a Montevideu procurando por ele, sonhando em se tornar guerrilheiros, mas calçando sapatos de bico fino e meias, sem ter a menor ideia do que os esperava. Decerto achavam que bastava aprender a atirar para se tornar um combatente revolucionário. Reza a lenda que, ao prenderem vários deles, os policiais disseram: "Mas esse pezinho macio não é de guerrilheiro!".

Eu mesmo fui testemunha do quanto alguns deles eram inocentes e sonhadores. Certo dia, entrei em um bar perto do edifício no qual fomos morar em Atlántida, no Uruguai, para comprar um refrigerante quando vi três dos homens do campo de treinamento de meu pai, já altos com a bebida, comentando alegremente e em tom normal "sou do esquema do Brizola em Caparaó" para quem quisesse ouvir, justo naquele balneário que todos sabiam estar cheio de informantes do governo. Ingenuamente, perguntei depois a meu pai o que queria dizer "Caparaó". Foi um cataclismo! Meu pai inicialmente duvidou de mim, mas assim que se certificou de que eu não estava inventando, soltando fogo pelas ventas, virou-se e saiu à procura dos tais homens no sítio que servia de campo de treinamento.

Imagino a descompostura que levaram. Contudo, acho que não aprenderam a lição. Soube depois que fizeram o mesmo em Caparaó, para onde seguiram esperando repetir a luta de Sierra Maestra, experiência cubana bem-sucedida que acabou cooptando

toda a população em defesa da guerrilha em Cuba. Mas ali, em plena Zona da Mata, a realidade foi dura demais para eles.

Fora essas duas tentativas de agir além das fronteiras, a maioria dos planos revolucionários de meu pai teve lugar no Rio Grande do Sul, porque essa era a região que ele conhecia bem. Quando alguém era apanhado, contudo, as consequências eram terríveis. Em 1966, o corpo de um dos soldados aliados da guerrilha, o sargento Manoel Raimundo, foi encontrado afogado, com claros sinais de tortura.

Chocado com a escalada da violência, meu pai organizou uma missa pública para esse homem no Uruguai, autorizando que eu e meus irmãos faltássemos à aula a fim de participar. Enviou ainda uma moção para o então secretário-geral da Organização das Nações Unidas, U Thant, um diplomata birmanês, que respondeu em carta afirmando que o mundo não podia compactuar com tais barbaridades. Aquele assassinato tornou-se um caso notório de violação dos direitos humanos e vem sendo discutido até hoje, mas nada aconteceu aos envolvidos. Essa atrocidade, no entanto, serviu para, finalmente, fazer meu pai começar a questionar se seria capaz de derrotar um regime tão cruel.

36. Espionagem e paranoia

Meu pai não tinha conhecimento, na época, do grau de envolvimento dos Estados Unidos no monitoramento dos eLivross brasileiros em Montevidéu. Mesmo assim, sempre teve certeza de que a CIA — a agência civil de inteligência norte-americana — acompanhava seus passos. E eu não entendia o que estava procurando quando, sempre que recebia pessoas para suas reuniões secretas em nosso apartamento uruguaio, ele puxava luminárias, abria as tomadas e revistava a calefação e todos os cantos com a ajuda de uma lanterna, dizendo: “Eu sinto o cheiro da CIA aqui”.

Ainda garoto, eu achava engraçado aquele comportamento, que me parecia paranoico. Só muito tempo depois foi que compreendi o motivo de sua busca por incômodos dispositivos de espionagem. Basta ler o livro *Dentro da Companhia – Diário da CIA*, de Philip Agee, ex-funcionário da CIA, no qual ele denuncia tudo que o órgão de segurança norte-americano fez na América Latina, incluindo o Uruguai, e divulga o nome de muitos agentes.

Para nos resguardar ainda mais, minha mãe sempre buscava pessoal conhecido de Porto Alegre para trabalhar em nossa casa, acreditando que seriam leais à família. Mas a lealdade em situações como a nossa é algo bastante relativo.

Um caso bem exemplar ocorreu com uma de nossas empregadas, Olanda, uma descendente de alemães enorme que mal falava português. Ela havia trabalhado no Palácio e parecia ser bem contida. Pelo menos até o dia em que fomos de carro passar um fim de semana em Atlântida, deixando-a incumbida de cuidar da casa enquanto estivéssemos fora. Uma hora depois, meu pai percebeu que tinha esquecido alguma coisa e pegamos a estrada de volta. Quando entrei em meu quarto, um homem grande e negro estava deitado em minha cama e ela se dirigia, nua, para o banheiro. Meu pai gritou e imediatamente os homens que faziam sua segurança permanente entraram correndo e renderam o homem. Eu e Neusinha ficamos olhando a cena, de olhos arregalados. Enquanto o homem era imobilizado, minha mãe voltou-se para a tal moça, furiosa. Em uma linguagem que eu nunca a vira usar antes, ela gritava: "Você me traiu, sua ordinária!". E a moça chorava, completamente descontrolada, pedindo perdão, repetindo apenas: "Desssculllpa, dona Nelllllssssa...".

Depois ficamos sabendo que o tal invasor era funcionário do consulado brasileiro, incumbido pelos militares de se aproximar da empregada com a finalidade de ter acesso e vasculhar o escritório de meu pai. Ele primeiro tentou, mas, assim que percebeu que seria difícil arrombar a fechadura, aproveitou para se divertir, inclusive consumindo o uísque que havia em nossa casa.

37. Entre o marido e o irmão

Um dos primeiros planos de meu pai contra a ditadura brasileira envolvia ocupar um grande entreposto de leite, o Departamento Estadual de Abastecimento de Leite (DEAL), em Porto Alegre, e depois acusar os militares pelo ato. Ele vinha se dedicando arduamente a isso quando o meu tio Jango descobriu e abortou a ação, deixando meu pai furioso. “Não vou permitir isso”, meu tio disse ao tomar conhecimento do projeto. Para meu pai, Jango estava abandonando a causa, mas meu tio já sabia que seria uma luta inglória.

Em 1965, os Estados Unidos começavam a aumentar sua participação no Vietnã, mas, para meu pai e seus seguidores, os vietcongues eram os heróis da história, não os norte-americanos. Pelo contrário, ele via os políticos norte-americanos como verdadeiros demônios. Quando meu tio Jango afirmou que não compartilhava da mesma opinião, meu pai finalmente se deu conta da distância que os separava. A partir daí, o relacionamento entre eles terminou de vez.

“Você está traindo o povo brasileiro!” Não bastasse dizer isso pessoalmente, meu pai ainda atacou o ex-amigo e aliado na mídia, queixando-se do cunhado também junto a outros políticos em

reuniões e até nos encontros privados da família. Jango optou por se afastar, nunca se dignando a responder nenhuma das acusações.

O distanciamento entre meu pai e meu tio foi definitivo. Um exemplo desse distanciamento foi o episódio que envolveu dois famosos políticos brasileiros. O ex-presidente Juscelino Kubitschek e Carlos Lacerda, então governador do Rio, apoiaram o golpe militar, acreditando na promessa de que seria uma situação passageira. Porém, quando viram que aquela seria uma ditadura militar permanente e com seus direitos políticos suspensos por dez anos, eles fizeram contato com meu tio. Lacerda deixou o Brasil rumo ao Uruguai e encontrou-se com ele. Juscelino não foi pessoalmente, contentando-se em mandar como seu representante nessa tentativa de articulação Renato Archer, deputado federal pelo Maranhão. Meu pai se recusou a encontrá-los. Ele era implacável com qualquer um que tivesse tolerado o golpe de Estado. "Não compactuo com esses traidores", foi sua resposta inequívoca, cuja hostilidade estava direcionada também ao cunhado.

Juscelino e Lacerda chegaram até a criar um partido político com tio Jango, sem envolver meu pai: a Frente Ampla, uma coalizão política que visava congregar todas as figuras de oposição do governo militar, mas que não vingou. Durou apenas um ano e meio, quando a ditadura brasileira o declarou ilegal e fechou sua sede.

Essa cisão entre o marido e o irmão foi catastrófica para minha mãe. Ela queria ter esses dois homens importantes em sua vida, esforçando-se sobremaneira para ser fiel a ambos, mas isso acarretou problemas para sua saúde e sua paz de espírito. Foi quando ela começou a ter crises nervosas e fugir um pouco da

realidade da situação. Várias vezes a tensão era grande demais para que ela suportasse.

Nossa submissão a meu pai foi total, assim como a dela. Às vezes todos nós o acompanhávamos no carro, sempre seguidos por outro veículo com seguranças, em um giro por seus vários aparelhos revolucionários. Não éramos autorizados a entrar com ele, tínhamos que esperar do lado de fora, dentro do carro, às vezes por até três horas, até ele voltar. Sabíamos exatamente o que devia estar acontecendo lá dentro. Ele estaria falando, doutrinando e intimidando os guerrilheiros, exatamente da mesma maneira que fazia em casa, em torno da mesa de jantar, com sua fala ora elegante, ora sarcástica e cheia de simbolismos. Ele era capaz de falar durante horas quando se tratava de política e da revolução, e ninguém se atrevia a interrompê-lo. E recrutava qualquer um que aparecesse na porta, mostrando-se disposto a lutar até a morte pela causa em que acreditava.

38. O confinamento em Atlántida

O governo brasileiro sabia tudo que meu pai estava planejando devido a sua rede de espionagem, por isso começou a pressionar o governo uruguaio para detê-lo, em um intenso trabalho diplomático de bastidores. Em fevereiro de 1965, ele foi então chamado e informado de que deveria deixar Montevideú. Mostraram-lhe um mapa para que escolhesse onde gostaria de residir a partir dali. Ele então optou por Atlántida, 45 quilômetros a leste de Montevideú (cerca de uma hora de carro). Tinha que ficar longe do centro político da capital e ao mesmo tempo em um local onde eles pudessem controlar e monitorar seus movimentos. Deveria pedir permissão sempre que precisasse ir à capital, devendo manter-se pelo menos trezentos quilômetros distante da fronteira com o Brasil. E, pelo acordo, o governo brasileiro começaria a pagar pelos gastos de meu pai, o que era um paradoxo.

Meu pai sempre soube chamar a atenção para si. Acatou as novas ordens e deixou Montevideú no dia 15 de fevereiro de 1965, seguido de uma caravana de carros formada por seus seguranças, a imprensa e vários amigos. Como ainda estávamos em férias escolares, tive permissão para ir com ele. Na verdade, ele até preferiu viver naquele balneário tranquilo, longe da capital e fora da

vista de todo mundo, porque sentia que, uma vez lá, poderia trabalhar mais efetivamente no planejamento de sua guerrilha.

Atlántida é um balneário que teve seus dias de glória nas décadas de 1940 e 1950, mas já estava bem decadente na época em que meu pai foi obrigado a morar lá. Nunca gostei daquele lugar. No processo de escrever este livro, entretanto, depois de mais de vinte anos sem pisar lá, voltei a Atlántida para reavivar a memória. E constatei que hoje está transformada em praticamente uma cidade-dormitório e local de veraneio para os uruguaios de classe média, com um pouco mais de lojas do que naqueles tempos.

Para saber como é esse pequeno balneário, basta assistir ao filme *Miami Vice*, de 2006, dirigido por Michael Mann e protagonizado por Colin Farrell e Jamie Foxx. Na trama, os detetives passam por diversos lugares, como Paraguai, Foz do Iguaçu, Haiti, Cuba etc. Todas as cenas de Havana foram rodadas em Atlántida, cuja vegetação, topografia e o casario degradado são muito parecidos com os da capital cubana. No filme, inclusive, aparece o Rex Hotel, o mesmo em que o meu pai ficou hospedado nos cinco primeiros dias, até encontrar um apartamento para alugar. Fiquei com ele esses dias, dividindo o mesmo quarto. O que eu mais gostava era da praia que havia em frente.

O apartamento que ele escolheu ficava em um edifício de onze andares chamado Vistalmar, tinha cerca de setenta metros quadrados e ficava bem na ponta do terceiro andar. Tinha três quartos minúsculos (um deles usado como escritório, onde ele recebia as pessoas sempre de portas fechadas), uma sala, uma cozinha mínima e apenas um banheiro. Minha mãe odiou o imóvel

assim que o viu, tendo praticamente um ataque de desapontamento. Havia apenas um telefone de manivela no térreo para todo o prédio, e meu pai ficava horas ali tentando fazer ligações. Até hoje não sei como dividiam a conta.

Como estávamos na escola, nossa pobre mãe precisou se dividir entre Montevideu e as visitas a meu pai, passando a circular intermitentemente entre os dois endereços. Àquela altura não tínhamos mais motorista, e ela precisou voltar a dirigir, não teve jeito. O carro era um fusca azul-marinho dado pelo meu pai. Levou uns quinze dias para ela finalmente se decidir a organizar de fato o apartamento, de forma que pudéssemos todos passar lá as férias e os fins de semana, devidamente acomodados.

Logo o espaço se mostrou pequeno demais para nós. Assim que vagou o pequeno apartamento de duas peças ao lado, meu pai o comprou, e este ficou servindo de dormitório para mim e para meu irmão. José Vicente e eu, na época com uns treze anos, estávamos nos dando bem, o que era incomum, e decidimos transformar nosso espaço em um cassino. Começamos a jogar "sete e meio" com as outras crianças do prédio, e eu ganhava na maioria das vezes. Em pouco tempo estávamos apostando pequenas quantias em dinheiro. Logo alguns adultos começaram a bater à porta, querendo jogar, e então partimos para o pôquer com fichas, toalha de flanela verde sobre as mesas e tudo. Eu sempre era a banca, e mais do que nunca agradei a minha madrinha, que me ensinou tudo sobre jogos desde pequeno.

Não demorou muito para meu pai descobrir e invadir o local junto com seus seguranças, confiscando todo o dinheiro e as fichas, como

a polícia em um flagrante, gritando com as pessoas, chamando-as de pervertidas, ameaçando chamar a polícia. Ele odiava jogos e acabou com a brincadeira. Aquela foi a época em que tive mais dinheiro em toda a minha infância e adolescência, mas durou pouco. Gastava tudo em uma lojinha que vendia bugigangas, para fúria de minha mãe, que detestava todas as porcarias que eu comprava.

39. Uns tipos bizarros

Quando, em março de 1965, terminada a temporada de verão, outros apartamentos do prédio ficaram vagos, meu pai alugou todos os que pôde, enchendo-os de pessoas que nunca víamos. No final ele chegou a ser locatário de cerca de vinte apartamentos, praticamente a metade do edifício. A nenhum de nós era permitido subir acima do sexto andar, nem entrar em nenhum desses apartamentos; o mesmo valia para a empregada que entregava as refeições. Ela era orientada a bater para avisar e sair antes que a porta fosse aberta. Às vezes até dezesseis pratos eram entregues em um único apartamento. De fora, ouvíamos barulhos estranhos, mas nunca sabíamos quem estava lá dentro. Naquele inverno, meu pai teve controle total do edifício, e as autoridades pareciam estar deixando-o em paz. As marmitas eram encomendadas de um pequeno e sujo restaurante local chamado Banzai e pagas pela Embaixada brasileira. O ponto hoje é ocupado por uma lojinha de roupas. Havia também um cinema que eu costumava frequentar, onde hoje está instalada a Promotoria Pública. O filme que mais me marcou nesse período foi *Doutor Jivago*, porque os meus pais ficaram falando sobre ele durante muito tempo.

O bairro onde meu pai morava era pacato, formado em sua maioria por casas baixas. Meu pai alugou uma delas, perto do

Edifício Vistalmar, que ele dizia ser “para um companheiro”. Logo ela passou a engrossar a lista dos endereços em que não podíamos entrar, porque foi transformada em um centro de treinamento de um tal de senhor Lages, um guerrilheiro não muito chegado a higiene. Quando o imóvel foi desocupado, a proprietária precisou desinfetá-lo porque havia sido tomado por algum tipo de praga. Lembro que no processo de descontaminação a casa foi coberta por uma espécie de tenda branca para isolá-la das demais. Depois a proprietária ameaçou processar meu pai, o responsável pelo aluguel, para que ele lhe reembolsasse os prejuízos.

No quarto andar do Vistalmar, bem acima de nós, morava uma família gaúcha de Santa Cruz do Sul — seu Eno e dona Lia —, um casal de eLivross de ascendência alemã com um filho pequeno chamado André. Ela era muito estranha, tentou se suicidar algumas vezes, mas era simpática e articulada e sempre ia bater papo em nossa casa. O apartamento deles era o único que estávamos autorizados a visitar.

Já nos demais apartamentos parecia haver algo proibido acontecendo. Eram todos ocupados por eLivross do Brasil, e meu pai recrutou-os para a causa, bem como persuadiu-os — com incentivos financeiros — a aceitar todos os convidados que ele enviasse a sua porta. Havia um vereador de uma pequena cidade do interior do Rio Grande acompanhado do irmão, um mafioso que chegou com malas cheias de dinheiro, esbanjando-o pelo balneário. Havia um misterioso senhor, chamado por todos de Caçapava, que andava sempre de paletó, gravata e sapato brilhante. Depois descobriram que era espião do Exército brasileiro, e ele desapareceu da mesma

maneira que aparecera. Havia um senhor gordo que falava em portunhol, casado com uma morena exuberante, e meu pai sempre comentava entre nós: “Não entendo como aquilo ali funciona. É muita mulher para pouco homem...”. Tinha também o tenente Wilson, do 601, um tipo atarracado, quase sem pescoço, com costeletas fartas descendo pela lateral do rosto (na época chamavam-se suíças). Enfim, o prédio estava repleto de tipos meio bizarros. Ali não havia preconceito, qualquer um que estivesse fugindo da polícia era um herói em nosso mundo.

Quando o irmão do tal vereador quis colaborar financeiramente com a causa, ele teve a ajuda rejeitada. “Esse tipo de dinheiro eu não posso aceitar”, comentou nosso pai durante o jantar. Porém o vereador sempre esteve no círculo, trabalhando como motorista, apesar de ter problemas com bebida. Bateu os carros três vezes, e em uma delas terminou no hospital, com as pernas engessadas e para cima por vários meses.

Por algum motivo um dia entrei em um dos tais apartamentos proibidos e vi que a sala estava totalmente ocupada por uma central telefônica e de rádio. Um homem estava sentado com fones de ouvido, tão absorto na tentativa de fazer contato com alguém do outro lado que não me notou assistindo. Ele dizia e repetia: “Estação verde chamando estação rosa”. Quando perguntei a meu pai o que o tal homem estava fazendo, ele respondeu com seu desdém habitual: “Eu não te proibi de entrar em qualquer um desses apartamentos? Essas coisas não te dizem respeito!”.

Pouco antes de irmos para o exílio houve uma rebelião de sargentos — creio que tomaram um quartel por melhores salários.

Todos foram presos, exceto um, que foi procurar meu pai. No fim, esse sujeito provou ser um vigarista, tendo também estuprado uma uruguaia no edifício. Minha mãe ficou horrorizada com o incidente, e meu pai, furioso por dias.

Havia um professor brasileiro, que tinha um filho que simplesmente lhe dava ordens, em uma total inversão de papéis. Era bastante culto. Passando-se por eLivros, chegou trazendo dos Estados Unidos uma caixa com cinquenta pacotes de cigarros Marlboro para minha mãe, o que a encantou. Meu pai só descobriu que ele não era da causa quando viu em um jornal uma foto do tal professor em uma estranha reunião nos Estados Unidos.

Quem chamava bastante atenção era a bela Rosclair, “a rainha dos eLivross”, mulher de Lélío, um desenhista de histórias em quadrinhos que era exímio na falsificação de documentos. Anos depois, já morando em São Paulo, ele se matou, asfixiado pelo gás do fogão. Sempre disseram que ele se matou por causa dela. Lélío era querido por todos no exílio.

Havia outra mulher, chamada Madeleine, sempre muito elegante com seus cabelos presos em um coque à Audrey Hepburn, que fingia ter reivindicado asilo assim como nós e que se aproximou bastante de meus pais. Antes de ser desmascarada, ela passava horas no quarto de minha mãe, conversando sobre moda e maquiagem, até que descobriram tratar-se de uma agente dupla, trabalhando para os brasileiros e para os norte-americanos.

Muitas outras pessoas do governo brasileiro deposto viviam no exílio no Uruguai naqueles anos, e nem todas concordavam com a maneira como meu pai fazia as coisas. A maioria não estava disposta

a ser vinculada a nenhuma atividade da guerrilha, partilhando das opiniões de meu tio, mais serenas. Essas pessoas tendiam a passar os dias longos e vazios jogando xadrez; muitos se viciaram em cassinos e jogos. Essa ociosidade enfurecia meu pai, crente na fé de que todos deveriam estar atuando a seu lado em prol de uma revolução.

Como presente de aniversário naquele ano, meu tio Jango me deu um belo conjunto de xadrez de marfim, mas meu pai proibiu-me de brincar com ele. Alguns adultos e Livross me ensinaram e passei a jogar sem me importar muito com isso.

40. Vivendo do meu jeito

Meu irmão não teve dificuldade em fazer amigos e conexões quando chegamos a Montevideu, sempre frequentando festas e clubes, mas para mim a adaptação foi mais difícil. Eu e ele brigávamos demais, e começou a ficar muito complicado dividirmos o quarto. Perguntei a minha mãe se eu poderia transformar o antigo escritório de meu pai em nosso apartamento da Plaza Independencia em um quarto só para mim.

“Porque você não faz amizades e se diverte como o Vicente?”, ela quis saber, mas eu era tão introspectivo que não conseguia. Até que, dois anos depois, conheci um grupo de jovens com quem me entrosei. Eles faziam parte das centenas de turistas argentinos que lotam as praias do Uruguai todo verão. Fui visitá-los várias vezes em Buenos Aires, uma delas viajando como Luiz Fernando, com documento falso (pois não tínhamos documentos legítimos) arranjado por um amigo de meu pai, especializado em providenciar documentação fria para os guerrilheiros em deslocamento anônimo entre os países. A amizade com os argentinos continuou por muitos anos.

Logo depois, meu pai comprou uma pequena moto para que eu pudesse ser mais independente. Como era inverno, as ruas do pequeno balneário ficavam quase desertas e havia pouca chance de

eu machucar alguém ou a mim mesmo. Essa nova liberdade era inebriante. O único risco era a polícia me parar e descobrir que eu não tinha carteira de habilitação.

Enquanto isso, minha mãe começava a definhar e seu sofrimento era nítido para todos nós. Primeiro a fuga para o exílio, depois a ruptura entre o irmão e o marido, e por fim o confinamento que a obrigava a passar a maior parte do tempo longe de meu pai. Os três baques estavam além do que a minha mãe poderia suportar. E, a partir de 1965, ela passou a mostrar sintomas de depressão. Um ano e meio depois seria internada pela primeira vez para se tratar.

Meu pai não bebia. Cibilis Viana, secretário de governo dele e amigo pessoal, também e Livros no Uruguai, foi quem fez com que ele aprendesse a apreciar o vinho tinto, quando foi passar uma temporada com ele em Atlántida, no inverno. Mesmo assim meu pai sempre bebeu de forma bastante moderada, e somente durante jantares ou encontros sociais.

41. De mentor de guerrilha a fazendeiro

Nos três primeiros anos no exílio, meu pai dedicou-se integralmente a seus planos de guerrilha, até que, no inverno de 1967, se deu conta de que não seria possível derrubar o regime.

Em retrospecto, é óbvio que meu pai àquela altura não tinha chances de voltar ao poder no Brasil. Com a divulgação das gravações feitas pelo governo norte-americano, agora sabemos que a Casa Branca estava disposta a jogar pesado para manter os militares brasileiros no poder. Tenho quase certeza de que meu tio Jango sabia disso, embora jamais tenha admitido. Mas como meu pai poderia saber? Naquela época não havia satélites nem forma de um civil saber disso. Até para se fazer uma ligação para o Brasil era preciso recorrer à telefonista, e demorava um tempo enorme. Mesmo assim, meu pai seguia convencido de que valia a pena continuar a lutar, talvez porque não lhe restasse outra opção. Ele tinha certeza de que podia conseguir o mesmo que Castro, mas o Brasil é grande demais se comparado a Cuba.

Desde o golpe, o governo militar conduzia uma democracia aparente no Brasil, prometendo eleições, sempre adiadas. A noite de 13 de dezembro de 1968 marcou o início do período mais duro da

ditadura militar, que, ao todo, durou 21 anos (1964-1985). O ministro da Justiça, Luís Antônio da Gama e Silva, em pronunciamento pela TV, anunciou que o então presidente Artur da Costa e Silva acabara de editar o Ato Institucional no 5. O AI-5 deu ao regime uma série de poderes para reprimir seus opositores: fechar o Congresso Nacional, as assembleias legislativas e as câmaras de vereadores, cassar mandatos eletivos e suspender por dez anos os direitos políticos de qualquer cidadão, intervir em estados e municípios, decretar confisco de bens e suspender o direito de *habeas corpus* para crimes políticos.

Para driblar a censura, o *Jornal do Brasil* tentou dar a dimensão dos acontecimentos em sua seção de meteorologia:

Previsão do tempo:

Tempo negro.

Temperatura sufocante.

O ar está irrespirável.

O país está sendo varrido por fortes ventos.

Máx.: 38°, em Brasília. Mín.: 5°, nas Laranjeiras.

Diante desse estado de coisas, um grupo de civis, muitos dos quais estudantes de classe média alta do Rio, tentou instigar alguma atividade contestatória dentro do país. Meu pai era cético em relação a suas chances. "Se os manifestantes são feios, malvestidos e com dentes faltando, então a revolução é autêntica. Agora, se quem vai

para a rua são jovens bonitos com o corpo pintado, então são as forças da direita querendo algo.”

Em 1969, jovens revolucionários, que captavam dinheiro para seus movimentos roubando bancos, sequestraram o embaixador dos Estados Unidos e, em 1970, também o da Alemanha, libertando-os em troca de prisioneiros. Essas ações aumentaram a repressão e uma nova leva de revoltosos foi expulsa do Brasil. A maioria deles rumou para a Europa, uma vez que o Uruguai se tornava menos atraente com o seu governo a ponto de se transformar em uma ditadura. Uma das coisas que meu pai apreciava nessa geração posterior de eLivross era a atitude deles em relação ao sexo e ao amor livre. Seus olhos literalmente brilhavam quando falava sobre isso, embora soubesse por experiência própria que eles tinham pouquíssimas chances de vencer os militares. A atual presidente do Brasil, Dilma Rousseff, fazia parte desse movimento de 1968.

42. A volta de dona Neusa

Meu tio Jango sempre afirmou publicamente que só voltaria ao Brasil quando todos os eLivross tivessem retornado. Minha mãe jurou que nunca ia voltar para o Brasil a menos que meu pai também pudesse retornar, mas teve que voltar atrás quando, na adolescência, minha irmã fugiu de casa com uma amiga uruguaia, ambas revoltadas com a família e fortemente influenciadas pela canção dos Beatles "She's leaving home". As meninas foram direto para o Rio Grande do Sul, e minha mãe teve que ir buscar a filha.

A volta de minha mãe foi toda carregada de emoção, e eu fui testemunha disso. Meu pai nos acompanhou até o aeroporto e, por um capricho do destino, um amigo dele, o senhor Schitz, alto funcionário da Varig que viajaria no mesmo voo, foi cumprimentá-lo. Para aliviar a tensão, minha mãe tomou algumas doses de uísque antes de embarcar. Ela se conteve durante todo o percurso. Mas assim que a aeronave começou a sobrevoar Porto Alegre, ao avistar as luzes da cidade — aquelas ainda de mercúrio branco —, ela extravasou, me abraçando muito e gritando: "Porto Alegre, meu filho! Porto Alegre!". Nunca vou esquecer. Foi emocionante.

Percebendo que minha mãe estava emocionada, o senhor Schitz se aproximou na hora de sairmos do avião e ela lhe disse, esfuziante: "Faz mais de dez anos que não venho ao Brasil. O senhor

consegue imaginar o que estou sentindo?”. Mais de cinquenta amigas dela nos esperavam no desembarque e nos levaram direto para a casa de minha tia Fida, onde haviam preparado uma recepção calorosa. Seu rosto tinha um brilho que há muito eu não via. A impressão era de que, por um momento, ela tinha se esquecido do motivo que a levava de volta ao Brasil: buscar a filha fujona.

Aquela era uma emoção pura, de felicidade, e na hora não pude deixar de comparar: tão diferente da emoção experimentada dez anos antes, de completa devastação. Ironicamente, ela saiu e entrou pelo mesmo aeroporto.

Depois de se encontrar com todas as irmãs e todos os parentes e passado esse primeiro momento, minha mãe encarou sua missão que, aliás, foi bastante difícil. Neusinha, muito agitada, precisou ser sedada antes de voltar para o Uruguai, de ambulância. Ao ver minha mãe chegando, a tal amiga uruguaia, de sobrenome Saraiva, desapareceu, é óbvio. Nunca mais soubemos de seu paradeiro.

De volta ao Uruguai, meus pais seguiram tocando a vida, lidando com a terra e os humores dos filhos ainda jovens. Mas todas essas pressões tiveram seu preço emocional, e o ímpeto revolucionário de meu pai foi perdendo força com o passar dos anos, ao mesmo tempo que a ditadura militar brasileira arraigava-se cada vez mais.

Minha mãe possuía extensões de terra no Rio Grande e, em 1967, eles decidiram se desfazer de alguns de seus bens no Brasil e comprar uma pequena fazenda de gado de leite, próxima de Atlántida. Era um tambo com cerca de seiscentos hectares denominado San Cono, mas era como “Fazendinha” que todos nos

referíamos a ele. Tudo ali era muito ermo, não havia nada além de uma casa abandonada com móveis pesados — que hoje repousam em um contêiner na fazenda — e nenhum conforto, nem sequer eletricidade. Mesmo depois, com a propriedade funcionando, só íamos para lá nas férias, mas não havia o que fazer além de ler revistas o tempo todo, uma vez que nosso pai nunca compartilhava conosco a gestão ou a lida com o gado. “Não, não”, ele dizia sempre que pedíamos para fazer alguma atividade. “Isto não é para vocês.”

Eu e meus irmãos detestávamos aquele lugar, nunca dormíamos lá e, a partir de 1972, já não íamos tanto. Fiz questão de passar por lá recentemente e pude verificar que a propriedade ganhou cercas, árvores e certos cuidados, mas continua o mesmo lugar sombrio.

Continuávamos a morar em nosso apartamento na Plaza Independencia, enquanto meu pai tentava se tornar um administrador agrícola. Como não havia o que fazer quando ia para a Fazendinha, minha mãe passou a pintar quadros. Devo ter mais de cem telas dela guardadas; são pinturas a guache, óleo e aquarelas sobre os mais variados temas, sobretudo o cotidiano: um enterro, empregadas fazendo festa, salão de beleza etc. Seu estilo em geral era o clássico figurativo, às vezes abstrato.

Esse foi apenas um dos negócios malsucedidos de meu pai durante o exílio, porque seu coração não estava ali. Demorou ainda um tempo para ele e minha mãe se sentirem um pouco mais confortáveis financeiramente naquele período, vivendo como modestos fazendeiros no Uruguai.

43. Na efervescência londrina dos anos 1960

Perto de completar quinze anos, o problema com meu quadril continuava e, como não havia recursos no Uruguai, em 1968 meu pai soube de um médico em Edimburgo, na Escócia, e decidiu que minha mãe deveria me levar até a Grã-Bretanha para que eu fosse operado por esse cirurgião. Ordenou também que minha irmã Neusinha fosse conosco. Acho que minha cirurgia foi mais um pretexto para sairmos um pouco e respirarmos novos ares.

Minha mãe sempre viajou muito, estava acostumada, mas essa era a primeira vez em quatro anos que ela faria uma viagem internacional — e sem meu pai —, sozinha com dois filhos, viajando na classe econômica, com menos dinheiro, menos bagagem e, pior, não podendo passar no Brasil, o que a deixou bastante insegura.

Naquela época, todos os voos que saíam do Uruguai para a Europa faziam escala no Brasil, mas nós, como familiares do “inimigo público número um”, não podíamos colocar os pés no país em nenhuma circunstância. Então, seguindo o conselho do gerente da Alitalia em Montevideú, meu pai nos embarcou em um voo da Pan Am para Londres via Buenos Aires e Nova York. E foi uma viagem tumultuada desde o início: não havia teto para o pouso em Buenos

Aires e a aeronave teve que voltar ao aeroporto de Carrasco. Minha mãe havia tomado várias doses de uísque no percurso e, histórica com o contratempo, gritava que não ia mais. Na manhã seguinte, acordou mais calma, então finalmente embarcamos. Na escala em Nova York, enjoados de ficar trancados no insípido hotel do aeroporto, eu e minha irmã perguntamos se podíamos sair para conhecer a cidade, e ela, com medo de perder o controle da situação, reagiu de forma absolutamente destemperada, gritando conosco e nos proibindo de nos afastar dela.

Minha mãe não falava inglês. Então uma jornalista amiga dela foi até o aeroporto nos ajudar com o *check-in* para Londres. Na capital londrina, fomos recebidos por um amigo brasileiro de meu pai, que nos escoltou até o Tavistock, um confortável hotel *art déco* situado próximo a Covent Garden, local bastante privilegiado para pequenos passeios.

Bem antes, minha mãe já havia contratado uma secretária meio inglesa, meio uruguaia para servir de intérprete durante toda a viagem a partir dali. Três dias mais tarde, quando estávamos prestes a tomar o trem para Edimburgo, a intérprete apareceu com duas filhas adolescentes, alegando que não tinha com quem deixá-las. Era nítido que a mulher estava aplicando um golpe, porém, ao se ver sem saída, minha mãe concordou que elas fossem junto, mas foi complicado para todos nós ter de lidar com garotas tão deslumbradas. No final das contas, a mulher fez seu trabalho a contento e nos ajudou, inclusive, a encontrar uma escola para minha irmã.

Tudo correu bem com a cirurgia e dias depois meus padrinhos Mila e Raul foram me visitar, permanecendo conosco por dois meses. Com alguma pressão, meu pai acabou obtendo do governo uruguaio permissão para viajar para a Grã-Bretanha e me visitar no pós-operatório — por apenas vinte dias. Por incrível que pareça, o consulado brasileiro em Montevideú deu-lhe um passaporte válido também por vinte dias. Aquela foi única vez que ele pôde sair do Uruguai nos treze anos que viveu lá como eLivros, e aproveitou para levar meu irmão junto. Meu pai ainda estava ressentido com Raul, mas, ao se cruzarem no hospital, aos poucos foram voltando a se tratar de “compadre”, como nos velhos tempos. A amizade entre eles, no entanto, nunca mais foi a mesma. Minha madrinha era a “comadre”. Já minha mãe sempre os tratou como Mila e Raul.

Todos aproveitaram para passar um fim de semana dando um giro pela Alemanha, destino naturalmente sugerido por meu pai, admirador declarado da capacidade de reconstrução daquele povo.

Minha avó Oniva morreu aos 79 anos e sem nenhuma doença aparente justamente quando meu pai estava voando para Londres. Ele soube do acontecido apenas quando chegou a Edimburgo, e não teve como comparecer ao velório. Sempre tivemos a impressão de que ela “deu um jeito” de falecer justamente quando o filho estava bem longe, de forma que fosse impossível para ele chegar a tempo para o enterro. Caso estivesse no Uruguai, ela temia que meu pai tentasse cruzar a fronteira de qualquer jeito para assistir ao funeral, sendo inevitavelmente preso e, talvez, morto. Lembro-me de ter visto uma carta da vó Oniva para minha mãe, dizendo que morreria em breve e pedindo-lhe para “cuidar de Leonel”. Tempos depois

soube por minha tia Nely, cunhada de meu pai, que minha avó, logo cedo ao acordar, anunciou em alto e bom som: "Hoje é o dia em que vou morrer". Na manhã seguinte, "acordou morta". Uma prova inequívoca de nossa suspeita. Esse era um tabu na família. Sempre que tocávamos no assunto, eles mudavam o rumo da conversa.

Vó Oniva foi minha madrinha de batismo, uma camponesa baixinha e rude, porém discreta e carinhosa, que sempre deu um jeito de se fazer presente. Inteligente, nunca interferiu em nossa educação e, sempre que podia, nos mandava presentes em dinheiro. Eu e meus irmãos adorávamos! Foi nos visitar no Uruguai algumas vezes e era óbvio que ela e minha mãe não se entendiam. Elas nunca chegaram a discutir, até porque minha avó era muito velha para isso, mas os olhares trocados deixavam muito claro o que sentiam uma pela outra. E dona Neusa sabia fazer cara feia quando queria. Assustava as empregadas... e quem não era empregada também.

Era óbvio que entre sogra e nora não poderia haver muita afinidade. Durante toda a vida viveram situações bastante opostas. Enquanto minha mãe cresceu cheia de conforto, minha avó Oniva era de uma simplicidade comovente. Recordo que certa vez fomos visitá-la em Carazinho, a cerca de trezentos quilômetros da capital. Eu devia ter uns oito ou dez anos então. Chegamos lá à noite. Ficamos abismados com o cenário. Era um rancho sem luz elétrica, no meio do barro, e cheirava a bicho. Quando minha irmã quis usar o banheiro, descobriu que ficava em uma casinha do lado de fora, sem as louças a que estávamos acostumados e cheio de moscas. Ela saiu correndo. A casa era toda construída sobre palafitas com tábuas

fininhas e as janelas inteiras de madeira, sem vidro. Típica casa de roça, construída de forma a evitar a umidade. Acostumados a viver no conforto de um palácio, nenhum de nós quis ficar. Meu pai ficou bravo, queria que dormíssemos lá. Foi uma cena dantesca.

Talvez por todo esse clima velado de rejeição, toda vez que ia nos visitar, minha avó pedia para ficar no apartamento de Atlántida com meu pai (ou na Fazendinha), mas ele insistia que ela ficasse com minha mãe em Montevideú, onde teria mais conforto, assim ele podia seguir com suas atividades. Eram visitas longas, que chegavam a durar dois meses e que não faziam nenhum sentido, senão para ele. Eles ficavam em um jogo de empurra, levando minha avó para cá e para lá, até que um dia, um ano antes de falecer, ela, aborrecida, foi embora dizendo que não voltaria mais. E não voltou mesmo. Há uma escola chamada Oniva de Moura Brizola, em sua homenagem, no bairro Operária, em Carazinho.

Voltando à minha operação, fiquei internado por quase três meses em Edimburgo. No hospital não era permitido aos acompanhantes pernoitarem, então eu passava as noites sozinho, o que acabou colaborando para que aprendesse a me expressar em inglês.

Assim que tive alta, eu, minha mãe e Neusinha demos uma boa passeada por Londres, hospedando-nos no hotel Berkeley. Depois dessa longa viagem, fui matriculado em uma escola de inglês em Edimburgo e, assim que minha família voltou para o Uruguai, hospedei-me com um casal escocês local — e amigo de meu pai — durante nove meses. Ele era gerente de um grande restaurante de

luxo na cidade, e ela, secretária de um executivo, trabalhava só quatro horas por dia.

Na verdade, eu queria mesmo era estudar e morar em Londres, mas meus pais tomaram uma decisão sábia ao me convencer a ficar ali, onde não havia brasileiros, o que intensificaria o aprendizado da língua. Já em Londres haveria vários amigos da família. Naquela época, eu só falava português nos dois ou três telefonemas por semana que dava para meus pais. Um islandês e uma suíça que conheci na escola de inglês foram meus dois melhores amigos naquele período; ficávamos juntos o tempo inteiro e nos comunicávamos somente em inglês.

Passar essa temporada entre a Escócia e a Inglaterra por minha própria conta foi uma das melhores coisas que poderiam ter acontecido, porque me permitiu aprender inglês de fato. Eu já tivera inúmeros professores de inglês, mas aquela foi a primeira oportunidade de um completo mergulho no idioma.

Eu me comunicava tão bem que fiquei seguro ao conseguir meu primeiro emprego: assistente de *barman* em um *pub* em Edimburgo, onde trabalhei cerca de três meses arrumando, secando e lavando copos e taças para os drinques. Naquele tempo os escoceses não tinham problema em contratar estrangeiros; eu só não podia beber. Nisso eram rigorosos: só com mais de dezoito anos. Tenho excelentes recordações desse tempo.

Neusinha, por sua vez, foi estudar em um colégio interno no sul da Inglaterra, mas não deu certo, porque ela começou a engordar muito e minha mãe decidiu tirá-la de lá. Acho que boa parte dos problemas que minha irmã enfrentou teve origem nessa troca

incessante de escolas com padrões e métodos muito diversos, sempre de acordo com a conveniência de meus pais, talvez não com a dela. Eu, como sempre fui mais tranquilo, ia levando.

Eu ia até Londres sempre que podia. Adorava circular pela cidade nos tempos da *Swinging London* — como era chamada a efervescência cultural do país com a sua recuperação econômica e moral após a Segunda Guerra, enquanto os Estados Unidos sofriam, encurralados pela Guerra do Vietnã. Aquela foi a época em que os ingleses lançaram moda e um novo comportamento transgressor, começando pelo fenômeno dos Beatles, seguido pelos Rolling Stones, The Who e outros.

Com quinze para dezesseis anos, eu adorava andar sozinho pelo Soho sem preocupações; estava cheio de autoconfiança. Adorava ficar sentado em algum lugar, apenas observando aqueles jovens tão ousados, ou então entrar nas lojas mais badaladas e me informar sobre tudo relacionado com o movimento pop, a moda, as músicas, as transgressões. Era bom demais estar ali naquele momento!

Para fugir das dispendiosas suítes do Berkeley, passei a me hospedar em pequenos hotéis perto de Piccadilly Circus, com preços bem mais módicos. Só não conseguia entender por que meus amigos de Edimburgo, ainda assim, achavam isso tão caro.

44. Criador de gado

Voltei da Europa no final de 1969 e constatei que o governo uruguaio não incomodava mais meu pai, tampouco o governo brasileiro. Parecia que ele começava a assimilar o total ostracismo político. Dividia seu tempo entre duas propriedades; em uma produzia leite, na outra começava a criar gado de corte. Embora nunca tenha nos faltado nada, o orçamento naqueles tempos era mais apertado e levávamos uma vida mais modesta. Era como se ele estivesse se preparando para viver somente do que seu trabalho no campo produzisse. Tampouco havia espaço para grandes gastos.

Meses antes de eu voltar da Europa, meu irmão José Vicente voltou ao Brasil para estudar em Porto Alegre. Dois anos depois, em 1971, fiz o mesmo, transferindo-me depois para o Rio de Janeiro, em busca de meu diploma de arquitetura.

Ainda em 1968, porém, certo dia o onipresente senhor Mintegui aproximou-se de meu pai com uma proposta: comprar a prazo e em sociedade com ele uma fazenda grande, de 1.600 hectares, em Durazno, no interior do Uruguai, que ele acreditava poder, depois, vender para os argentinos com um bom lucro. Entraram juntos no negócio, mas os argentinos nunca vieram e, com o tempo, o ex-diplomata foi deixando de pagar sua parte nas prestações.

A situação chegou a um ponto em que quase todo o capital de meu pai estava investido naquela fazenda, a La Manguera, e ele então decidiu ficar com a estância inteira. Foi procurar o senhor Mintegui para comprar a parte deles e propôs parcelar. Foi quando o ex-diplomata mostrou as garras abertamente: queria juros de 22 por cento ao ano em dólares, coisa de agiota. Como resultado, eles brigaram feio, cortaram relações, um tremendo escândalo. Na verdade, o episódio serviu para comprovar definitivamente que aquele era um espertalhão especializado em achacar as pessoas, tirando proveito das situações, um vigarista de marca maior do qual, finalmente, pudemos nos ver livres. Nunca mais precisamos suportar a presença de sua mulher peluda.

Foi assim que meus pais chegaram a Durazno e lá mantiveram a fazenda até o final da vida: *fate* (destino).

La Manguera era uma estância grande para os padrões uruguaios, embora o campo não fosse muito bom. Ao ficar sozinho com a propriedade, meu pai foi obrigado a aprender de vez a criar, comprar, engordar e vender gado. Com mais experiência no assunto, minha mãe colaborou bastante, comprando mais cabeças, contratando peões, mais gente para povoar a estância, e a situação deles enfim começou a melhorar.

Em 1971, meus pais entregaram o apartamento da Plaza Independencia depois de sete anos de aluguel, mudaram-se provisoriamente para o pequeno apartamento que minha mãe odiava em Atlántida, até que puderam comprar um imóvel em Montevideú com a venda da casa de Porto Alegre. Finalmente

começaram a sentir-se mais confortáveis morando de novo na capital.

Esse foi um período mais tranquilo e próspero para nossa família. Tendo sido criada em uma fazenda, minha mãe amou a nova vida, o que a manteve bem distante da depressão. Tenho para mim que foi ali, longe da mídia e dos holofotes da imprensa, e sem que o Brasil ou o Uruguai os incomodassem, que o exílio começou de fato para meus pais. Mesmo assim, recebiam cerca de dez pessoas a cada mês, de diferentes lugares do Brasil, que iam visitar meu pai; obviamente, mais gaúchos, dada a proximidade.

45. Desacatando o sistema

De temperamento beligerante, meu pai nunca foi de aceitar que lhe impusessem limites. Pouco tempo depois de meu retorno de Londres, decidi que eu também deveria aprender a dirigir. Mas, como eu tinha apenas dezessete anos e a idade mínima legal para obter a licença no Uruguai era dezoito, ele, não sei como, deu-me uma carteira de habilitação brasileira, e eu estava habilitado. Naquela época, era permitido dirigir a partir dos 16 anos no Brasil. Ser o único entre os meus amigos capaz de dirigir me fez muito popular. Certa vez, quando dei uma ligeira batida em outro carro, mostrei a tal licença à polícia, que aceitou sem hesitação.

Meu pai também evitava ir ao consulado brasileiro. Durante o exílio, deve ter ido até lá umas duas ou três vezes, e sempre para renovar meu passaporte, tirado quando fui para a Inglaterra. Em uma dessas vezes, o serviço foi malfeito e as fotos, que então eram afixadas com cola, grudaram-se na página anterior. Quando fomos lá pedir a substituição do documento, ele foi até a sala do cônsul, Aloysio Gomide — depois sequestrado pelos tupamaros —, e arriscou pedir: “Será que o senhor, dentro de sua autonomia, consegue acelerar isso?”. E recebeu em resposta: “Senhor Brizola, nós aqui apenas recebemos ordens de Brasília”. E levantou-se para dizer que a visita estava encerrada. Ou seja, o clima não era nada

receptivo. Quando saíamos de lá meu pai desabafou: “Eu me sinto muito mal aqui”.

O cônsul Gomide era de ultradireita e foi mantido por 250 dias em cativeiro pelos sequestradores, sendo solto em troca de 250 mil dólares conseguidos por meio de doações anônimas, muito provavelmente devido a sua suposta ligação com a Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade, organização conservadora católica que apoiou o golpe de 1964. Lembro-me de sua mulher, Aparecida, indo ao Programa Silvio Santos pedir dinheiro para pagar seu resgate. Era patético.

46. Em busca do tio

Quando eu tinha entre dezessete e dezoito anos, comecei a procurar mais meu tio por conta própria. Gostava de ouvi-lo e de conversar sobre tudo com ele, incluindo assuntos nos quais não podia tocar entre os Brizola. Meus primos eram mais novos do que eu e ainda não tinham como acompanhá-lo nos programas noturnos, e ele demonstrava apreciar minha companhia.

Certa vez, fiquei hospedado com tio Jango e Maria Teresa por um mês em sua casa em Maldonado (junto a Punta del Este), e ele me ensinou muito nas longas noites que passamos juntos, circulando pelos restaurantes, bares e cassinos do lugar. Pela primeira vez pude conversar com mais alguém sobre algumas das coisas que meu pai tinha me dito ao longo dos anos e que eu tomava como verdades absolutas.

Enquanto meu pai era um homem de temperamento rígido, alguém que considerava todo tipo de bar ou cassino um antro de perdição, e o máximo que se permitia era jantar fora vez por outra às oito horas da noite, conviver com meu tio significou estar ao lado de alguém leve e aprender um pouco mais sobre a vida e as conquistas amorosas. “Em um bar ou restaurante, se quiser celebrar, sempre peça uma garrafa do que escolherem beber, nunca apenas duas doses.” Meu pai ficaria horrorizado se soubesse disso.

Considero um privilégio ter podido conviver intensamente com esse tio, que me ensinou muitas coisas no último ano e meio que vivi no Uruguai. Meu pai não gostava quando eu saía para visitar o homem que ele ainda acreditava tê-lo traído, mas eu queria passar algum tempo com meu tio, ouvi-lo contar histórias da família e conhecer seus pontos de vista sobre a vida e a política. Minha curiosidade era cada vez maior. Com ele pude discutir temas sérios, como, por exemplo, a obsessão de meu pai por lutar. E ele me disse: “Assim que foi dado o golpe militar, eu e seu pai tivemos uma reunião com o coronel Ladário Teles, o comandante legalista do Terceiro Exército, e ele foi claro: se insistíssemos resistindo, seria um derrame de sangue, uma luta inglória”.

É provável que meu tio estivesse certo. Dizem até que ele soube, por meio de um assessor bastante enfronhado, que os Estados Unidos estavam prontos para intervir em caso de luta armada, e que já estavam, inclusive, com um porta-aviões e uma grande frota a duzentos quilômetros da costa do Rio de Janeiro, para interceder em caso de necessidade. Mas isso ele nunca contou a meu pai, e eu jamais soube por quê. Segundo meu tio, o melhor naquele momento era dar um passo atrás. Já meu pai, desconhecendo tudo isso, não via as coisas dessa forma. Só doze anos depois, em 1976, a imprensa brasileira pôde divulgar detalhes sobre a Operação Brother Sam, que elucidaria o papel que o embaixador Lincoln Gordon teria realmente desempenhado nas decisões daqueles dois dias que antecederam o golpe militar e como o governo norte-americano estava preparado para acompanhar e, se preciso, ajudar a direita.

Sempre que eu resolvia sair para me encontrar com tio Jango, meu pai fingia não ser capaz de entender por que eu ia querer fazer uma coisa dessas. Ele gostava de se sentir no controle de todos nós. Várias vezes, quando minha mãe anunciava que estava indo visitar o irmão, ele fazia uma expressão tal que ela acabava mudando de planos. Outras vezes insistia, porque havia questões dos Goulart a ser resolvidas, e ia mesmo assim, apesar da cara feia do marido. Mas não se encontravam com tanta frequência quanto gostariam. Meu pai podia tornar a vida muito difícil para qualquer um que tentasse enfrentá-lo ou desafiá-lo.

Bem diferente da origem modesta de meu pai, tio Jango nasceu com tudo que poderia querer, o que fez com que tivesse uma atitude muito diferente diante da vida. Ele nunca quis ser presidente, achava que era responsabilidade demais. A rebelião de meu pai talvez tenha ido além da vontade dele, acabando por levá-lo ao exílio de sua pátria tão amada. Não fosse por meu pai, Jango teria tido um final de vida mais feliz, mas ele jamais diria isso. Sinceramente, parecia não guardar nenhum rancor. "Envie a seu pai um abraço meu", dizia sempre que nos despedíamos, mesmo estando ambos de relações rompidas. Nós dois sabíamos que a saudação afetuosa não seria correspondida.

Tio Jango era um grande jogador e amava os cassinos do Uruguai. Esse era um dos muitos hábitos que meu pai execrava, considerando-o algo moralmente degenerado, em parte porque ele próprio tinha se envolvido com jogos quando jovem, hábito que combateu ferozmente na idade madura. No Brasil, desde 1946 o

jogo era considerado ilegal, mas no exílio Jango pôde aproveitar, já que no Uruguai sempre foi permitido. E eu também.

Apesar das convicções morais de meu pai, lembro-me nitidamente da noite em que tio Jango me levou até um cassino e me deu algumas notas para jogar. Nem acreditei. Como ainda era um adolescente estudante, para mim aquilo representava muito dinheiro: 10 mil pesos. Coloquei tudo no bolso e segui com ele até a roleta.

“João”, ele rosnou por cima do meu ombro quando me viu fazendo a aposta mínima. “Eu lhe dei o dinheiro para gastar aqui no cassino, não para guardar. Joga direito senão pego o dinheiro de volta!” “Tudo bem”, eu ri.

Segui as apostas dele. Começamos perdendo algumas rodadas, mas a coisa foi mudando e, de repente, descobri que havia quadruplicado o dinheiro que tio Janguinho havia me dado. Quando cheguei em casa, meu pai quis saber onde eu tinha ganhado aquilo tudo, mas eu não disse. Era segredo meu e do meu tio. Só contei para minha mãe, que compreendeu.

Recordo-me nitidamente de meu tio sempre cercado por companheiros e seguidores, assim como meu pai. Mas com ele era diferente; parecia feliz e relaxado, mesmo estando eLivros no Uruguai. Sempre foi boa companhia, de uma forma que meu pai nunca conseguiu ser. Meu pai achava difícil fazer alianças, de qualquer tipo, fossem políticas ou pessoais, porque sempre fazia questão de ser o chefe indiscutível. Não negociava nem se comprometia; tudo tinha que ser do seu jeito, sem concessões. Sinceramente, acho que teve sorte de viver tanto tempo, levando

em consideração o grande número de inimigos que fez. Jango não teve a mesma sorte, mesmo com sua natureza mais afável, sempre disposto a discutir as coisas e mudar de ideia se alguém fosse capaz de convencê-lo.

47. Tocando a própria vida

Apesar de tudo pelo que passaram, meus pais criticavam bastante a política brasileira e o governo de então, mas sempre fizeram questão de nunca nos inculcar ódio pelo Brasil. Não queriam que tivéssemos raiva do país e de suas instituições, que misturássemos as coisas. Sempre deixaram claro que nunca deveríamos culpar o Exército pelo que tinha acontecido conosco, nem odiar os militares por seguirem as ordens dadas por quem estava no poder. Meu pai com frequência nos contava feitos heroicos do Duque de Caxias e de outros generais. E, quando meu irmão chegou na idade de se alistar, meu pai o incentivou, na tentativa de convencê-lo de que seria uma honra. José Vicente até tentou, mas não conseguiu.

Em 1972, meu pai decidiu que era hora de eu ir para a faculdade e, então, finalmente voltei ao Brasil, seguindo os passos de meu irmão, que já havia se mudado dois anos antes. Contudo, ele não queria que tivéssemos nenhum tratamento especial. Achava que devíamos lutar por nosso lugar no mundo assim como ele tinha feito, mas jamais admitiu que o fato de estarmos relacionados a ele sempre tornou a vida difícil para todos da família. Ele nunca conseguiu enxergar as dificuldades de uma criança criada em um palácio obrigada, de repente, a frequentar uma escola da esquina em outro país simplesmente porque aquilo teria sido bom o

suficiente para ele, um menino camponês que precisou se virar sozinho na cidade grande.

Segundo seus argumentos, meu pai endurecia para nos tornar fortes e nos moldar a sua maneira, mas nem ele nem minha mãe souberam como nos inculcar autoconfiança quando éramos pequenos de forma que fôssemos capazes de enfrentar os desafios da vida quando jovens. Então ele nos recusava tudo o que pedíamos a fim de nos fortalecer, entretanto, bastava ele virar as costas e minha mãe vinha para tornar as coisas mais fáceis. Nós três tivemos que lutar contra nossos próprios demônios, e eu sinceramente sinto que me saí muito melhor do que meus irmãos nos anos seguintes.

Chegando em Porto Alegre, fui morar com minha madrinha, que havia se tornado uma ativa *socialite* gaúcha. Era um belo lugar para se viver, mas suas regras eram rígidas e formais demais para um rapaz de dezoito anos, ansioso para esticar as asas e se tornar mais independente. Como eu tinha me saído bem no vestibular e entrara em uma boa universidade gaúcha, perguntei a meu pai se poderia tirar umas férias no Rio e ele concordou. Prestei novo vestibular lá, fui classificado em quinto lugar e decidi me mudar. Para meus pais, era como se eu estivesse me juntando ao inimigo. Para mim, no entanto, parecia que estava finalmente começando a viver minha própria vida.

Consegui terminar o curso de arquitetura, com algum atraso. Já Neusinha optou por permanecer no Uruguai com meus pais, sendo eternamente dependente deles.

48. As garras do Condor

Depois de muito tentar, em 1973 a ditadura finalmente estendeu seu manto sobre o Uruguai, onde perdurou até 1985. No começo, porém, não incomodava minha família nem meu tio, que sempre desfrutou de uma condição financeira melhor do que a nossa, afinal, era um fazendeiro nato e um verdadeiro homem de negócios. Tanto que foi um dos responsáveis por introduzir no Uruguai o cultivo de arroz, hoje um de seus grandes produtos de exportação.

Nessa época, meu tio tinha uma fazenda em Maldonado, perto de Punta del Este, onde morava. Sempre crítico, para variar, meu pai desaprovava o local que o cunhado escolhera para viver. Desde seu encontro com Che Guevara, aquele balneário havia se transformado para ele em um lugar burguês, abominável paraíso do consumo para os ricos.

Sempre pronto para uma briga, meu pai lançou farpas em direção a Jango durante muitos anos. Em contrapartida, não me lembro de um ataque sequer de tio Janguinho contra meu pai. No âmbito familiar as coisas eram diferentes, e continuávamos nos encontrando vez por outra com meus primos, mas sem dúvida as relações foram afetadas.

Em 1974, meus pais estavam com a vida mais tranquila no Uruguai, quando o governo brasileiro começou a dar sinais de

abertura, ao permitir eleições relativamente livres para o Congresso. As pessoas não estavam felizes com o estado das coisas e deram vitória esmagadora à oposição: o Movimento Democrático Brasileiro (MDB) obteve uma vitória significativa sobre a Aliança Renovadora Nacional (Arena), o partido da situação, que saiu francamente derrotado. Os militares de linha-dura apostaram errado e cometeram um grande erro ao permitir a eleição, surpreendendo-se com a vitória da oposição. A Arena, no entanto, continuou a dominar o Congresso, pois apenas parte do Senado foi renovada naquele pleito. E o general Geisel precisou criar o famigerado senador biônico para poder manter a maioria.

Foi o início de um lento movimento do país de volta à democracia, com as coisas começando a mudar. Nessa época eu estava estudando no Rio e tinha ido visitar meus pais na fazenda no Uruguai. Pude ver meu pai varando a noite para acompanhar a apuração pelo rádio e toda a sua inquietação e o espírito guerreiro pareceram ressurgir. Foi quando senti que ele, com apenas 52 anos, tinha chances de fato de voltar ao Brasil.

Justamente nesse período, minha irmã, que vinha acumulando problemas, anunciou que estava grávida e decidiu se casar com um uruguaio que, mais tarde, mostrou-se um grande vigarista. Meus pais organizaram uma cerimônia íntima, mas, para nossa surpresa, uma avalanche de políticos do Brasil apareceram na recepção, realizada no apartamento deles em Montevideú. Políticos que, para sobreviver, haviam flertado com a ditadura desde o golpe de Estado em 1964 e que não se atreveram a manter contato com nossa família por dez anos mostravam-se agora felizes em abraçar meu pai

outra vez, todos querendo discutir a possibilidade de levá-lo de volta à cena política. O casamento de minha pobre irmã durou apenas alguns meses.

Meu pai parecia prestes a testemunhar o renascimento de sua carreira, mas nada ia mudar da noite para o dia, e as forças da direita ainda se mantinham firmes no controle. Em 1975, governantes militares da Argentina, do Chile, do Paraguai, do Uruguai, da Bolívia e do Brasil, com medo de perder o poder, deflagraram a Operação Condor, cujo objetivo era erradicar qualquer tipo de oposição, qualquer sinal da volta democrática.

Por ser clandestina, não há registros precisos de quantas pessoas foram assassinadas durante a operação, mas certamente foram dezenas de milhares. Devido a suas ligações e ideias, meu pai estava diretamente na mira deles. Embora o Uruguai ainda fosse um refúgio relativamente seguro, era óbvio que as coisas poderiam mudar a qualquer momento, e os tentáculos da Condor atingiriam quem ameaçasse as ditaduras em qualquer lugar na América do Sul com relativa facilidade.

Era do conhecimento de todos que meu tio Jango havia se aposentado definitivamente da política a fim de viver uma vida tranquila como proprietário de terras e, portanto, jamais se pensou que ele poderia ser um dos alvos. Ele havia, no entanto, irritado inadvertidamente o governo uruguaio ao contratar um piloto particular que depois se descobriu fazer parte do movimento dos tupamaros. Como resultado, minha tia Maria Teresa e meu primo João Vicente foram detidos várias vezes sem nenhuma razão, apenas para incomodar meu tio.

A última eleição livre no Uruguai foi realizada no final de 1971, e, dezoito meses depois da eleição, o homem que se tornara presidente — Juan Maria Bordaberry — se transformou em um ditador, fechando o Congresso. Os militares permaneceram no poder até 1985, em uma das ditaduras mais violentas da história. Hoje, todos os envolvidos estão presos ou já morreram. O mesmo aconteceu no Chile e na Argentina. Só o Brasil não seguiu o mesmo caminho, poupando os criminosos de direita que regeram aquela fase negra de nossa história de serem apresentados à Justiça. Será que um dia conseguiremos?

49. A morte de tio Jango

Dia 6 de dezembro de 1976. Eu havia passado o fim de semana em Búzios, no litoral do Rio de Janeiro, quando recebi a notícia de que Jango havia morrido. Era uma manhã de segunda-feira e eu me preparava para voltar para casa. Ele morreu em sua fazenda em Vila Mercedes, distrito de Corrientes, na Argentina, junto de Maria Teresa, sua grande companheira, que esteve a seu lado até o último minuto de vida.

Jango era amigo do presidente Perón, que havia retornado ao poder em 1973, tendo por vice sua segunda mulher, Isabelita. Meu tio e Perón tinham ideologias muito semelhantes, e Perón também sabia o que era viver no exílio. Acreditando que ele levaria novos ares para o país e tentando fugir da pressão do governo uruguaio, meu tio optou por comprar uma fazenda na Argentina, além de um apartamento em Buenos Aires, e se mudar para lá com a família.

Meu pai nunca achou que isso ia dar certo, e infelizmente tinha razão. Um ano depois Perón morreu e Isabelita assumiu a presidência, sendo deposta algum tempo depois e dando lugar à mais sanguinária ditadura que a América Latina conheceu. Durante a Operação Condor, a Argentina tornou-se um lugar sem lei, muito mais perigoso do que o Brasil. Ouviam-se histórias terríveis, depois mais do que confirmadas, de pessoas inocentes sendo assassinadas

ou jogadas vivas de aviões, e seus bebês, vendidos para arrecadar fundos. Estima-se que pelo menos 20 mil pessoas tenham sido mortas durante a ditadura argentina, ao passo que, no Brasil, foram centenas, segundo os últimos levantamentos, números ainda mais impactantes se considerarmos que nossa população era cinco vezes maior.

Voei imediatamente para Porto Alegre para me juntar a meus primos e ir de carona com eles para o funeral em São Borja, a cidade onde meu tio Jango e seus irmãos nasceram. Enquanto isso, o corpo era trazido da Argentina para ser velado publicamente, em uma rota de cerca de duzentos quilômetros, com cortejo.

Ao chegarmos, a igreja já estava cercada por guardas civis e policiais militares ostensivamente armados, enquanto dezenas de agentes à paisana, com os olhos escondidos por óculos escuros, circulavam pela área. A viúva, Maria Teresa, minha mãe e minhas tias conseguiram romper o cerco e se aproximar do caixão. Quando chegaram, porém, ele estava sendo selado e nenhum de nós pôde ver o corpo. Todos choravam, gemiam e gritavam, em uma perigosa mistura de raiva e tristeza. Era uma cena de devastação total.

O governo proibiu os jornalistas de exercerem sua função de informar; eles deviam se ater aos *press releases* frios do governo sobre o funeral.

Levei minha mãe até a casa de um amigo, e ela então me contou como tinha sido dramática a viagem desde Mercedes. “Nos prenderam na fronteira por mais de três horas sob o sol”, ela lamentou. “Foi o jeito que um certo coronel Negrão encontrou de demonstrar todo o seu poder ditatorial para a nossa comitiva.”

“Você viu o tio Janguinho?”, perguntei.

“Sim. Havia uma estranha secreção, uma espécie de espuma branca saindo de sua boca, coisa típica de quem é envenenado. Outras pessoas também viram. Em seguida, os militares entrevistaram, ordenando que o caixão fosse lacrado, e proibiram qualquer um de abri-lo novamente. Eles o estão enterrando de pijama”, disse, inconformada e relembrando comigo como havia sido a reaproximação dele com meu pai.

“Janguinho foi nos visitar há três meses, em Montevideú”, repetia ela, “e ficou sentado a noite toda conversando com seu pai. Eles não se falavam há mais de dez anos, mas depois daquela noite a amizade entre eles reacendeu...”.

Fui uma das primeiras pessoas a saber que meu tio e meu pai haviam reatado. Animada, minha mãe me telefonou nas primeiras horas da manhã seguinte para contar a novidade. A desculpa que Jango encontrou para fazer as pazes com meu pai foi se despedir de minha mãe, que naqueles dias estava com viagem marcada para Londres, onde se encontraria com os filhos. Sentindo o clima tenso, como forma de proteção, ele havia mandado meus primos Denise e João Vicente para a Inglaterra. Ao saber da chegada do cunhado, meu pai disse: “Conversem vocês dois à vontade, que eu vou ver um jogo de futebol lá dentro”.

Os irmãos começaram a conversar e, dali a instantes, tio Jango perguntou: “Cadê o Brizola? Quero falar com ele”. Ao chegar na sala de televisão ele simplesmente olhou para o cunhado e disse: “Vim te dar um abraço”, o que de início deixou meu pai meio sem ação. Em seguida eles engataram uma conversa que durou a noite inteira.

Segundo minha mãe, literalmente conversaram onze horas sem parar. A partir daí, meu pai repetia sempre as palavras ouvidas do cunhado naquela noite: “Brizola, se depender do MDB, nós vamos morrer aqui. Se um dia voltarmos ao Brasil, será pelas mãos dos militares”. Não deu outra. E fizeram as pazes. Pena que aquela trégua tenha durado tão pouco tempo, três meses apenas.

Voltando ao funeral, pedimos que o caixão fosse coberto com a bandeira nacional. Havia também uma faixa na qual se lia “Anistia”. E exigimos que seu falecimento fosse amplamente noticiado, para as pessoas poderem chorar sua perda livremente. A princípio, o Exército se recusou, mas, como os amigos e parentes foram chegando, e o grupo, crescendo, nossa vontade enfim prevaleceu. A certa altura, a multidão em torno da igreja passava de 30 mil pessoas, segundo a imprensa, obviamente sobrepujando os militares. Foi a primeira grande manifestação espontânea e popular no Rio Grande do Sul contra o AI-5, a violência e o terrorismo de Estado. E o povo gritava: “Abaixo a ditadura!”.

Os militares queriam que o caixão fosse transportado da igreja até o cemitério Jardim da Paz no carro fúnebre, mas a multidão se rebelou, gritando que ele devia ser conduzido “nos braços do povo”. Mais uma vez o Exército percebeu que estava em desvantagem. Foi uma caminhada de três quilômetros, com a família e o povo, e até mesmo eu, se revezando para carregar o caixão naquele dia quente. Discursaram no cemitério os políticos Pedro Simon — que se limitou a falar da vocação política de São Borja — e Tancredo Neves, que, justiça seja feita, pediu a conciliação nacional de forma veemente e clara, dizendo que a ditadura tinha de terminar e sendo muito

aplaudido. Apesar da dor pela morte de Jango, guardei a sensação de que a ditadura foi desafiada naquele momento de despedida de um grande político. Ninguém foi detido.

Confinado no Uruguai, meu pai não pôde estar presente no enterro do cunhado, de quem se reaproximara havia pouco, e lamentou muito o ocorrido, dizendo apenas: "Gostei muito de você ter ido lá".

Fui o sobrinho que mais teve contato com tio Jango naqueles últimos tempos, e para mim sempre foi um prazer estar com esse homem de espírito leve. Quarenta e cinco dias antes de seu falecimento, visitei-o em Punta del Leste. Demonstrando gostar da visita, ele, sempre amigável e simpático, me convidou para sairmos para jantar, só nós dois. Conversamos bastante, e ele estava com aspecto saudável, nada que indicasse um possível ataque cardíaco.

Meu pai estava convencido de que Jango havia sido assassinado como parte da Operação Condor. Um ex-membro dos serviços de inteligência do Uruguai, chamado Neira, foi preso no Brasil, acusado de outros crimes. Um de meus primos foi visitá-lo na cadeia, fingindo ser um jornalista, e Neira confessou que havia sido pago pelo governo do Uruguai para ir à estância de Jango com ordens de envenená-lo. Ele contou que, uma vez dentro do quarto de meu tio, foi fácil trocar um dos comprimidos dos frascos de medicamento. É claro que esse homem, por causa de seu passado, não tinha credibilidade, e seu relato era questionável; tanto as autoridades argentinas como as brasileiras o ignoraram totalmente, nem sequer tomaram seu depoimento. E ninguém jamais fez uma investigação, apesar de meu pai insistir com veemência na tese de assassinato. A

versão oficial era que Jango morrera em decorrência de um ataque cardíaco, mas ninguém testemunhou nenhum sinal de que ele estivesse doente nos últimos anos de vida.

No depoimento que dei para o livro *68: A geração que queria mudar o mundo*, pergunto: por que não tomar um depoimento oficial do senhor Neira? Ele não está preso? Por que não pedir aos governos argentino e uruguaio, que tanto têm se empenhado em esclarecer os crimes da ditadura, uma investigação minuciosa dos fatos?

Poucos meses antes, o ex-presidente Kubitschek, predecessor muito popular de Jango, também morrera em circunstâncias misteriosas. Em agosto de 1976, ele estava viajando pela Via Dutra, que liga Rio de Janeiro a São Paulo, com seu motorista altamente experiente, quando o carro repentinamente atravessou a pista e atingiu um caminhão que vinha no sentido contrário, matando os dois.

Carlos Lacerda, outro político do Rio que, depois de em um primeiro momento apoiar o golpe, visando tomar o poder para si, voltou-se contra os militares, teve também uma morte suspeita. Em maio de 1977, foi até o hospital para tratar uma gripe e saiu de lá morto. Mais uma vez, nenhuma explicação plausível.

Essas três mortes sem explicação aconteceram em poucos meses, de agosto de 1976 a maio de 1977. Coincidência? Recentemente, a presidente Dilma Rousseff autorizou nova exumação do corpo de Jango e o resultado foi inconcluso. Mas se passaram quarenta anos, tempo demais. O tal Neira continua preso até hoje no Rio Grande do Sul. Por que será? E os bandidos

continuam à solta, bem mais velhos mas totalmente impunes. Só no Brasil mesmo...

Verdade seja dita, mesmo tendo certamente estado sob a mira da Operação Condor, meu pai nunca sofreu nenhum atentado, assim como seus filhos ou parentes. Ele sempre dizia que tinha o corpo fechado. Na família houve apenas uma ocorrência, mas muito tempo depois, já em 1994. Meu irmão José Vicente era deputado, e, em Nova Iguaçu, um carro se aproximou e tentaram dar um tiro nele. O motorista de meu irmão, na tentativa de fugir, bateu em um caminhão na Via Dutra. Acho que quiseram apenas dar-lhe um susto. Ele quebrou a perna na colisão.

Curiosamente, a ditadura no Uruguai cairia anos depois, em 1985, começando com um plebiscito no qual a população mostrava inequivocamente que não queria mais um regime de força. Os militares foram perdendo terreno, e o mesmo aconteceu na Argentina, quando resolveu lutar com a Inglaterra pelas ilhas Malvinas, saindo do episódio com uma derrota estrondosa. A meu ver, quem ganhou com aquilo foi apenas a indústria armamentista.

50. Fuga para a América

Em 1976, Jimmy Carter elegeu-se presidente pelo partido democrata dos Estados Unidos, que, desde o início de 1969, vinham sendo comandados por republicanos. Estávamos na fazenda da família no Uruguai na noite em que sua vitória foi anunciada, e meu pai ficou acordado a noite toda acompanhando os resultados pela televisão.

“Isso vai mudar tudo para nós”, ele anunciou no café da manhã no dia seguinte, embora ainda não pudesse prever quão dramática e subitamente essas mudanças ocorreriam. E estava certo. Carter decidiu coibir os abusos de direitos humanos na América Latina, caso necessário, inclusive com a substituição das ditaduras militares. Os ventos políticos estavam mudando e começava a parecer possível que meu pai, que tanto persistira e seguira lutando, voltasse à cena política.

Nessa época, o Uruguai, sob o comando dos militares havia quatro anos, vivia dias tensos, com uma onda de violência muito pior do que a ocorrida no Brasil. A Operação Condor estava à nossa porta, e meu pai ainda não tinha documentos para poder escapar de lá.

No Brasil, a ditadura perdia força e os militares, aflitos, vendo escoar seu poder e suas posições de comando, se agitavam. Enquanto tentava manobrar para promover uma abertura, Geisel

demitiu Silvio Frota, ministro do Exército, militar da “linha-dura”, em circunstâncias nebulosas — como tudo naquele período —, gerando uma crise política nunca divulgada claramente. Dizem que Frota planejava um golpe para assumir o poder e, nessas circunstâncias, meu pai ainda era alguém a quem temer. Até então considerado uma força desgastada, ele voltava a ser visto como uma ameaça política muito real. E voltou a reclamar que estava sendo seguido.

Sabe-se que Silvio Frota mandou emissários ao Uruguai dias antes de meu pai ser expulso do país. Um representante do governo uruguaio bateu na porta do apartamento de meus pais e entregou um envelope para minha mãe dizendo ser assunto urgente. Meu pai voltou da fazenda no dia seguinte e viu que se tratava de uma intimação para comparecer ao Ministério do Interior imediatamente. Lá descobriu que, depois de ser autorizado a viver no Uruguai por treze anos, tinha cinco dias para deixar o país, caso contrário seria preso e deixado na fronteira. E então se viu encurralado: se voltasse para o Brasil, seria preso e certamente assassinado; se permanecesse no Uruguai, também seria preso e quase certamente desapareceriam com ele.

“Para onde vocês sugerem que eu vá sem documentos nem passaporte?”, ele perguntou às autoridades. “Isso é problema seu”, foi tudo o que disseram.

Há muitos anos que meu pai já não exercia nenhuma atividade política e não havia explicação plausível para aquela expulsão. “Só podia ser vingança pessoal”, ele repetia. “Por muito tempo, cultivei a impressão, considerando uma informação e outra, de que fui expulso daquele país por pressão da área do Geisel ou da área do ministro

do Exército daquele tempo, o senhor Silvio Frota”, disse ele, muitos anos depois, em 2000, em depoimento à Comissão Externa da Câmara dos Deputados.

Dias antes, Flávio Tavares, um perseguido político brasileiro, havia batido à porta da casa de meus pais. Assim que ele foi embora, minha mãe vaticinou: “Leonel, não sei, mas essa visita pode nos trazer problemas”. Logo depois, Flávio foi sequestrado por militares dos órgãos de repressão uruguaios, passando vários meses preso. Nunca soubemos se ela estava certa ou não, e se a súbita expulsão de meu pai teve alguma coisa a ver com isso.

Minha mãe telefonou para mim e meus irmãos em estado de choque. Fomos até o Uruguai para estar com eles nessa hora de difícil decisão. A casa foi cercada pelo Exército, repetindo a cena ocorrida em Porto Alegre em 1964, mas dessa vez não nos deixamos intimidar tão facilmente. Embora minha mãe estivesse histérica, temendo ser expulsa de outro país, o resto de nós manteve a cabeça fria e tentou encontrar a melhor maneira de contornar a situação a nosso favor.

Na véspera, ao sair do Ministério do Interior, meu pai passou pela Embaixada dos Estados Unidos e, para testar a política de direitos humanos de Carter, resolveu entrar. Foi bem recebido pelas pessoas que ele considerara seus maiores inimigos naquela década e explicou seu problema, identificando-se como um dissidente dos regimes militares. Aquilo foi o suficiente para atrair a atenção dos funcionários, que o ouviram atentamente. Um deles, que havia participado de um grupo de estudos latino-americanos, lembrava

que Brizola era um ícone da política brasileira. E assim ficou formalizado o pedido de asilo de meu pai.

Isso aconteceu em uma sexta-feira. No Brasil não havia mais censura na imprensa, e, na segunda-feira, o *Jornal do Brasil* veiculava a manchete "Uruguai expulsa Brizola", e a imprensa internacional passou a ficar atenta. O governo uruguaio tomou um susto com a repercussão. Agora não seria mais tão simples para eles sumir com meu pai.

Aquela foi, para mim, a jogada mais inteligente de meu pai em toda a sua vida política. Houve também um golpe de sorte, porque a mensagem foi direto para a Casa Branca, sem passar por toda a burocracia habitual do Departamento de Estado devido ao fim de semana, e caiu direto na mesa do presidente Carter, o que agilizou tudo. Somente anos depois, pudemos ouvir uma fita que registrava a reação de Carter ao pedido: "*Get this man to the United States*". "Tragam esse homem para os Estados Unidos", foram as palavras textuais.

Um primo meu, hoje já falecido, foi fundamental nos dois processos de fuga dos Brizola: João Carlos Macedo, o Cacaio, filho de minha tia Fida. Em 1964, ele levou meu pai em um Fusca azul até a casa de uma ex-empregada, que o escondeu durante as primeiras horas mais tensas do golpe militar. E, de novo, treze anos depois, quando da expulsão do Uruguai, ele ajudou meus pais com todos os procedimentos.

E dessa forma, tido treze anos antes por Kennedy como "um inimigo da América" e considerado pelas autoridades brasileiras "inimigo público número um", depois de dias de angústia e

expectativa, na terça-feira a Embaixada Norte-americana nos informou que, finalmente, meu pai estava autorizado, pelo próprio presidente Carter, a entrar nos Estados Unidos. Prova de que os tempos eram outros. Agora os norte-americanos estavam interessados em implodir as ditaduras que eles mesmos haviam ajudado a estabelecer. Começava um período em que os direitos humanos se sobrepunham às questões — e às diferenças — políticas. As autoridades uruguaias até pensaram em reagir, mas foram avisadas: se fôssemos expulsos, aquilo iria desencadear um sério incidente internacional. Ditadores militares são arrogantes, não há dúvida, mas também são muito covardes. Os militares, a partir daí, só queriam se ver livres do caso que os embaraçava cada vez mais.

Nos primeiros dois dias, o governo uruguaio ainda deixou meu pai circular livremente, e ele precisou achar saídas rápidas para os negócios aos quais vinha se dedicando com empenho nos últimos anos. Fomos com ele até a fazenda La Manguera, em Durazno, e, sem saída, ele a entregou para ser administrada por uma empresa agrícola, que em pouco tempo lhe roubou todo o gado. A outra fazenda, a menor, que estava bem organizada, ele incumbiu José Vicente de administrar, o que meu irmão obviamente não soube fazer.

Mais 24 horas e, quando chegou a quarta-feira, o fatídico quinto dia, a polícia uruguaia chegou querendo impor regras, dizendo que ele só podia sair do apartamento para ir ao banco e de lá direto para o aeroporto.

Enquanto isso, minhas tias pressionavam o consulado brasileiro, exigindo que dessem um passaporte para minha mãe poder seguir com o marido, mas em um primeiro momento eles se recusaram a emití-lo. Os norte-americanos fizeram contato, ameaçando fazer barulho pelos jornais. Nessa fase, a imprensa brasileira já estava atuando mais livremente e poderia criar problemas para o governo se tomasse conhecimento da recusa. Enquanto isso, notícias sobre a expulsão de Brizola do Uruguai já pipocavam em toda a mídia. Por fim o governo brasileiro cedeu à pressão e emitiu um passaporte para minha mãe.

Fomos aconselhados a deixar nosso apartamento e ir para a Embaixada dos Estados Unidos em Montevideú. De lá, à noite, fomos levados para o aeroporto. O cerco para nos proteger aumentava e quase duzentos carros nos seguiram nesse trajeto, vários deles da imprensa. A essa altura, o governo uruguaio devia estar na expectativa de ver meu pai embarcando. Por insistência dos norte-americanos, ele recebeu uma autorização para viajar com validade de apenas trinta dias.

No aeroporto de Carrasco, meus pais entraram na fila de embarque para Buenos Aires como todos os demais passageiros, mas logo dezenas de companheiros brasileiros, querendo se solidarizar naquele momento, foram se aglomerando em torno do casal. Em pouco tempo formou-se uma pequena multidão, incluindo uruguaios que não escondiam sua admiração por Brizola. Essa movimentação incomodou os policiais uruguaios, e um deles tentou empurrar meu pai para que embarcasse logo. Ele simplesmente afastou a mão do militar, dizendo, já com a voz alterada: "Não se

atreva! Eu já comandi mais de 30 mil homens, ponha-se no seu lugar!”.

E então ele, minha mãe e meu irmão José Vicente seguiram em um voo comercial para Buenos Aires, onde permaneceram durante uma noite tensa, com receio de sair até para jantar, e no dia seguinte meus pais voaram sozinhos até Nova York.

Era chegada a hora de cada um de nós encarar uma nova fase de vida.

51. Vivendo no eixo Nova York— Lisboa

Setembro de 1977. Avisada, a imprensa toda esperava por eles em Nova York, e meu pai retornava ao noticiário do horário nobre no Brasil. O centro das atenções mais uma vez. Eu já estava de volta a Porto Alegre, na casa de minha madrinha, quando vimos juntos pela TV todas as emissoras de televisão brasileiras dando a manchete, cobrindo a chegada do casal Brizola aos Estados Unidos como heróis. Lembro de Mila, emocionada, dizendo: “Abriu. Abriu”. Era a abertura prestes a acontecer. E meu pai era jogado na arena política outra vez.

O povo brasileiro estava cansado do regime militar, e o fato de os norte-americanos estarem por trás de um movimento de retorno à democracia animou as pessoas. Nem mesmo a Globo, o conglomerado de mídia de direita que tinha crescido e dominado totalmente o mercado brasileiro, foi capaz de suprimir a notícia.

O hotel Roosevelt foi a residência de meus pais durante toda a estadia em Nova York, local onde meu pai seguia sua disciplina de ler os jornais brasileiros, trazidos todos os dias pela tripulação da Varig, que também o alimentavam com informações sobre o Brasil.

Para se capitalizar, logo que chegou aos Estados Unidos meu pai vendeu a fazenda La Manguera.

Assim que se sentiu bem acomodado, teve uma reunião com o secretário de Estado norte-americano.

“Qual é a minha situação aqui? Tenho permissão para me encontrar com quem?”

“Pode se encontrar com quem quiser”, garantiu-lhe. “Você tem os mesmos direitos que qualquer cidadão norte-americano, contanto que obedeça às leis.”

Era só o que ele precisava ouvir para começar imediatamente a viajar por vários países e articular sua volta ao Brasil em grande estilo.

Luiz Alberto Moniz Bandeira, cientista político especializado em política exterior brasileira, deu assistência a meu pai, entre outras pessoas. Começou promovendo contatos com os dirigentes da social-democracia europeia e da Internacional Socialista, como Mário Soares, François Mitterrand, Willy Brandt, Olof Palme, Shimon Peres, que catequizaram meu pai para a social-democracia e o reintroduziram na cena.

Eu estava no final do curso de arquitetura e, meses depois, me juntei a meus pais no Hotel Roosevelt, passando um tempo com eles, e posso garantir que esses dois anos foram de total felicidade para minha mãe. Ela amava Nova York. Meus pais também tinham um apartamento em Lisboa e, como sempre viajava com ele, minha mãe podia ter o marido a seu lado o tempo todo. Cheguei a passar seis meses em Lisboa com os dois.

Havia muitos líderes europeus que acreditavam em meu pai como boa alternativa para a ditadura militar. Eles então trabalharam duro para transformar aquele que antes era tido como “o incendiário da guerrilha” durante o exílio em um líder aceitável no cenário internacional. Sua imagem foi sendo modificada, da mesma maneira que Nelson Mandela fora transformado durante os anos na prisão — de “terrorista” ele passou a ser visto como um visionário e um grande estadista. Meu pai era muito receptivo a esse tipo de mensagem, consciente de que seus métodos antigos nunca iam levá-lo de volta ao poder, mas estava ciente também de que o clima internacional voltado para mudanças só poderia funcionar a seu favor. Deixou o cabelo crescer, e seus discursos ganharam um tom um pouco mais conciliador. Como as pessoas mudam, não é?

Na verdade, em 1977 meu pai recebeu asilo de dois países ao mesmo tempo. Depois de reatar as relações com meu pai, tio Jango — talvez consciente de estar ele próprio na mira da Operação Condor — pediu a Mário Soares, então primeiro-ministro de Portugal e seu amigo pessoal, proteção a meu pai caso algo acontecesse com ele. E então, paralelamente aos Estados Unidos, Soares também ofereceu asilo político a meu pai, o que lhe permitiu circular livremente entre Nova York e Lisboa, mantendo intensa atividade política por mais de um ano. Usou um passaporte português em todas as suas viagens, até que voltou ao Brasil, dois anos depois. Todo o sistema internacional projetou-o de volta para os holofotes, e ele não deixou de ser notícia nos jornais até sua volta, em setembro de 1979.

Esse passaporte, aliás, foi praticamente o único documento que meu pai teve durante os quinze anos de exílio, porque a ditadura era clara em não dar documentos para eLivross, o que se estendia a suas famílias. Éramos todos apátridas. Eu mesmo, quando fui estudar em Porto Alegre, precisei ir à polícia providenciar os meus documentos, que me foram fornecidos como uma grande concessão. E até mesmo em 1968 só tivemos autorização de seguir para a Escócia para minha cirurgia depois que um deputado denunciou no Congresso que o governo brasileiro não estava querendo nos dar documentos nem para tratamento médico. No final, acabaram cedendo e forneceram inclusive documentos para meu pai passar vinte dias conosco lá durante minha recuperação.

52. Colaboradores inesquecíveis

Em todo o período do exílio, algumas pessoas tiveram grande participação na sobrevivência pessoal e política de meu pai. Além de meu primo Cacaio, não posso deixar de citar João Carlos Guaragna, funcionário dos Correios e Telégrafos que viajou cerca de 120 vezes de Porto Alegre a Montevideu — quase uma vez por mês — e ficou conhecido como pombo-correio, por fazer todos os tipos de trabalho para meu pai, de quem ficou muito amigo. Chegou a ser preso várias vezes por essa ligação. Nunca me esqueço de que ele morava na rua Garibaldi, número 1.333, em Porto Alegre — em um velho e estranho sobrado, com cerca de três metros de largura e cinquenta de profundidade, praticamente um longo corredor. Seu papel principal foi ter promovido uma vaquinha entre antigos petebistas, arrecadando fundos suficientes para meu pai poder se locomover entre Estados Unidos e Portugal durante a segunda fase do exílio.

Aquela ordem de sair em cinco dias do Uruguai pegou meu pai totalmente desprevenido, e ele simplesmente não tinha dinheiro para viajar. Quando entregou a gestão da fazenda maior a uma empresa privada, recebeu 6 mil dólares de adiantamento, para desespero de minha mãe, que, furiosa, só conseguia perguntar, atônita: “Aonde é que nós vamos com essa miséria?”. Ao que ele respondia: “Calma, queridinha, estou me virando, calma”. Quem

salvou meu pai nesse momento foi meu primo João Vicente Goulart (filho de tio Jango), que contribuiu com umas economias, de forma que eles puderam viajar com um pouco mais de conforto. Meus pais sempre foram muito gratos a ele por esse gesto tão bonito de desprendimento.

Parte III — A volta ao Brasil



53. Um retorno epopeico

Os militares começaram a permitir que os membros do Partido Trabalhista se reorganizassem e voltassem para o país, isto é, os poucos que haviam conseguido sobreviver à ditadura ou à Operação Condor. Mais uma vez se comprovou que meu tio Jango tinha razão: o MDB não teria sido capaz de trazê-lo de volta, talvez por falta de vontade. A pressão nacional fez os ditadores verem que era hora de mudança, e mesmo assim eles ainda se mantiveram no poder por mais seis anos depois da anistia, anunciada somente em 1979.

Quando meu pai por fim obteve seu passaporte brasileiro, pelo consulado em Nova York, teve que decidir como ia retornar ao país. Eu não estive com meus pais quando fizeram os planos para voltar; quem os acompanhou nesse trajeto foi minha irmã Neusinha. Pelo telefone meu pai me dizia: "Precisamos planejar bem. Isto não é como uma viagem a Washington. As coisas são um pouco mais complicadas".

Alugar um avião para Porto Alegre sairia muito caro, e ele também não queria voltar para o Brasil chegando ao Rio em um voo comercial. Em vez disso, por sugestão de minha mãe, decidi chegar por São Borja, cidade onde ela e meu tio nasceram e foram criados. Eles então reservaram três lugares em um voo da Braniff Airways (que hoje não existe mais) para o Paraguai. Quando o avião pousou

na capital Assunção, o presidente, general Alfredo Stroessner, um militar linha-dura da direita, mandou um militar de alta patente aguardar na pista para cumprimentar meu pai em seu nome de forma oficial. Continência e tudo o mais. Muita hipocrisia. Eles então pegaram um avião particular para Foz do Iguaçu, na fronteira entre a Argentina e o Brasil.

Eu os esperava no hotel, e fui até o aeroporto recepcioná-los, com cobertura de toda a imprensa, que fez questão de fotografá-los diante das cataratas. A ideia era que todos descansássemos ali aquela noite, mas meu pai não conseguia dormir, animado com a perspectiva de finalmente voltar para casa depois de tanto tempo. Ele não parava de rascunhar discursos e fazer planos, parecia que tinha nascido de novo. De tanta ansiedade, nem se barbeou. Eu me ofereci para ajudá-lo; ele estava tão inquieto que corri o risco de cortar sua cara toda, mas felizmente me saí bem. Foi muita adrenalina.

No dia seguinte, entramos em outro voo particular para São Borja, onde uma multidão de 10 mil pessoas aguardava para recebê-lo. Seis dias depois, ele viajou para Porto Alegre e, finalmente, para o Rio, chegando lá quinze dias após deixar Nova York. Foi um retorno verdadeiramente triunfante, como uma peregrinação coberta por todos os jornais, e ele aproveitou ao máximo cada momento desse lento retorno que, a seu ver, era previsível. Lembro que meu pai vivia repetindo frases de efeito de Petrônio Portella, ministro da Justiça do presidente João Figueiredo, tais como "contra fatos não há argumentos", "eu não agrido fatos" ou "não se pode tapar o sol com a peneira". O então senador Teotônio Vilela esteve presente em

vários momentos. Meu pai sempre dizia que ele era um dos raríssimos políticos que haviam passado da direita (ele era da Arena) para uma posição mais socialista.

54. A perda da sigla

“Brizola não.” Por meio século essas duas palavras dominaram a vida política brasileira. Alguns de seus pontos de vista podiam ter amadurecido com a idade, mas todo mundo que tinha bens ou privilégios a proteger sabia que, se ele chegasse ao poder, certamente iria promover mudanças desconfortáveis para eles. Em seu mandato como governador do Rio Grande do Sul, por exemplo, atuou energicamente para diminuir o fosso entre ricos e pobres e investiu pesado em educação, assunto de extrema prioridade para ele, tendo construído 6 mil escolas e não deixando nenhuma criança ou jovem fora de sala de aula em todo o estado. E iria repetir feito parecido anos depois no Rio de Janeiro. Isso sempre incomodou uma parcela da classe política que preferia deixar as coisas como sempre tinham sido e manter os antigos privilégios. Alguns membros da classe política estavam dispostos até mesmo a driblar a lei a fim de mantê-lo longe.

Por meio século, meu pai foi uma ameaça para alguns e um sinal de esperança para muitos. Ele jamais abandonou os ideais trabalhistas herdados de Vargas, e, embora o regime militar estivesse suavizando seus tentáculos, a direita seguia querendo enfraquecer qualquer oposição democrática. Todos sabiam que, se meu pai voltasse ao governo, tudo mudaria, então havia muita gente

disposta a lutar contra ele até o fim de forma a impedir que isso acontecesse. O que ninguém imaginou foi que ele também estivesse disposto a lutar até o fim. Havia um homem em particular, o general Golbery do Couto e Silva — um dos principais teóricos da doutrina de segurança nacional, elaborada nos anos 1950 pelos militares brasileiros na Escola Superior de Guerra (ESG), e também um dos criadores do Serviço Nacional de Informações (SNI) —, que estava determinado a garantir que meu pai nunca ocupasse posições relevantes no Brasil novamente.

Partindo da grande máxima de “dividir para conquistar” apregoada por Sun Tzu (general, estrategista e filósofo chinês que viveu no século VI a.C.) em sua obra *A arte da guerra*, Golbery partiu para dividir a esquerda. Fez isso estimulando a escolha e a manipulação de Ivete Vargas — sobrinha-neta de Getúlio — como a líder da legenda do Partido Trabalhista Brasileiro. Ivete, além de ter muito menos expressão histórica e política, tinha apenas um deputado, “cobra mandada”, que a seguia, contra mais de vinte afiliados na corrente liderada por meu pai. Ele ainda tentou lutar na justiça pela posse da sigla, mas perdeu a disputa. Foi uma manobra sórdida, na qual o Tribunal Superior Eleitoral (cujos juízes eram então nomeados pelos ditadores) foi claramente manipulado pelos militares. É bom lembrar que a ditadura nunca respeitou o poder Judiciário: nomeava e destituía juízes conforme sua conveniência, muitas vezes até por interesses pessoais.

Meu pai não abriu mão de participar daquela que seria a primeira eleição democrática pós-ditadura. Essa estratégia de Golbery e de seus opositores, porém, obrigou-o a criar, com outros trabalhistas

históricos e novos simpatizantes, um novo partido, o Partido Democrático Trabalhista (PDT). Ou seja, ele começou em desvantagem quando entrou na corrida para governador do Rio de Janeiro em 1982.

Dessa estratégia liderada por Golbery, e com forte apoio da mídia, também surgiu um novo partido que aumentou a fragmentação da esquerda. O Partido dos Trabalhadores (PT), com o apoio dos sindicatos liderados pelo metalúrgico Luiz Inácio Lula da Silva, que, décadas mais tarde, se tornaria presidente, enfraqueceu ainda mais a posição de meu pai. Foi uma jogada muito inteligente e maldosa.

Para provar que meu pai guardava apenas as mágoas políticas, nunca as pessoais, quando Ivete Vargas estava muito doente no hospital, ele foi visitá-la, apesar de todo o mal que ela lhe fez.

55. O nascimento do PT

Pouco se disse até hoje sobre o nascimento do Partido dos Trabalhadores, talvez porque as pessoas preferam não revelar sua origem um tanto sinistra. Quase todos desconhecem que o grande mentor intelectual do PT foi o general Golbery, que, para mim, foi um gênio, pena que um gênio do mal. Ele de fato era uma pessoa muito inteligente, que aproveitou tudo o que aprendeu em cursos nos Estados Unidos — verdadeiras lavagens cerebrais —, cujos ensinamentos fundamentaram a política brasileira atual.

Tudo teve início quando os militares começam a se enfraquecer, a partir da segunda metade da década de 1970, e foram tomando consciência de seria inevitável a volta de todos os que haviam sido banidos. Então Golbery teve a ideia — genial, convenhamos — de criar uma nova corrente sindical, de forma a dividir a esquerda. Sua estratégia foi incentivar a liderança de Lula, então um pequeno líder sindical articulado e bastante promissor, plantando assim o embrião de um novo partido capaz de segurar o PTB — que vinha com força, liderado por meu pai — e colocando na mente dos sindicalistas que todo o legado de Vargas tinha sido muito nocivo para o trabalhador, em uma total inversão de valores.

Golbery esteve por trás de todas as estratégias voltadas para enfraquecer meu pai, que sempre se mostrou contrário à dívida

externa e às novidades tecnológicas que levam o povo a se endividar (celular, TV a cabo etc.) e a favor de criar mais infraestrutura no país e fazer investimentos pesados na educação. Daí a política brasileira ter girado durante quarenta anos em torno de duas palavras: “Brizola não”. O resultado dessa política pode ser visto em 2015, com a conta chegando para todos nós. Até houve algum investimento em infraestrutura, embora de forma equivocada, mas hoje é nítido como o país retrocedeu em educação nos últimos anos, tanto nos governos do Partido dos Trabalhadores como nos do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB).

Uma vez eu disse, ironizando, em uma entrevista para a *Folha de S.Paulo*: “Deveriam construir um monumento para o general Golbery em São Bernardo do Campo. Ele foi o grande mentor de vocês”, e a repórter ficou uma fera. Era petista.

Meu pai dizia que a direita sempre foi muito mais organizada do que a esquerda. Junta fatos e acontecimentos de vários países em épocas diferentes e aplica quando conveniente.

A Igreja católica, que historicamente sempre esteve ao lado dos poderosos, funcionou no Brasil da mesma maneira, sendo a grande incentivadora do Partido dos Trabalhadores, criado de forma a ser rapidamente aceito pelo *establishment* e assumir o poder. Basta lembrar que suas principais bases saíram de movimentos como a Teologia da Libertação. Até que o papa João Paulo II, cujas origens não deixavam dúvidas, cortou totalmente o apoio aos barbudinhos, afastando a igreja do PT, mas a essa altura ele já tinha condições de caminhar com as próprias pernas.

56. Brizola procura, Lula reage

Na verdade, meu pai nunca teve nada de pessoal contra Lula. Muito pelo contrário, sempre fez de tudo para agradá-lo. Queria se unir a ele. Achava que o metalúrgico era um líder. Mas Lula sempre foi hostil a ele. Cibilis Viana, fiel colaborador de meu pai, foi testemunha disso, dando o seguinte depoimento:¹¹

A primeira viagem de visitas que Brizola fez foi aos principais jornais paulistas e a personalidades; entre outros, dom Paulo Evaristo Arns, Franco Montoro, Euzébio Rocha e Lula. Esse primeiro encontro com Lula não foi nada amistoso. Na sede do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, Lula aguardava Brizola sentado em sua mesa de trabalho. Brizola falou sobre as tradições trabalhistas, sobre Getúlio. Lula o interrompeu, dizendo: "Getúlio ferrou o trabalhador". A partir daí, o ambiente tornou-se constrangedor. Brizola o contradisse e a conversa terminou ali mesmo. Brizola se retirou, sem que Lula tivesse a gentileza de o acompanhar até a saída; permaneceu sentado em sua mesa.

Eu me lembro bem de quando eles se encontraram pela primeira vez, falando na TV logo em seguida. Meu pai chegando do exílio, e o

PT com todos os holofotes. Naquele momento, Lula disse de forma muito arrogante e assumidamente hostil: "Brizola continua com 'seu' PDT, e nós, com o Partido dos Trabalhadores". E meu pai, bastante humilde, apenas respondeu: "Eu não sou dono do partido".

Eram duas legendas voltadas para o trabalhador, mas de maneiras diferentes, e essa diferença foi criando arestas. As ideologias eram opostas. Enquanto o PT aceitava o modelo de espoliação criado durante a ditadura e não predicava investimentos em educação nem em saúde, a ideologia de meu pai era muito segura em afirmar que somente por meio da educação o país chegaria ao desenvolvimento. Ele começou a chamar Lula publicamente de "sapo barbudo". E este, em troca, dizia que o meu pai "seria capaz de pisar no pescoço da própria mãe para se tornar presidente".

Mas o tempo é o senhor da razão: o PT teve a grande oportunidade de mudar o país e nada fez. Pelo contrário, agora nos chega a conta da criação de um programa de esmolas generalizado, que em seus primórdios até tinha seu valor, mas que acabou voltado unicamente para a manutenção do partido no poder. Além de projetos mirabolantes e inacabados, bilhões de reais gastos em estádios vazios, refinarias paralizadas e tudo o mais que vemos hoje. Será esse o legado petista? Muito triste para o Brasil. No final, acabaram formando um "grupelho que aparelhou o governo", como meu pai diria. Lula, que tanto quis se colocar como "o salvador da pátria", hoje nega os desmandos feitos por seu grupo. A história apenas começa a cobrar a conta, que vai ser severa. Eles estão tomando o veneno que destilaram. Já o trabalhismo previa investir

em educação, e isso não dá resultados imediatos; seu legado só se vê após uma geração, quando então tudo começa a mudar de fato.

E agora, depois de tudo o que se sabe, como escreveu Ricardo Noblat em sua coluna no jornal *O Globo*: "O PT será conhecido como aquele [partido] onde uma organização criminosa agiu sem que ninguém a chefiasse".

57. O retorno ao Executivo

Felizmente para meu pai, no entanto, havia muito mais pessoas no Brasil desejando mudanças, pois tinham a ganhar com isso, do que aqueles com interesses em manter as coisas como estavam, para quem o nome Brizola carregava uma história revolucionária que eles temiam. Meu pai também era muito bom na televisão, um meio que tem extrema influência sobre a população brasileira. Seu eleitorado dessa vez foi a população urbanizada pobre, uma força enorme e potencialmente poderosa caso fosse alcançada e mobilizada.

Três meses antes da eleição para o governo do Rio, meu pai começou a subir nas pesquisas. Essa virada se deu após um debate promovido pela TV Globo que ele ganhou de lavada ao questionar a credibilidade dos outros candidatos, que não haviam conseguido cumprir as promessas feitas nas campanhas que os elegeram.

Depois de tantos anos no deserto político, em 1982 Brizola voltou ao poder, eleito pelo povo como o governador do estado do Rio de Janeiro, embora a TV Globo tenha sido acusada de tentar abertamente roubar a eleição para o candidato da ditadura com a primeira fraude eleitoral computadorizada da história, o que levou a tumultos nas ruas. Esse episódio ficou conhecido como o Caso Proconsult,¹² para o qual há várias versões.

A fraude foi facilmente descoberta pelo então trabalhista César Maia, que detectou um *malware* no sistema que passava os votos brancos e nulos para o candidato dos militares. Ao tomar conhecimento da fraude, meu pai convocou uma coletiva de imprensa internacional na qual, delicadamente, chamou a atenção para a demora na apuração: uma semana após as eleições não havia nem 100 mil votos contados. O caos reinava na Justiça Eleitoral do Rio de Janeiro nesses dias. Assessores de meu pai encontraram o chão coberto de cédulas inutilizadas, e ninguém conseguia explicar nada. Finalmente, graças ao *Jornal do Brasil*, que resolveu fazer uma apuração paralela, o resultado pôde ser respeitado.

58. Fraude nas urnas

Um dos maiores combates de meu pai foi contra a urna eletrônica. Por mais que a Justiça Eleitoral diga que o sistema brasileiro é seguro, acredita-se que ele é sujeito a manipulação e, provavelmente por essa razão, não é utilizado em outros lugares. Trata-se de programas de vinte anos atrás, criados por uma empresa norte-americana, rejeitados em muitos países e que praticamente não passaram por atualizações. A urna eletrônica é uma caixa-preta fechada que não permite que ninguém tenha acesso a ela, o que impede que se faça qualquer tipo de auditoria, recontagem de votos e até impressão de boletim. Por esse sistema, os votos não deixam traços, o que é absolutamente inseguro. “Aceite o resultado e cale a boca”: são os estertores da ditadura que ainda pairam sobre nós.

Há diversos receios que este sistema blindado e associado aos institutos de pesquisa — todos nas mãos da chamada grande imprensa — permita que se manipulem as eleições brasileiras da maneira mais sórdida, tirando as possibilidades de qualquer força que não seja totalmente do agrado do *establishment*. Você aperta um botão e recebe o resultado de milhares de votos, em um caminho que impede qualquer possibilidade de aferição.

Em seus últimos tempos, meu pai contratou técnicos estrangeiros que pediram o algoritmo criptográfico do sistema para poder analisá-

lo. Estarrecidos, ouviram de volta que esse código era secreto, propriedade industrial de uma empresa da Califórnia. Como assim? O direito de uma empresa privada pode estar acima do resultado de uma eleição, que afeta tanta gente? Por isso ele dizia: "Estas urnas eletrônicas são consideradas por especialistas independentes da área de informática, no Brasil e no mundo, máquinas inseguras e inconfiáveis, por não imprimirem um boletim de urna e não permitirem recontagem, etapa fundamental para garantir que a verdade eleitoral prevaleça".

Meu pai sofreu diversos tipos de boicote. Em 1985, três anos depois da tentativa da Proconsult, houve outro episódio bem exemplar das forças que tanto queriam derrubá-lo. O PDT havia tempos tinha criado um instituto de estudos políticos chamado Alberto Pasqualini, que aos poucos ia ganhando credibilidade. Um aspirante a candidato pelo PDT, Maurício David, querendo concorrer à prefeitura do Rio, ao não ser escolhido pelo partido denunciou que o instituto manipulava as pesquisas, com grande cobertura da mídia. Isso acabou com a possibilidade de o PDT e os trabalhistas terem um instituto de estudos políticos próprio. Assim, com os institutos nas mãos dos conglomerados da mídia e o discutível sistema das urnas eletrônicas, estava criado o esquema perfeito de boicote. Digamos assim, um novo general Golbery.

Em 1986 foi a vez de outro tipo de boicote, nessa ocasião bem casuístico. Com o intuito de defender seu legado como governador, meu pai apoiou a candidatura do antropólogo e vice-governador Darcy Ribeiro para sucedê-lo, mas não pôde defender publicamente

seu correligionário. É que, como meu pai tinha o dom da oratória e do convencimento, de repente decretaram que quem tinha mandato não podia aparecer na TV.

59. Governando o estado do Rio

Com o forte sotaque gaúcho, que nunca abandonou, e frases que ficaram famosas, meu pai era muito carismático. Há quem pense que em seus discursos sempre inflamados ele talvez estivesse invocando o episódio da morte do pai enquanto lutava pelo que acreditava. Muitos viam, inclusive, no uso frequente do lenço vermelho uma referência direta aos federalistas gaúchos, como se ele estivesse sempre reafirmando um legado a ser cumprido.

Dizem que tinha o costume de falar com o interlocutor com um ar solene e como se estivesse proferindo uma conferência ou um discurso. Por fim ele mesmo indagava: “Não te parece?”. Atento, escutava as observações do ouvinte e procedia, eventualmente, a modificações, repetindo o mesmo pensamento incontáveis vezes, em várias oportunidades. Costumo dizer que o tom da conversa dele era sempre formal e solene, com todo mundo, embora em casa ele relaxasse o tom ligeiramente.

Por todo esse carisma que atravessava fronteiras, sua posse como governador atraiu dezenas de presidentes, chefes de Estado e celebridades internacionais ávidas por associar-se a um homem que tinha sido fiel a seus princípios por décadas a fio, apesar das intempéries, e um dos poucos líderes esquerdistas do Cone Sul a ter sobrevivido à Operação Condor. Tudo com pouca cobertura da

imprensa, o que era compreensível, devido ao boicote que continuava existindo e aos tentáculos da ditadura, ainda persistentes. A Internacional Socialista, então no comando de vários países da Europa Ocidental, desembarcou em peso para prestigiar o evento.

Uma das convidadas foi a viúva de Martin Luther King, Coretta. A certa altura, caminhando pelo jardim comigo e com minha esposa, ao descer uma escada, ela perdeu o equilíbrio e caiu. No tombo, seu vestido se rasgou e os fotógrafos correram para retratá-la naquelas condições. Fui mais rápido e joguei meu casaco para ela, bem a tempo de cobrir seu recato magistral. No evento, quem chamou bastante minha atenção foram os dirigentes do Timor Leste, que me contaram detalhadamente todos os problemas que estavam enfrentando devido à invasão da Indonésia.

60. Energias em desalinho

Esse foi o início de toda uma nova etapa na vida política de meu pai, e ele ainda parecia ter o mesmo vigor de quando organizou aquela primeira rebelião para levar meu tio à presidência. Minha mãe, contudo, já não tinha a mesma energia. Ansiava por uma vida mais calma, envelhecendo com meu pai em alguma fazenda. Gostou de viver no exílio virtual em Nova York com um nível de conforto que lhe convinha, e voltar ao tumulto da política brasileira não era o que ela almejava àquela altura. Olhando para trás, percebe-se que os últimos anos no Uruguai foram um período dourado em sua vida, pois tinha o marido consigo. Agora a política brasileira o tirava dela. E, ao passo que ele voltava a se mover com a mesma velocidade de quando era jovem e agitava revoluções, dona Neusa não conseguia mais acompanhá-lo. Como primeira-dama, minha mãe tentou implementar alguns programas sociais, mas foi demais para ela. Às voltas com um estado depressivo que se agravava, ela começou a retirar-se da atividade.

Acho que praticamente todos os líderes socialistas da América Latina têm problemas com suas famílias. De fato, não há horas suficientes no dia para dedicar-se à luta pela causa e ainda encontrar tempo para dar atenção à família, criar os filhos e manter

um casamento. No cômputo geral, as famílias acabam sempre sendo as mais sacrificadas.

Não há como filhos de governantes não se envolverem; simplesmente não há como fugir disso. Já durante a campanha, tudo começou a mudar a nossa volta. Eu trabalhava em uma construtora e, ao saberem que meu pai concorria a um cargo importante e disparava nas pesquisas, as pessoas faziam fila para me pedir favores. Tornou-se impossível seguir trabalhando ali de forma eficaz, e tive que parar com tudo o que fazia.

Seis meses depois de meu pai assumir o poder, pude exercer um pouco do que aprendi no curso de arquitetura. É que ele decidiu chamar Oscar Niemeyer — o conhecido arquiteto e responsável pela maior parte do projeto de Brasília —, solicitando-lhe o projeto de um espaço permanente para os desfiles do carnaval carioca batizado como Sambódromo. A ideia era substituir as estruturas provisórias montadas todos os anos durante o carnaval e logo em seguida desmontadas, pois haviam se transformado em um foco de corrupção e desmandos.

Fui integrado à equipe responsável por esse grande desafio que era construir, em tempo recorde, um estádio linear grande o suficiente para acomodar 60 mil espectadores, com espaço para os desfiles e para as escolas de samba se prepararem.

“Você vai ser o meu fiscal do projeto”, meu pai me disse. “Temos apenas quatro meses, de modo que não podemos perder um dia sequer.” Esse trabalho de tanta responsabilidade me colocou nas primeiras páginas dos jornais todos os dias, embora eu atuasse mais como um gerente de construção do que como *designer*. Sabendo

muito bem como era o negócio da construção, meu pai foi muito claro em suas instruções: “Mantenha um perfil baixo, e você aprenderá a comer o mingau pela beirada”. Comecei como fiscal da obra do Sambódromo, mas no final acabei praticamente exercendo um trabalho de supervisão geral.

Meu pai também confiou a mim delicadas missões. Pediu, por exemplo, que eu acompanhasse um executivo de uma grande construtora espanhola durante um café da manhã com o objetivo de apresentá-lo ao presidente de um país vizinho, para que pudessem discutir o contrato de construção de uma represa. “E dê um jeito de envolver-se no projeto”, aconselhou.

Dois meses depois, eles assinaram o tal contrato. O diretor-executivo, em seguida, me ligou para agradecer. “Queremos que você faça parte deste trabalho”, disse ele. “O projeto não tem nada a ver com nenhum dos projetos de seu pai, portanto não haverá conflito de interesses.” Infelizmente, não pude acompanhar o contrato. Até hoje penso que teria sido uma ótima oportunidade para mim. Mas, em seguida, vieram as eleições e, ao envolver-me no governo, meu pai disse que simplesmente “não dá”.

Vale ressaltar que o gerenciamento dos contratos firmados por meu pai eram bem diferente do que se faz hoje. Todos os contratos de obra eram fiscalizados não apenas pelo órgão contratante como por várias consultorias privadas. Outras empresas auditoras, também privadas, trabalhavam paralelamente nos controles específicos de preços unitários, custos extras, progresso da obra e procedimentos contábeis. Além do órgão contratante, cada despesa tinha que ser aprovada por todas essas empresas envolvidas. Esse é

o procedimento, aliás, praticado em todos os outros países do mundo — e é obrigatório. Meu pai sempre defendeu esse princípio, dizendo que havia aprendido isso nas reuniões da Internacional Socialista e com outros governantes europeus. E isso há mais de 25 anos... Seria tão difícil assim para as empresas públicas trabalhar desse jeito hoje?

Nesse período, meu pai fez coisas por mim que nunca teria feito para si mesmo por questão de princípios, talvez para compensar o que não havia sido capaz de nos dar como pai quando éramos mais novos, como seu tempo e seu apoio.

61. Relacionamento com a Globo

Meu pai governou o Rio de Janeiro até 1987, reelegendo-se em seguida, em 1990, para um segundo mandato com uma votação sem precedentes: sessenta por cento dos votos, apesar de todas as manipulações da Globo — tudo hoje devidamente comprovado e documentado —, que acabaram determinando o comportamento da mídia em geral.

A TV Globo sempre foi a maior adversária de meu pai. Criada pelo dinâmico magnata Roberto Marinho, a partir da licença que obteve de meu tio Jango, a emissora se tornou a quarta maior rede de TV do mundo, ficando atrás apenas de três grandes redes norte-americanas.¹³ Marinho foi um dos homens mais ricos da América do Sul e permaneceu ativo até sua morte, aos 98 anos. Seu império poderia ser comparado aos de Rupert Murdoch ou Silvio Berlusconi. Mesmo sendo seu maior adversário político e apesar de serem, no plano ideológico, absolutamente opostos, meu pai o admirava muito. O nome Marinho surgia em quase toda refeição em nossa família. Era uma poderosa relação de amor e ódio.

Ele sempre fazia questão de se sentar para assistir ao, como dizia, “Jornal da Globo” (na verdade, referia-se ao *Jornal Nacional*), considerando-o uma grande fonte de informações que o deixava atualizado. Mesmo assim, observava que a Globo adorava

determinadas expressões. Principalmente na ditadura, quando queria atacar alguém, usava a expressão “uma investigação secreta baseada em uma denúncia anônima”. Outro adjetivo muito empregado pela Globo naqueles tempos era “subversivo”, que os militares adoravam. E até hoje, quando quer denunciar algum desfalque ou déficit, o classifica de “rombo”.

Por alguma razão, mesmo antes do golpe, o jornal *O Globo* sempre insistiu em grafar o nome de meu pai como Brizzola, para enfatizar seu sangue estrangeiro. Durante anos meu pai enviou várias cartas ao jornal, reclamando e pedindo que corrigissem seu nome. Só a partir de 1964 é que passaram a grafá-lo corretamente. Haveria alguma coisa por trás disso?

Em setembro de 1991, aos 86 anos, Roberto Marinho casou-se com Lily Carvalho, uma *socialite* nascida na Alemanha, filha de uma francesa e de um militar britânico, que quase chegou a ser atriz quando jovem, na Europa. Meu pai não podia conter sua admiração por essa energia e sempre repetia: “Se eu pudesse perguntaria a ele qual é o segredo de seu vigor e de sua longevidade”.

No primeiro ano de seu mandato como governador, meu pai e o doutor Roberto foram particularmente próximos, vivendo uma espécie de lua de mel. Costumavam sair para jantar acompanhados das respectivas mulheres, chegando mesmo a posar juntos para fotos. Trocavam também presentes prosaicos. Certa vez meu pai, para demonstrar as delícias da carne uruguaia, preparou um pacote com carne produzida em sua própria fazenda para enviar ao amigo e, claro, exibir seus feitos (naquele tempo, ninguém dava atenção a essas coisas na alfândega). Mas minha mãe, mais conhecedora do

assunto, achou que o pedaço que ele queria mandar não estava com cor e aspecto excelentes, como deveria. Então ligou para Antonio, um amigo da família, dono de um frigorífico exportador, e encomendou o melhor corte que ele tivesse. Nunca soube se meu pai admitiu para o doutor Roberto que a carne não era de nossa fazenda. Em retribuição, Marinho o presenteou com um pacote de *riz sauvage*,¹⁴ iguaria ainda pouco conhecida no resto do Brasil, mas que no Rio Grande era chamado de arroz bicão.

Logo as relações entre eles começaram a se deteriorar, e acho até que por razões mais profundas. Eles voltaram a guerrear francamente, e o pretexto foi o Rock in Rio, o famoso e bem-sucedido evento de rock que aconteceu em 1985. Diziam que a Globo havia investido muito no festival de rock e queria construir um estádio permanente para eventos envolvendo esse gênero musical, enquanto o meu pai achava que a praça da Apoteose do Sambódromo serviria para isso. Fui testemunha de que o estádio de rock não foi proibido, apenas foram feitas exigências técnicas para que não se transformasse em um lamaçal em caso de chuva, como aconteceu com o Rock in Rio. Os proprietários do evento politizaram a questão e, a partir daí, a lua de mel com a Globo se transformou em lua de fel.

Pessoalmente, contudo, continuaram a se respeitar mutuamente. E, apesar de todas as batalhas políticas do passado, quando do falecimento do doutor Roberto, meu pai fez questão de ir pessoalmente à residência no Cosme Velho para prestar suas condolências à família. E contava que foi muito bem recebido. O

mesmo gesto teve a família Marinho quando meu pai faleceu, em 2004.

Já outros magnatas da mídia, meu pai respeitava menos. Uma certa revista masculina, aproveitando-se da vulnerabilidade emocional de minha irmã, chegou a pagar-lhe 50 mil dólares para que ela posasse nua. Meu pai, exercendo mandato como governador, teve que mover uma ação judicial para vetar a publicação do ensaio e proteger seus netos de serem expostos às custas da ingenuidade de minha irmã.

62. Brizola sempre incomodando

Apesar de seu alto cargo e da vasta experiência, meu pai nunca se sentiu confortável em ambientes sofisticados. Nunca apreciou tomar chá, por exemplo, nem vestiu *smoking* e gravata-borboleta preta, nem mesmo em eventos cheios de glamour, como o Grand Prix do Jockey Club. As pessoas sempre fizeram concessões para ele, em respeito a sua história e a sua opção de ser uma pessoa como todo mundo, mas tenho certeza de que muitas delas não apreciavam esse comportamento.

Sua opção pelo simples se confirmou quando ele, embora tendo à disposição um palácio ainda mais luxuoso do que o de Porto Alegre, optou por continuar morando no mesmo apartamento em Copacabana, recusando-se a mudar de hábitos. Seu argumento: temia ser envenenado, tal como sempre acreditou que aconteceu com meu tio Jango.

Apesar de eleito democraticamente para o cargo, meu pai sabia que o Governo Federal esperava apenas uma oportunidade para se livrar dele. Acho que a essa altura começou a lamentar ter nos carregado para viver em um palácio quando éramos crianças, e não via razão para repetir o erro quando estávamos todos crescidos.

Ao contrário de tantos governantes na história brasileira, seus mandatos foram sempre caracterizados por enormes investimentos

em educação, para ele uma prioridade inquestionável. Quando comandou o governo do Rio Grande, construiu cerca de 6 mil escolas, não deixando nenhuma criança gaúcha fora da sala de aula, e no Rio implementou um programa por meio do qual construiu e equipou quinhentas escolas de tempo integral nos bairros mais pobres, com o fornecimento de cinco refeições por dia para todas as crianças, muitas das quais sofriam de desnutrição.

Eu gerenciei toda a construção desse projeto. Assim que meu pai deixou o cargo, entretanto, tudo foi por água abaixo. Imediatamente ao final de seu mandato, o programa foi completamente desmantelado, destruído pelo ódio enfermo do senhor Marcello Alencar, que o sucedeu no governo do estado, e curiosamente seu ex-aliado. Foi tanto ódio que, um dia depois de sua posse, Alencar suspendeu a merenda e o turno único de todos os CIEPs, praticamente acabando com o projeto. Se tivesse continuado, hoje, vinte anos depois, teríamos outra geração no estado do Rio, demandando outra qualidade de serviços e de vida, e o esforço estaria dando resultados.

Sempre foi fácil para a direita criticar o fato de meu pai não permitir que a polícia entrasse nos morros e invadisse os lares de pessoas inocentes de forma violenta e sistemática como se faz hoje, porque esse tipo de abordagem simplesmente não se sustenta. Só é possível mudar a realidade dessas áreas com novos padrões de educação em uma política de longo prazo, não militarizando as favelas.

Abro aqui um parêntese para dizer que meu pai colocou a polícia abaixo do poder Executivo, mas não conseguiu que isso continuasse

por dois problemas que não se cansava de repetir: a certeza da impunidade e o exemplo que vem de cima. A polícia só vai ser saneada quando essas duas questões forem atacadas ao mesmo tempo.

Se seu programa educacional tivesse seguido como planejado, hoje teríamos uma geração que não precisaria crescer em um meio dominado pela violência. As escolas públicas brasileiras são verdadeiras pocilgas, e nenhum outro governante, por mais travestido de esquerda que fosse, conseguiu mudar essa realidade. Nem tentaram.

Fazendo um balanço agora, qualquer um pode comprovar que, com os governos militares, as coisas só pioraram. Basta observar os registros do povo em filmes e fotos antes de 1964. As classes urbanas mais baixas se vestiam melhor, eram mais bem nutridas, tinham educação mais robusta e viviam de forma mais digna. Empobreceram o país. E o Brasil segue com o fosso entre os mais ricos e os mais pobres maior do que em qualquer outro grande país no mundo. Isso sem falar nos danos permanentes às instituições brasileiras. No Chile, na Argentina e no Uruguai, por exemplo, finda a ditadura, tudo voltou a uma democracia plena. Já aqui, ainda existem ranços do poder ditatorial, como que um legado do general Golbery. Um bom exemplo disso é a polícia, que nunca mais exerceu seu papel de proteger a população como antes, em especial nas grandes cidades, atuando unicamente como um instrumento repressor do Estado.

“O pior fogo é o que vem do teu lado”, meu pai costumava dizer, até porque sentiu isso na pele. É de conhecimento público que

vários de seus antigos aliados o traíram, voltando-se radicalmente contra ele: Cesar Maia, Garotinho, Marcello Alencar, entre outros.

A bem da verdade, meu pai sempre teve aliados políticos questionáveis. E, quando tentávamos criticá-los, ele os defendia enfaticamente. Nos últimos meses de vida, eu brincava com meu pai, dizendo: "Quem pariu Mateus que o embale". E ele dava um sorriso amarelo.

63. Tentando a presidência

Com a volta das eleições diretas para presidente e a abertura para os civis, em 1989 meu pai se candidatou ao posto máximo da política brasileira. Foi o terceiro candidato mais votado, ficando atrás de Collor e Lula, de quem perdeu por apenas 454 mil votos. O resultado foi muito questionável, principalmente em Minas Gerais, onde uma pane, a certa altura, interrompeu a apuração de votos quando ele estava na frente e, quando o problema foi solucionado, ele estava atrás. O TRE não permitiu a recontagem.

Aqui, a versão que o PDT¹⁵ conta em seu site:

Ao final da apuração do primeiro turno das eleições presidenciais de 1989, após inexplicável interrupção de horas na apuração do estado de Minas Gerais, o candidato do PT venceu Brizola com cerca de meio por cento de diferença entre eles. Um pouco antes do TSE anunciar oficialmente a vitória de Lula sobre Brizola por uma diferença de pouco mais de 400 mil votos, em um eleitorado de 86 milhões, o TSE convocou entrevista coletiva com os meios de comunicação e nela os presidentes de sete institutos de pesquisa de opinião afirmaram, ao mesmo

tempo e antes do resultado oficial, que Lula iria para o segundo turno com Collor de Melo.

A falta de transparência que marcou a apuração, gerando dúvidas e suspeitas sobre o processo eleitoral de 1989, não impediu que Brizola, num ato de grandeza e desprendimento político, tomasse a decisão de apoiar Lula no segundo turno, transferindo todo o seu peso eleitoral para o candidato do PT, que, graças a isso, obteve vitórias esmagadoras nos estados do Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul.

Como a margem era pequena, meu pai decidiu não contestar. Pelo contrário, apoiou Lula no segundo turno, transferindo todos os seus votos para o sindicalista, mas quem levou a eleição foi Collor.

Ao perder a eleição para a presidência e ser eleito novamente governador do Rio de Janeiro em 1991, meu pai acabou aproximando-se bastante de Collor, entre outros motivos, porque ambos priorizavam bastante a questão da educação. Tanto que Collor projetou a construção, em âmbito federal, dos Centros Integrados de Apoio à Criança, que na verdade eram escolas de tempo integral inspiradas nos Centros Integrados de Educação Pública (os CIEPs), criados por meu pai. A aproximação com Collor rendeu verbas para o Rio que viabilizaram, entre outras obras, a construção da Linha Vermelha — via expressa alternativa à avenida Brasil —, ao mesmo tempo que acarretou um grande desgaste político para meu pai. Sempre imagino que a relação Collor-Brizola deve ter feito a “nomenclatura” bufar.

O começo do fim de Collor aconteceu com um estranho caso de superfaturamento de bicicletas em uma loja vinculada ao ministro da Saúde, Alcení Guerra, amplamente denunciado¹⁶ (o que poderia parecer uma história da carochinha diante dos desmandos que ocorrem hoje). Em seguida apareceu a história de um Fiat Elba usado na campanha política e comprado com um dinheiro de origem não muito bem explicada na conta do tesoureiro PC Farias, que acabou se transformando em um dos estopins do *impeachment*. Um carro desses hoje custaria cerca de 30 mil reais, quando muito. Ora, essa quantia não passa de um pagamento em *off* digno de um vereador do interior. Resumindo, Collor caiu por causa de umas bicicletas e de um Fiat Elba. Será verdade? Àquela altura, a Globo já havia declarado Brizola seu principal oponente e faria o que estivesse a seu alcance para não permitir seu acesso a nenhum novo cargo no Executivo.

64. Finalmente o encontro com Fidel Castro

Sempre procurei ajudar meu pai como pude. Em 1992, durante a grande Cúpula da Terra, no Rio, que atraiu muitos líderes mundiais para a cidade, tive a oportunidade de ser apresentado por meu pai a Fidel Castro, a figura mítica de minha infância, em um jantar na casa dos Brizola. Fiquei impressionado com sua alta estatura, sua simpatia e, mais ainda, com o fato de que ele estava a par do projeto de construção de escolas que eu vinha coordenando na época. Naquela noite, o líder cubano me falou muito sobre as mudanças educacionais que havia promovido em seu país.

Meu pai se distanciara de Castro depois de abandonar a luta armada, em 1967, mas o jantar reaproximou-os, a ponto de ele convidar meus pais para conhecerem Cuba, oferecendo inclusive um jato para buscá-los, o que foi aceito com prazer. Encontrei-me novamente com ele dez anos depois, no hotel em Brasília onde todos estávamos hospedados para acompanhar a posse de Lula como presidente. Castro foi efusivo em suas saudações, querendo saber de meu pai e insistindo que ele descesse até o *lobby* para que pudesse vê-lo também.

Entre outras atividades sociais, acompanhei minha mãe na recepção ao príncipe Charles e à princesa Diana em um evento de caridade com a madre Tereza de Calcutá. Não foi tarefa fácil, uma vez que o casal estava no auge da crise, ambos se mostrando nem um pouco dispostos a conversar.

Meu pai queria que todos nós, seus filhos, nos envolvêssemos na política, mas apenas se fosse para fazer exatamente o que ele pregava: “Existem três condições para estar no PDT: obediência, pobreza e feiura”. Pessoalmente, nunca me interessei. Acho que o remédio “1964” e, em parte, a personalidade de meu pai me impediram.

Na verdade, essas foram as regras que ele sempre impôs a todos que o cercavam, e contra as quais minha mãe sempre teve de lutar, incapaz de ser ela mesma. Como membro de uma família rica, nunca poderia fingir que era pobre, mas sempre obedeceu a meu pai, vivendo a maior parte do tempo de forma modesta, como a esposa de um revolucionário, ainda que com alguma proteção monetária de sua família.

Minha mãe tinha imensa preocupação em aparecer bem publicamente, sendo capaz de passar duas horas escolhendo a melhor roupa e fazendo a maquiagem antes de se encontrar com alguém. Fez vários procedimentos de cirurgia plástica na tentativa de manter a aparência.

Quando penso nas horas que passamos junto a ela esperando dentro de carros meu pai sair de reuniões secretas, percebo que minha mãe deve tê-lo amado muito. Só isso justifica ela ter desistido de tanto quando o seguiu, ficando ao lado dele no exílio durante

todos aqueles anos. Era impossível sair da sombra de meu pai todopoderoso enquanto ele estava vivo.

Isso me leva a refletir sobre um fato tristemente incontestável: os políticos de direita e de centro-direita, em todo o mundo e em todas as épocas, em geral têm grande orgulho de suas famílias, enaltecem-nas sempre que podem, até mesmo aumentando sua importância. O mesmo não acontece com os de esquerda, que tratam suas famílias como numerário ou como um dano colateral. Como filho, posso atestar que para meu pai a família sempre foi um peso, um fardo difícil de carregar. Por isso afirmo: não é nada fácil ser filho (ou cônjuge) de um político de esquerda.

À medida que a idade foi avançando, estar ao lado do marido tornou-se ainda mais doloroso para minha mãe. Por mais que se esforçasse, enquanto sua boa aparência ia se ofuscando, o magnetismo de meu pai continuava atraindo as mulheres. Anos depois, quando descobriu o Viagra, não havia como conter seus ímpetos. Certa vez, ao passar pela alfândega, ele esqueceu que levava uma tesoura na bagagem de mão. Ao abrir a *nécessaire* para o pessoal da segurança, espalharam-se acidentalmente sobre a mesa dezenas de comprimidos azuis, que tratei de recolher rapidamente. Eles sempre brigaram por causa das escapadas de meu pai, que foram inúmeras, mas ela era orgulhosa. Discutia com ele dentro de casa, muitas vezes aos gritos, mas jamais admitiria isso em público.

Querendo reviver os velhos tempos, meus pais foram para Nova York passar o *réveillon* de 1992 para 1993, e aqueles dias que eram para ser de festa foram de dor. Sentindo-se mal, ela foi internada

com uma úlcera perfurada e forte hemorragia estomacal, talvez provocada pelo tabagismo de tantos anos. Ficou dois meses no hospital. Carinhoso, meu pai a visitava duas vezes por dia, passando longas horas à beira da cama, afagando seus cabelos e chamando-a, baixinho, como durante toda a vida fez, de "minha queridinha".

Quando começou a ficar visível que a saúde de minha mãe se deteriorava, resolvemos trazê-la para o Brasil em uma UTI móvel em um voo da Varig. Em seus últimos dias, sem poder falar, trocava bilhetes com o marido. Sabíamos que o desfecho dificilmente seria outro. Em 7 de abril de 1993, dona Neusa faleceu, sendo velada no Palácio Guanabara e, depois, enterrada ao lado do irmão Jango, em São Borja.

Passado o tempo de resguardo, meu pai tornou-se outra pessoa. Sem a ameaça do rolo de macarrão, pôde realmente se dedicar ao amor livre que havia tantos anos cobiçava.

65. O velho político e as novas lideranças

O relacionamento entre Lula e meu pai sempre foi meio difícil. Em determinadas situações, Lula chegava mesmo a ser arrogante, literalmente hostil. Meu pai, contudo, tinha por ele sincera admiração. Mesmo assim, em 1998, ambos resolveram se unir para concorrer: Lula para presidente, meu pai para vice. Quase conseguiram. Lula só conseguiu eleger-se presidente em 2002, mas, àquela altura, meu pai, devido à idade, já não era considerado uma ameaça pela situação, composta por políticos de direita apoiados pelas multinacionais e pelo *establishment*.

Quando ganhou as eleições, em 2002, Lula começou a ter reuniões com diversos políticos brasileiros, e o último deles foi meu pai, na véspera da posse. Meu pai sempre afirmou que o sindicalista mudou muito entre a eleição e a posse. “Lula se transformou em outra pessoa”, ele me confidenciou, e nunca entendi o que queria dizer com isso.

Primeiro o PT cogitou que Brizola fosse ministro da Agricultura. E o que se sabe é que José Dirceu não recomendou, alegando que, uma vez lá dentro, não haveria mais como demiti-lo. Como se vê, eles já tinham um plano bem elaborado de aparelhar o Estado.

Depois, a equipe que tomava conta de Lula chegou a pensar em oferecer a meu pai a Embaixada do Uruguai, um cargo de honra, mas sem nenhum poder político. Como ele tinha negócios no país, seria um ótimo interlocutor. Mas a ideia não agradou. "Ainda vou ter de ficar apertando a mão de Lula na pista do aeroporto de Montevideu como se fosse empregado dele?", ele me disse.

No final das contas, meu pai acabou não participando do governo. Seu sexto sentido era extraordinário... As relações entre ele e Lula terminaram muito mal. Quando meu pai morreu, já estavam praticamente rompidos politicamente.

Já com Tancredo Neves, a relação começou bem e terminou estremeçada. Tancredo sempre foi uma pessoa próxima da família e esteve presente em muitos momentos. Durante o tempo de meu pai em Nova York, foi visitá-lo duas vezes a fim de prepará-lo para voltar, em conversas que duravam muitas horas e durante as quais falavam sobre vários aspectos do Brasil. As farpas começaram quando Tancredo saiu candidato à presidência por eleição indireta. Meu pai condicionou o apoio à realização de eleições diretas seis meses depois de Tancredo assumir. Não sei se o pacto foi de boca ou se foi assinado algum documento. Os dias foram passando, e meu pai começou a cobrar o cumprimento do acordo, mas Tancredo insistia em exercer seu mandato (de seis anos na época) até o fim. A partir daí as desavenças foram crescendo, com Tancredo atacando, baseado no argumento de que meu pai sempre cometeu muitos erros ao escolher assessores.

Meses depois, quando Tancredo ia ser empossado presidente, meu pai anunciou: "Em solidariedade a meu secretariado, não

compareceremos a sua posse". Horas depois que essa afirmação foi divulgada, Tancredo estava na porta de seu edifício da avenida Atlântica, sem imaginar que seria conhecido para sempre como "o presidente que nunca tomou posse". E em seguida aconteceu tudo aquilo que o país testemunhou. De temperamento analítico, irônico, e às vezes até debochado, era curioso o jeito como meu pai se referia a determinados políticos e partidos. Chamava, por exemplo, José Sarney de "um provinciano esperto". Fernando Henrique, meu pai comparava a um pássaro que se infla ao ouvir elogios, até que abre o bico e solta o queijo. Para ele, FHC era um poço de vaidade que acabou entregando "o queijo" (todas as empresas que privatizou). No final de sua vida, reconheceu que FHC sempre se comportou como um estadista durante e depois de seu mandato. Mas nunca concordou com a maneira que as empresas estatais foram negociadas.

Certo dia, em Itaipava, ao vermos uma galinha andando com seus pintinhos, que a seguiam pelo pátio, ele imediatamente relacionou a cena com o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). Eu corriji: "Não, pai, parece mais o PDT. O galinheiro, ali onde estão as galinhas no poleiro, é que é o PMDB". E ele riu.

Embora não fosse propriamente um leitor, muito menos um intelectual, o discurso coerente e as ações de meu pai foram observados por vários escritores. Quando morreu, encontrei entre seus guardados uma camiseta que saudava sua posse como governador do Rio Grande do Sul em 1959, com versos de Pablo Neruda.

Não consegui provar sua autenticidade.

Anos depois, em 1965, quando já estávamos no exílio, Neruda manifestou-se outra vez, enviando para meu pai uma carta de solidariedade política. No mesmo envelope, vinha outra carta, endereçada a minha mãe, na qual ele adaptou um conhecido poema de sua autoria para, em forma de receita, saudar o famoso sopão dos eLivross que ela oferecia. Esse poema Neruda chamou de "*Oda del caldo de congro*".

Señora Neuza:

Esta es una buena receta. Es fielmente una comida que prepara Matilde, mi mujer. Se ha probado muchas veces.

El congreso no existe en el Atlántico: usted debe inventarlo. Buen apetito y en todo caso tienen usted y su familia mi casa junto al mar de Chile donde los esperamos con la olla llena de agradables productos de la tierra y del mar. La saludo con gran respeto y afecto,



Pablo Neruda.

Querida:

Reciben mi linda carta?

Infelizmente hoje não há tempo para notícias mais longas. Não é esse caso, vamos! De Isla hegra in Santiafo e dentro de 48 horas Valparaíso. Para voltar, em seguida in Isla hegra. Estor montada no lombo de um fucaço. Beijos. Tu me

Deputado Leonel Brizola.

Querido amigo:

He leído con emoción su noble carta. Tan elevados sentimientos expresados en estas circunstancias de su país me reiteran una vez más la confianza que tuve siempre en su integridad de autentico luchador del pueblo.

Más de una vez hemos pensado que el horizonte desaparecía para siempre, más de una vez hemos visto que una sombra ignominiosa osurecía nuestros pueblos. Siempre se despejaron esas sombras, siempre volvió a brillar el camino. Somos depositarios de una esperanza vinculada tan fuertemente a la realidad y a la verdad que no podemos permitirnos esceticismo ni pesimismo aún en las transitorias derrotas.

Nuestros adversarios pertenecen a un mundo desesperado, sólo la violencia y la crueldad pueden mantenerlos. Pero la consciencia y el corazón de los hombres no aceptan la permanencia de estas imposiciones.

Usted y las otras personalidades que interesan el futuro del Brasil encontrarán el camino de la unidad victoriosa, de la unidad sin exclusiones que permita el restablecimiento de la libertad y la dignidad para el gran pueblo hermano.

Espero podremos verlo a usted en Chile después del 4 de Setiembre. Lo recibiremos con la estimación y la admiración que muchos chilenos desean manifestarle.

Lo saluda cordialmente



Pablo Neruda

Tudo na vida de meu pai tinha um cunho político. Fui testemunha de como ele vivia a política 24 horas por dia, alimentando-se dela até o final da vida. Como prova adicional disso, depois que ele morreu, ao vasculhar seu apartamento em Montevideu, encontrei em seu escritório um papel com palavras soltas e grafadas com a letra incerta que ele tinha quando velho. Era uma crítica ao primeiro ano do governo Lula. Ah, se ele estivesse vivo hoje...

Retaliação antropofagia balaio de caranguejos desgoverno

66. Revisitando o Palácio

Recentemente os porões do Palácio Piratini foram revitalizados e o local de onde meu pai transmitia seus discursos recebeu o nome de Memorial da Legalidade. É possível fazer visitas guiadas ao Palácio, agendadas previamente. O Memorial faz parte do roteiro.

Perto de encerrar este livro, fiz questão de visitar o Palácio e fui muito bem recebido — de forma respeitosa e bastante afetiva — pelo atual governador, José Ivo Sartori, e pela primeira-dama, Maria Helena Sartori, que me abriram as portas e destacaram uma boa equipe para me acompanhar em um passeio por todo o edifício.

Morei ali de 1960 a 1963, bem no auge da infância, e essa foi a primeira vez que pisei naquele edifício desde junho de 2004, quando meu pai faleceu, no Rio de Janeiro, e foi velado nas casas dos dois governos que liderou: primeiro no Palácio Guanabara, depois, no Piratini. Na época o governador do Rio Grande do Sul era Germano Rigotto, que me permitiu fazer um pequeno e rápido *tour* pelo Palácio, que me pareceu estar sendo bem cuidado.

Catorze governos se sucederam desde que moramos lá, e, desta vez, a sensação que tive foi de vazio. Tudo aquilo que dava alma ao Palácio — e que eu esperava ver — foi removido. Grande parte do mobiliário de época, que, depois da grande reforma promovida por minha mãe em 1959, se espalhou pelos salões por muitos anos

depois da nossa partida, agora repousa em um corredor à espera de reforma. Pelo que sabemos, o governador Tarso Genro (2011-2014) optou por levar para lá grande parte da máquina administrativa, transformando a ala residencial em uma repartição pública. Pode ter sido essa a razão de tudo estar hoje tão danificado, requerendo um tipo de manutenção bastante dispendiosa. Poucos salões permaneceram como eram naqueles tempos, com todo o brilho e toda a suntuosidade de um palácio.

Um bem como esse deve ser preservado, em qualquer circunstância. Basta lembrar que, quando Lenin entrou em Moscou, seus partidários queriam incendiar o Kremlin, e ele impediu que a multidão o fizesse, porque os palácios precisavam ser preservados por sua história e importância artística.

Eu também não conhecia ainda o Memorial da Legalidade e gostei de visitar o espaço. Acho boa a iniciativa, mas, na verdade, a gestão de meu pai deixou uma história bem maior do que a que é mostrada ali. Acredito que esse episódio tão importante para o Brasil ainda poderia ser mais bem contado, assim como toda a história que encerra o Palácio Piratini, onde, bem antes de nós, também moraram Getúlio Vargas e Borges de Medeiros com suas famílias, entre outros.

67. Perdas importantes

Meu padrinho Raul faleceu em 1995, e Mila o seguiu em 2011, aos 95 anos, deixando uma lacuna afetiva em minha vida. Outra que fez muita falta foi minha tia Landa, que, sem dúvida, foi a grande figura dos Goulart. Com a morte de minha avó Tinoca, ela assumiu naturalmente o papel aglutinador, que se estendeu por quase meio século, com muita afetividade e sabedoria. Promovia almoços em sua casa, que estava sempre cheia, e todos a adoravam.

Tia Landa e minha mãe eram as mais bonitas dos Goulart. Ela era católica fervorosa, talvez a única que tinha uma fé verdadeira em toda a família. Dona de grande inteligência emocional, tinha uma sensibilidade aguçada. Parecia ler o pensamento das pessoas e dizia o que cada um de nós precisava ouvir. Todos os Goulart, sem exceção, a procuravam para pedir conselhos e ouvir ensinamentos, inclusive meu tio, e até mesmo meu pai.

Essa minha tia tão querida morava em uma casa enorme em Porto Alegre, com cinco quartos, várias salas e toda organizada, ponto de encontro obrigatório da família no café da tarde. No jardim da frente do casarão havia um laguinho alimentado por um estranho chafariz com uma escultura grega que lançava água pela boca. Em 1964, em pleno período negro, quando ficamos com ela, tive pesadelos terríveis com aquele "monstro" feito de azulejos azuis,

amarelos e brancos. Com sua fala delicada, tia Landa sempre acabava me acalmando.

Sua principal característica era falar tudo no diminutivo. Até quando sua casa foi invadida durante uma tentativa de roubo, ela se dirigiu ao meliante perguntando: "Seu ladrãozinho, o que o senhor quer daqui?". O homem deve ter ficado tão estupefato com o bizarro tratamento carinhoso em uma situação como aquela que saiu correndo sem nada levar. Essa é uma das passagens mais divertidas, que toda a família gosta de lembrar, dessa figura que soube como ninguém administrar os egos, extrair os melhores sentimentos de todos e conduzi-los para boas decisões. Com sua morte ninguém mais assumiu esse papel e a família hoje está mais dispersa.

Tia Landa tinha a mesma idade de minha madrinha Mila e, curiosamente, ambas morreram aos 95 anos, com sete dias de diferença (dia 10, tia Landa, e dia 15 de abril de 2011, Mila). E, por uma coincidência do destino, no dia 27 desse mesmo mês, faleceu minha irmã Neusinha. Três mulheres que influenciaram enormemente minha vida.

68. Filhos: orgulhos e mágoas

Eu me casei com uma mulher maravilhosa, colega de faculdade, logo depois de meu pai voltar do exílio, e tivemos um filho, João Eduardo, hoje com 28 anos. Em 1994, depois da morte de minha mãe e do meu divórcio, mudei-me para a Califórnia, e esse afastamento físico me permitiu analisar minha relação com meu pai. A partir daí, o relacionamento com ele melhorou muito. Em 1995, por exemplo, dois anos antes de a Grã-Bretanha devolver Hong Kong, fui com ele à China em uma visita de Estado. Meu tio Jango havia sido o primeiro líder latino-americano a fazer uma aproximação com os comunistas chineses, justamente uma das razões que levaram os norte-americanos a querer se livrar dele. Os chineses sempre foram gratos a minha família por esse gesto, e agradeceram o fato de termos aceitado seu convite mostrando enorme hospitalidade e amizade.

Nessa viagem, pudemos ver que havia uma clara diferença entre os que nasceram antes da fundação da República Popular, em 1949, e aqueles que nasceram depois, mais altos, fortes e robustos. A partir da revolução, os chineses criaram uma nova geração, e penso que precisamos fazer o mesmo no Brasil, se quisermos dar alguma chance aos muitos milhões de pessoas presas à pobreza. Foi por isso

que meu pai sempre lutou em sua vida tumultuada, e até o final era o que ele tentava me provar.

Já com meu irmão as coisas foram diferentes: eles se desentenderam a ponto de não se falarem por quase dez anos, os últimos da vida de meu pai. José Vicente quis seguir carreira política, conseguiu eleger-se deputado, mas jamais se destacou nesse campo. Também abriu várias empresas no Brasil e todas quebraram. Depois, empregou toda a herança que ganhou com o falecimento de minha mãe na compra de uma fazenda no Uruguai. Em 2000, contudo, já estava completamente endividado, devido a sua própria má gestão, e correndo perigo de ter as terras tomadas pelo banco.

Afastei-me de José Vicente quando ele saiu do Uruguai para estudar em Porto Alegre. Nosso afastamento se aprofundou ainda mais quando fui morar nos Estados Unidos. Mesmo assim, acompanhei pela família sua trajetória, sempre cheia de revezes, ressentimentos e internações em clínicas psiquiátricas. Quando José Vicente viu que não tinha talento para ser fazendeiro, voltou ao Brasil, desligou-se do PDT e filiou-se ao PT, que o recebeu de braços abertos, justamente para incomodar meu pai. Meu irmão apoiou diversas ações do partido até ser expulso, em março de 2004.

Antes, em 2001, forneceu material para uma matéria da *Veja* na qual a revista acusava meu pai de ter quadruplicado o patrimônio desde a volta do exílio, com fotos da casa e da fazenda, na tentativa de provar que o grande Brizola era multimilionário e hipócrita.

A matéria, supostamente baseada em documentos cedidos pelo próprio José Vicente, foi devidamente contestada por meu pai ao declarar que seu patrimônio não somava a herança de valor

indiscutível deixada por minha mãe. De maneira irônica, meu pai disse aos jornais que o filho devia estar exagerando na bebida. Nunca mais se falaram depois disso.

Meu irmão morreu em 2012, deixando três filhos maravilhosos que seguiram carreira política, sempre com meu apoio: Juliana Brizola (hoje deputada em Porto Alegre), Leonel Brizola Neto (vereador no Rio de Janeiro) e Carlos Daudt Brizola (que foi vereador, deputado federal e ministro do Trabalho do governo Dilma).

José Vicente teve outros dois filhos no segundo casamento, com os quais não tenho muito contato. Neusinha, que morreu antes dele, em 2011, teve dois filhos, Layla e Paulo César. Meus irmãos deram bastante trabalho à família, mas pessoalmente não tenho mágoa deles.

São muitas as histórias, e algumas das marcas dos Goulart e dos Brizola já começaram a se apagar fisicamente. Recentemente, fiz questão de passear a pé pelo Moinhos de Vento e constatei que muita coisa mudou. Multiplicaram-se os pontos comerciais e o trânsito é mais intenso na região. A casa de meus pais não existe mais. Outro imóvel foi erguido em seu lugar, mas o *flamboyant* plantado por minha mãe no jardim da frente em 21 de setembro de 1958, Dia da Árvore, ainda está lá, forte e vigoroso, uma memória que ultrapassa os dez metros de altura.

Alegrou-me ver que o bairro mudou bastante e, apesar de toda a verticalização da área, os pés de jacarandá ao longo das calçadas ainda estão lá, assim como boa parte dos sobradinhos. Também não existem mais as casas de tia Landa e das outras tias, que moravam

todas muito próximas. A única que ainda está de pé é a de tia Maria, hoje sede de uma empresa.

O que talvez nunca venha abaixo são as lembranças deixadas por esse convívio familiar sempre encharcado de política. Alguns traumas também permanecem em mim muito nítidos, como o pavor de viver sem documentos — procuro me certificar o tempo todo de tê-los comigo. E um medo permanente da mídia, um receio, tantas vezes sentido na pele, de que a imprensa, quando menos se espera, pode nos atacar, nos escorraçar. Essa é a razão de eu sempre ter tido muito cuidado com a minha privacidade.

69. O final da vida

Durante muito tempo tive diferenças com meu pai. Mas, felizmente, à medida que foi envelhecendo e seus poderes começaram a minguar, tornou-se possível conversarmos de igual para igual sobre assuntos antes difíceis de abordar com ele. Sobre meu divórcio, por exemplo, meu pai sempre dizia, como um ensinamento: “Mulher é a coisa mais linda que existe. Só que, por trás da mulher, tem ‘a mulher’, e aí já não é tão bonito quanto parecia”. Felizmente eu e minha ex-mulher somos muito amigos até hoje.

Depois de ter morado algum tempo nos Estados Unidos e saber onde, de fato, estava o poder, me senti mais seguro para, pela primeira vez, dizer a ele o que pensava sobre aqueles tempos turbulentos em nossas vidas. “Você cometeu dois erros”, eu disse. “Subestimou o poder de Wall Street e subestimou o poder de Hollywood. Pensou que o poder dos Estados Unidos fosse puramente militar, mas há três pilares que os sustentam: Wall Street fornece o dinheiro e manipula a economia, e a mídia controla a propaganda e a forma como o mundo pensa, tudo isso via Hollywood, que vende o ‘sonho americano’. Se ambos falharem, então as forças armadas oferecem a opção final.” Hoje, acho que o poder deles ganhou um quarto pilar, com base no desenvolvimento do Vale do Silício e tudo que emanou de lá no último par de décadas.

Em 1998, já quarentão, pude tocar em um assunto que ele jamais teria tolerado no passado.

“Você nos criou sem fortalecer a nossa autoestima”, eu disse.

“Sim, eu sei disso”, ele concordou.

“Por quê?”

“Ignorância. Eu não sabia como fazer melhor...”

Meus pais e meus irmãos estão mortos agora. Sou o último remanescente que se lembra do quanto a sorte da família flutuou durante esses anos de transformação do Brasil. Foram décadas difíceis que, no entanto, construíram as bases para o crescimento de que o Brasil desfrutou graças a homens como João Goulart e Leonel Brizola.

No enterro de meu pai, minha prima Denise, filha de Jango, levou-me para um lado.

“Você sabia que ele me ligou cerca de uma semana antes de morrer convidando eu e uma amiga para jantarmos em sua casa?”

“Eu não sabia. O que ele queria?”

“Ele abriu o melhor vinho que tinha e disse: ‘Denise, quero pedir desculpas por todos os erros que cometemos com você, seu irmão e meus filhos. Fomos muito egoístas.’”

Infelizmente seu orgulho nunca permitiu que ele dissesse a mesma coisa para meu irmão, minha irmã e eu.



1. Família reunida no casamento dos meus pais, entre eles dona Vicentinha, de preto, no sofá, e, logo atrás, João Goulart. Ao lado dela, sentado ao centro do sofá, está Getúlio Vargas.
2. Lua de mel em Buenos Aires, no melhor estilo.
3. Churrasco em Capão da Canoa.



1. Minha mãe: uma beleza que despertava paixões, em foto tirada antes de conhecer meu pai.
2. Tradicional foto do casamento: meu pai, Getúlio Vargas e minha mãe.



1. Presidente Getúlio Vargas com José Vicente, meu irmão, em 1954.
2. Meu batizado.
3. Férias na praia em Capão da Canoa.



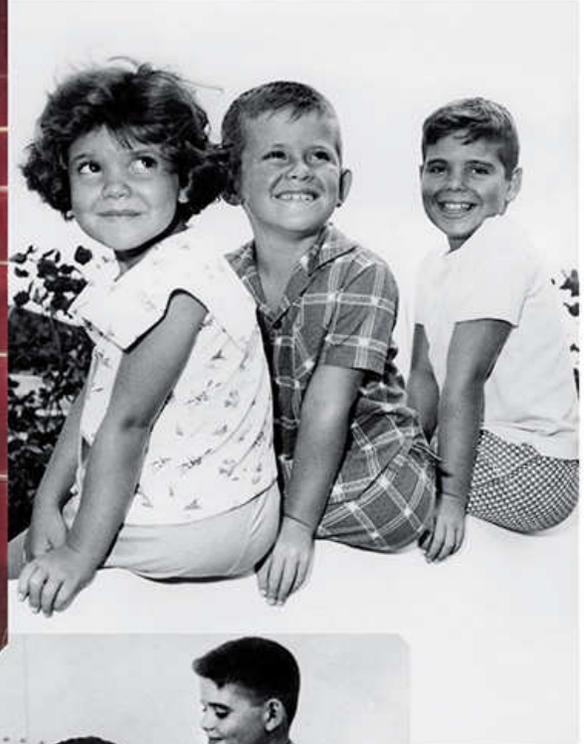
1. No Palácio Piratini, em 1961.
2. Minha festa de primeiro aniversário.
3. Eu e meus primos Vicente Luiz e José Henrique.



1. Meu pai com João Goulart, logo após sua chegada ao Brasil, em 1961.
2. Na apoteótica chegada de João Goulart a Porto Alegre, na Legalidade.
3. Ainda criança, fazendo campanha em eleições.



1. Na Fazenda Pangaré, em 1962.
2. Meu pai, meu irmão e eu pescando nos molhes do Rio Grande.



1. Capa da revista O Cruzeiro em 1961, logo após a Legalidade.
2. Em Capão da Canoa, posando com meus irmãos.
3. Retrato de família quando meu pai era o governador do Rio Grande do Sul.

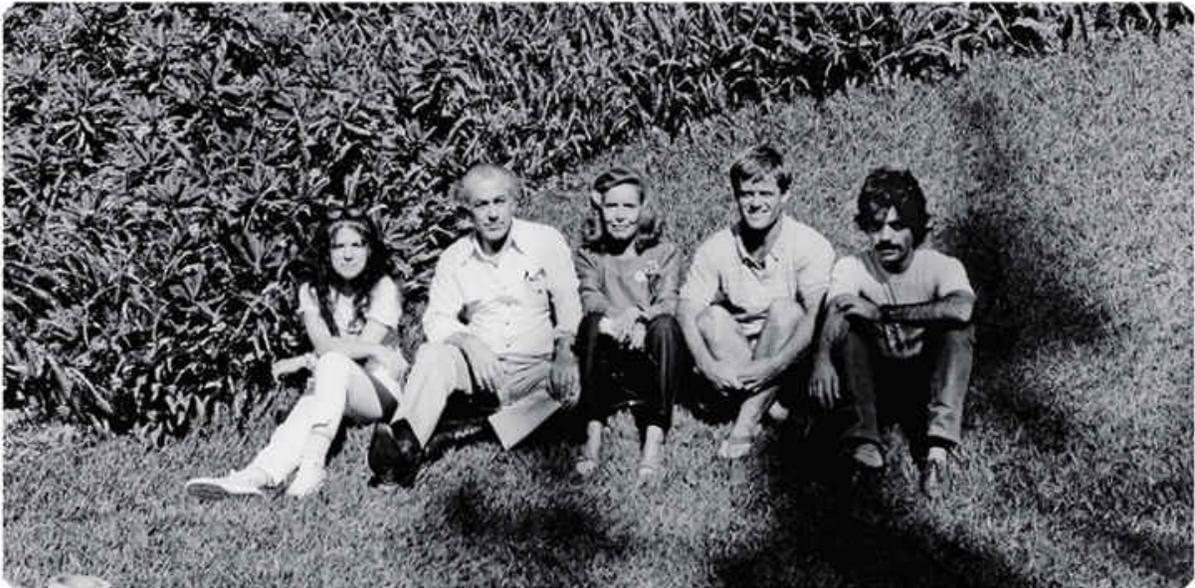
1. Noticiário local da nossa chegada ao Uruguai.
2. Família reunida.

"Se tenho uma certeza é a de que o povo brasileiro sairá da situação em que se encontra, não para uma volta ao passado, mas para um nível superior de sua vida política e social"

Leonel Brizola



1. Mensagem clandestina do meu pai que circulava pelo Rio Grande do Sul, na época do exílio no Uruguai.
2. Meus pais em Lisboa, em 1978.
3. Meus pais na "fazendinha", em 1967.



1. Minha mãe em Lisboa, em 1979, em um momento de descontração.
2. Os tempos em Nova York.

3. Família reunida já no Brasil, em 1985.



1. Minha mãe, já mais velha, sempre apoiando meu pai.
2. Cerimônia de posse do primeiro governo do Rio de Janeiro.
3. Antes da chegada da urna eletrônica.



1. Com Nelson Mandela e Austregésilo de Athayde.
2. Com o antigo rei da Espanha, Juan Carlos, que meu pai sempre admirou.
3. Com o então líder da União Soviética, Mikhail Gorbachev.



1. Com dona Leda Collor e o então presidente Fernando Collor de Mello.
2. Com o primeiro-ministro de Portugal, Cavaco Silva.
3. Com Adolpho Bloch.



1. Com Xuxa.
2. Darcy Ribeiro e eu em visita ao Ciep.
3. Oscar Niemeyer e eu na obra do Sambódromo.



1. Em 1984, na inauguração do Sambódromo, com minha mãe e minha irmã Neuzinha.
2. Minha mãe com o cientista Albert Sabin.
3. Com a minha madrinha Mila Cauduro e Fátima na Casa Cor de Porto Alegre.



1. Em visita à China com meu pai, conhecendo a muralha.
2. Com meu filho João Eduardo.
3. Três gerações dos Brizola, cada um com suas características pessoais.

¹ O documentário *O dia que durou 21 anos* (2013), dirigido por Camilo Tavares, confirma a versão de meu tio. O filme está disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=U91gtFREBY0>>.

² O primeiro a chegar teria sido Belchior Rodrigues Goulart, um descendente de imigrantes açorianos que chegaram ao Rio Grande do Sul na segunda metade do século XVIII. No Porto de Viamão, em 1752, havia pelo menos três imigrantes que usavam o sobrenome de origem flamenga "Govaert". Esse nome provavelmente foi modificado para Goulart. Todavia, há registros tanto dos nomes Govaert e Gouvaert como de Goulars, Goulard ou Goulart entre as famílias da Valônia e de Bruxelas. Ver: <<http://www.institutojoaogoulart.org.br/conteudo.php?id=17>>.

³ O dicionário valão ajuda a dar mais credibilidade a essa versão.

⁴ Vicente Rodrigues Goulart foi um estancieiro e coronel da Guarda Nacional que lutou a favor de Borges de Medeiros na Revolução de 1923.

⁵ Ver: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u61836.shtml>>.

⁶ Ver: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u61836.shtml>>.

⁷ "Embaixador fora de série", por Augusto Marzagão: "O embaixador Hugo Gouthier era uma figura singular na diplomacia brasileira. Polêmico, combativo, cercado de amizades fiéis e de desafetos impiedosos, amigo de Juscelino e do presidente Kennedy, envolvia-se em complicações políticas internas e externas. Não fora assim, e o Brasil jamais teria adquirido para a nossa Embaixada em Roma uma joia do patrimônio histórico italiano, o Palácio Dorea Pamphili." Ver: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1110200216.htm>>.

⁸ Ver: <<http://www.pdt-rj.org.br/paginaindividual.asp?id=265>>.

⁹ Ver: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/AConjunturaRadicalizacao/A_marcha_da_familia_com_Deus>.

¹⁰ Ver: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Patrick_Peyton>.

¹¹ Clóvis Brigagão e Trajano Ribeiro, *Brizola*, Rio de Janeiro, Paz & Terra, 2015, p. 213-214.

¹² Mais detalhes sobre o caso no livro *Plim-plim: a peleja de Brizola contra a fraude eleitoral* (São Paulo: Conrad, 2005), escrito pelos jornalistas Paulo Henrique Amorim e Maria Helena Passos. Ver: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Caso_Proconsult>. Aqui a Globo se defende: <<http://memoria.oglobo.globo.com/erros-e-acusacoes-falsas/caso-proconsult-9328203>>.

¹³ *A história secreta da TV Globo*, documentário dirigido por Simon Hartog, produzido em 1993 pelo Canal 4 da BBC, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eIbLM8PV_rQ>.

¹⁴ Semente de uma planta aquática chamada arroz selvagem, encontrada principalmente nos Estados Unidos e no Canadá, e que foi parte da dieta dos índios norte-americanos por séculos. Sua cor muito escura e o sabor que lembra vagamente o de nozes tornam esse alimento interessante para trazer variedade e originalidade ao cardápio.

¹⁵ Ver: <<http://www.pdt.org.br/index.php/pdt/lideres/verdades-e-mentirassobre-o-subdesenvolvimento/vida-e-obra>>.

¹⁶ Ver: <http://observatoriodaimprensa.com.br/armazem-literario/_ed758_escandalos_marcaram_o_inicio_dos_anos_1990/>.